

CORRIJA SEU FILHO

A FORMAÇÃO DO HOMEM





MONS. ÁLVARO NEGROMONTE

DIRETOR DO ENSINO RELIGIOSO NA ARQUIDIOCESE DO
RIO DE JANEIRO

CORRIJA O SEU FILHO

Capa de AUGUSTO PINHO

EDIÇÕES RUMO S. A.
RIO DE JANEIRO — 1961

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

ALGUMAS OBRAS DE
Mons. ÁLVARO NEGROMONTE

HISTÓRIA DA SALVAÇÃO (Ilustrado)

A EDUCAÇÃO SEXUAL (Para Pais e Educadores)

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

NOIVOS E ESPOSOS (Problemas do Matrimônio)

PREPARAÇÃO PARA A PRIMEIRA COMUNHÃO



EDIÇÕES RUMO S. A.
AV. 13 DE MAIO, 23 — 4º andar — Caixa Postal 55 (LAPA)
RIO DE JANEIRO — Estado da Guanabara
<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

NIHIL OBSTAT

Rio de Janeiro, 4/8/61

Cón. Luiz Cordioli

IMPRIMATUR

Rio, 5/8/61

Mons. José Silveira

Vig. Geral

ÍNDICE GERAL

	Pág
PROÊMIO	9
EDUCAÇÃO MODERNA	13
Uma justa atitude, 13 — Mais psicologia, 14 — Adaptar-se à criança, 15 — A necessidade de afeto, 17 — A força do ambiente, 18 — Trabalho em profundidade, 19.	
CORREÇÃO DAS CRIANÇAS	21
Necessidade da correção, 21 — Finalidade, 23 — Corrigir não é castigar, 26 — Trabalho de educação, 28 — Os pais e a correção, 29 — Querer corrigir, 29 — Um exemplo da Bíblia, 30 — Conhecer os filhos, 31 — Alguns exemplos, 33 — Saber corrigir, 34 — Estabelecer princípios, 49 — Modos de corrigir, 49 — Fazer aceitar a correção, 53 — Evitar a correção, 55.	
O AGITADO	58
A criança agitada, 58 — Tipos de agitação, 59 — Causas da agitação, 60 — Tratamento, 62 — Como realizá-lo, 63 — Amparo dos educadores, 66.	
O COLEGIO	67
Infantilismo, 67 — Há outras causas, 68 — Como curá-lo?, 70 — O domínio de si, 73.	
O DESOBEDIENTE	75
De quem é a culpa, 76 — Mas os tempos mudaram, 76 — Por que desobedecem, 77 — Para poder mandar, 79 — Finalidade da obediência, 81 — Algumas normas, 82 — Qualidades da obediência, 84 — Preparar a obediência, 85 — Facilitar a obediência, 87 — Os desobedientes, 99 — Outras indicações, 100 — Não haverá castigos?, 102 — Vantagens da desobediência, 103 — Perigos da obediência, 104.	

	Pág
O EGOÍSTA	107
Criança e jovem, 108 — Influência dos pais, 108 — Educação social, 109 — Firmar a doutrina, 112.	
O QUE NÃO QUER ESTUDAR	114
Um momento delicado, 114 — Será mesmo preguiça?, 115 — Há outras causas, 116 — Desinteresse, 117 — Trabalho da escola, 117 — Desanimados, 118 — Alguns pais não entendem..., 120 — Os pais não apóiam, 121 — Como ajudar os filhos, 122 — Sempre ajudando, 125 — Estimular, 126 — Os pais e a escola, 127.	
O QUE MEXE NO ALHEIO	131
Carências profundas, 132 — Doces e brinquedos, 133 — Promessas descumpridas, 133 — A fome, 134 — As inferioridades, 134 — Desfalques afetivos, 135 — Furtos "inúteis", 136 — Outras causas, 136 — Por sugestão, 137 — Aventuras, 138 — Doença, 139 — O primeiro cuidado, 139 — Que castigo dar?, 140 — Que fazer então?, 141 — Senso de justiça, 142 — A criança e o dinheiro, 143 — E o pecado?, 144.	
O GULOSO	145
Tipos de gulosos, 145 — Causas, 146 — Os males da gula, 147 — Tratamento, 148.	
O MEDROSO	152
Mêdo ao desconhecido, 152 — Ensina-se o mêdo, 152 — Recomendações excessivas, 154 — Vida doméstica, 154 — Conseqüências, 155 — Evitemos o mêdo, 155 — Dar segurança, 155 — Ambiente normal, 156 — A criança forte, 156 — Com as mais sensíveis, 156 — Não meter mêdo, 157 — Não ridicularizar, 157 — Infundir coragem, 157 — Confiança em Deus, 157 — Consultar o médico, 158 — Temores benéficos, 158 — O temor de Deus, 158.	
O QUE FALTA À VERDADE	160
Mentiras infantis, 160 — Mêdo, 161 — Interêsse, 161 — Compensação, 162 — Sugestão, 163 — Fantasia, 164 — Vaidade, 166 — Altruísmo, 168 — Maldade, 168 — Doença, 170 — De modo geral, 171 — E os castigos?, 174 — O pecado da mentira, 175.	

	Pág.
O ORGULHOSO	177
O paranóide, 177 — Fontes do orgulho, 179 — Os motivos, 179 — O ambiente, 180 — Os pais fomentam, 180 — Subversão de valores, 181 — Orientar o orgulhoso, 181 — Hierarquizar os valores, 182 — Não fomentar o or- gulho, 182 — Falar ao bom senso, 183 — A sanção na- tural, 183 — Recursos sobrenaturais, 184.	
O PREGUIÇOSO	185
Haverá criança preguiçosa?, 185 — Saúde física, 186 — Saúde mental, 187 — E não se castiga?, 193 — Atitudes gerais, 193.	

P R O Ê M I O

Em educação, o fim é essencial, mas o modo de agir é decisivo para atingi-lo. Importa, acima de tudo, saber o que se quer; mas importa também saber como se há de consegui-lo.



A educação tem uma filosofia, que lhe dá princípios e finalidade; e tem uma técnica, que lhe assegura os meios de realizar-se. Sem aquela, ela é informe e vazia, como a terra do Gênesis; sem êstes, podem ruir as suas construções.



É necessário guardarmos sempre a ordem dos valores; mas, na vez de agir, é igualmente necessário sabermos para onde vamos, conhecermos o caminho e têmos meios de condução. No caso: o fim, a psicologia, os métodos da educação.



Erravam os que só viam a meta, sem examinar os meios de realizá-la, como erram também os que tanto se encantam com os meios que se esquecem de buscar o fim. Por outras palavras: é preciso não pensar só em moral, nem cuidar só de psicologia. O certo é proporcionar os meios para alcançar o fim, lembrando que

educação é domínio da Moral, e psicologia é excelente conhecedora dos caminhos.



Estudados os ideais da educação (1), seria de dizer agora que a boa vida de família é o seu ambiente próprio. Preferi acudir às aflições dos pais, como num socorro de emergência. Confio à Divina Providência o livro sobre a ação da família na educação: se Ela me der vida, saúde e tempo...



Não reputo a educação uma tarefa difícil. Deus a confiou a todos os pais, e o que é para todos há de ser fácil. A melhor prova disto são os educadores verdadeiros que encontramos entre pessoas simples e mesmo ignorantes. Desde que se penetrem da sua missão e cumpram o dever...



As maiores dificuldades da educação são criadas artificialmente. Os pais se omitem, cultivam os erros próprios e dos filhos, e depois... Então, sim, é difícil.



A generalização da fuga ao dever de educar chegou a ponto de embarçar aqueles que querem fazer aos filhos o que a razão lhes indica e a fé lhes impõe. É o dever quotidiano tornando-se heroísmo!



(1) Em livro anterior — “A Educação dos Filhos” — já fizemos exposição dos fundamentos e ideais da educação.

O pior é que fazemos antes o mal que não queremos do que o bem que desejamos. O inconsciente, carregado de erros e preconceitos, leva-nos freqüentemente para longe do que pensamos e dizemos ser nossa intenção.



Outras vezes, não temos coragem de seguir a consciência, tolhidos pelas pressões do ambiente. É terrível o medo dos amigos e vizinhos!



Este livro quer ser uma ajuda fraterna. Não tem receitas mágicas nem fórmulas infalíveis, que os ingênuos ou comodistas nos pedem. Mas aos de boa vontade oferece elementos que lhes facilitará a missão.

Quando fala em erros e perigos, é para evitá-los, porque deseja ser otimista e construtivo.

Se toma, às vezes, posições antipáticas, não se aborreçam os pais: é melhor ser sincero! Os que enganam e tergiversam, para serem simpáticos, terminam malsinados.



Não recuei em face das repetições. Há insistências que se impõem. Quis dar certa autonomia a cada capítulo. E os leitores hoje são tão apressados que, em vez de remetê-los à página tal, o melhor é repetir. Assim, sobrará mais tempo para cuidarem dos filhos.

EDUCAÇÃO MODERNA

Todos os tempos têm circunstâncias favoráveis e adversas. Os que só vêem virtude no passado, esqueceram-lhe os erros e pecados. Os que aplaudem sem restrições tudo o que é moderno, não dão mostra de bom discernimento. Nem nos voltemos para trás (para não nos petrificarmos como a mulher de Lote), negando-nos a ver a luz do novo dia, nem nos deslumbremos com o progresso, a ponto de olvidarmos o que de perdurável nos legou o passado, para não parecermos meninos que esquecem até de comer quando ganham um brinquedo novo.

No campo da educação, não amaldiçoemos tudo o que fizeram os antigos, abraçando com sofreguidão as novidades; nem reneguemos estas, por saírem dos moldes dos nossos maiores. Mantenhamos o equilíbrio: guardemos os valores morais, que não mudaram e não podiam mudar, porque a Moral está acima dos homens e dos tempos; e acrescentemo-lhes as conquistas que enriqueceram os domínios da pedagogia. Rejeitando os erros dos antigos, vamos conservar-lhes as virtudes, que maiores e mais produtivas se tornarão com os elementos novos trazidos pelas ciências. Agradeçamos a Deus, que nos ofereceu recursos de que não dispuseram nossos educadores para nos aliviarem de pesos que as crianças de hoje não são obrigadas a carregar.

Uma justa atitude

Passou depressa, aquele conceito de que educação moderna — que uns diziam “americana” e que os adver-

sários ferreteavam de “americanalhada” — era deixar a criança entregue a si mesma, sem lei nem rei. Só o encontramos nalgum retardatário ou nos que pretendem justificar-se da inacreditável desídia com que comprometem os destinos humanos e eternos dos filhos.

Hoje, “educação moderna” significa o cuidado de educar, mantendo os valores eternos da pedagogia, favorecendo-os com os processos que os avanços da psicologia criaram. Os fins são os mesmos — porque dizem com a Moral; mas os caminhos para atingi-los são novos — porque derivam da psicologia — e, como todos os caminhos modernos, fáceis e agradáveis.

Há um mundo de conquistas a aproveitarmos na educação. Não nos fechemos sobre elas, negando-as ou temendo-as. Não as desprezaram nossos educadores; apenas não as conheceram, porque elas não existiam. Fugir-lhes por isso seria como renegar tôdas as conquistas dêste século, porque também não as conheceram nossos avós.

Há, porém, os que temem a educação nova, cuja aplicação demanda conhecimentos e táticas, infelizmente ainda não correntes. Daí tantos erros, que a têm comprometido.

Façamos então como aconselha S. Paulo: “Examinai tudo, aproveitai o que é bom; guardai-vos de todo mal.” (1 Tes 5,21-22). O que importa ao pai de família é saber tirar do seu tesouro valores velhos e novos (Cf. Mt 13, 52).

Mais psicologia

A educação antiga era sobretudo *lógica*. Tinha fins certos, claros e precisos. Procurava-os em linha reta, enfrentando as dificuldades, quebrando as resistências, sem o cuidado de contorná-las nem amenizá-las.

Em matéria de obediência — para dar um dos mais característicos exemplos — o princípio era êste, definitivo:

“Manda quem pode, obedece quem deve”.

E não tinha contemplações, não admitia excusas, não permitia réplicas, não atendia a estados d'alma. Era a submissão — absoluta, pronta e muda. Ou então Sim, porque a sua lógica era servida pela força — força moral, quando possível; ou força física, na qual ela depositava ilimitada confiança!

A educação moderna é sobretudo *psicológica*. Ela mantém os ideais da formação humana integral: “cuidar do corpo para servir à inteligência, cuidar da inteligência para servir à vontade, cuidar da vontade para servir a Deus”. No terreno moral, seus fins são idênticos aos antigos: o domínio de si, o homem do dever, o membro solidário da sociedade e do Corpo Místico de Cristo, o santo. E para isto, os bons hábitos, a correção dos defeitos, o caminho da perfeição. Tudo como antigamente.

Mas *seus caminhos são outros*. Ela estuda cada situação, fala a cada um conforme o seu feitio, aguarda as oportunidades, cria condições favoráveis a seus intuitos, respeita as etapas do desenvolvimento infantil, contorna os obstáculos, evita os atritos, capta a confiança e procura a colaboração da criança, caminhando de mãos dadas com ela para a conquista dos ideais. Podem ser mais longos êsses caminhos, mas são muito mais fáceis, seguros e agradáveis. O mais das vezes, não é a linha reta o caminho mais curto...

Adaptar-se à criança

Muito deve a educação moderna ao melhor conhecimento da criança.

Os antigos pensavam que ela era o homem em miniatura. E sobre êste êrro edificavam a educação. Tudo o que se exige do adulto exigiam êles das crianças. Tudo o que o adulto *deve* fazer impunham êles às crianças, embora em ponto pequeno. Os critérios adultos haviam de ser também os da criança, no respeito à verdade e

à propriedade, nas medidas de descrição, nas meras normas de convivência social, e até no paladar.

Vinham daí os seus *processos*: os “sermões”, os apelos ao dever, os castigos, a remuneração dos êxitos, etc.

Era uma distorção total da criança para adaptá-la a uma organização, na qual só poderá integrar-se aos poucos, na medida em que amadurecer para a vida.

Hoje, porém, sabemos que a criança é inteiramente diferente de nós. Sua mentalidade, seus sentimentos, suas preocupações e interesses, seus critérios de valores, numa palavra — o seu mundo é outro. É mais estulto querer que ela se nos adapte mental, moral e socialmente do que pretender que tenha a nossa estatura física — pois que esta às vezes ela alcança, em perfeita idade e mentalidade infantis. Então, nós é que nos devemos adaptar à criança.

Esse respeito à psicologia infantil é, ao mesmo tempo, o escândalo dos remanescentes educadores à antiga e a força da nova educação. Na medida em que *conhecemos a alma infantil e a respeitamos*, estamos fazendo a verdadeira educação moderna. Quando dos pequeninos exigimos gestos e atitudes, que a nós mesmos custam, estamos *desconhecendo-a* ou *desrespeitando-a*, num flagrante atentado. Mas acertamos e vencemos, quando nos limitamos a suas possibilidades, exercitando a nossa paciência para ajudar o passo miúdo de sua adaptação às realidades exteriores, tão diferentes do mundo dêsse Pequeno Príncipe, cuja transferência para o nosso planêta há de ser feita com o mínimo de conflitos e traumatismos, a fim de conservar a inteireza de sua personalidade.

É postulado básico da nova educação deixar que a criança desenvolva normalmente suas energias vitais, sem outros obstáculos senão os que se opõem a erros.

A necessidade de afeto

Passada a fase em que o pequenino era o nenem, mostrado às visitas, chamado a exhibir-se com suas gracinhas, começava o regime de caserna da educação antiga. As crianças deviam “conhecer o seu lugar”, não tomavam parte em conversas de gente grande, não falavam à mesa, não podiam manifestar sequer os próprios gostos, porque tudo lhes era distribuído de modo a elas o receberem passivamente, gostassem ou não.

Não sabemos como foi possível tanto tempo não se perceber a necessidade de afeto que têm as crianças — como aliás tôdas as pessoas normais. Creio que foi Watson quem mandou as enfermeiras de uma creche trabalharem de máscara. No fim de uma semana, as criancinhas, que receberam os mesmos cuidados físicos, estavam tristes e definhavam! Sim: definhavam, à falta de olhares e sorrisos afetuosos! Instrutiva experiência! Bem dissera Michelet que “a flor humana é a que tem mais necessidade de sol”. Ela vive tanto do amor como do ar.

Frágil, inexperiente, freqüentemente agredida no seu direito de desenvolver-se normalmente, incapaz de defender-se, a criança precisa de apoio que lhe dê segurança e tranqüilidade de vida. Sentindo o afeto dos adultos, experimenta uma segurança que se reflete em tôdas as suas atividades. A fôrça do afeto é a grande alavanca nas suas relações com os adultos. O amor abre os corações à obediência, e a inteligência à compreensão. A criança aprende mais facilmente o que lhe ensina o mestre simpático e querido. E obedece mais ao modo amável de mandar do que às próprias ordens, por sensatas e necessárias que sejam. Amparada pelo afeto, o seu desenvolvimento vital é normal e equilibrado.

Não confundamos, porém, o verdadeiro afeto com carinhos e agrados, às vêzes tão descompassados que prejudicam também o equilíbrio da vida infantil.

A força do ambiente

Com todos os seus erros e deficiências, os antigos conseguiram maior equilíbrio na educação do que os modernos. Como explicá-lo? É que os lares antigos eram tranqüilos e felizes. A família era tão sólida, que nem se ouvia falar, nem se pensava na possibilidade de dissolução. O presente e o futuro das crianças estavam assegurados. As tempestades eram raras, e muito mais raros, raríssimos, os perigos de naufrágio. Essa segurança passava natural e insensivelmente aos filhos, que cresciam sem sustos nem traumatismos, amparados pela garantia da união doméstica.

Hoje, infelizmente, o número de crianças instáveis é enorme. Na família em que as relações afetivas entre os pais não são normais, a maior vítima é o filho. O deprimente espetáculo das discussões e cenas, as ameaças de separação expressas ou entrevistas, o medo de se ver “órfão de pais vivos”, fazem do pobre filho um angustiado, um trepidante. Um especialista como Buck, com milhares de crianças examinadas, pôde afirmar que 90% das crianças “difíceis” o são por causas artificiais.

Excetuados os casos de anomalias constitucionais — físicas ou psíquicas —, a criança-problema é fruto do ambiente sem a estabilidade que o amor assegura.

A educação moderna exige lares assentados na tranqüilidade, com normais relações afetivas dos pais entre si, dos pais com os filhos, dos irmãos entre si, dos mestres com a criança, dos demais membros da constelação familiar.

A paz, a harmonia, a tranqüilidade, a segurança, o equilíbrio interior, a saúde nervosa da criança são, comumente, reflexos do seu meio doméstico.

Assim, pois, as dificuldades da educação emanam muito mais dos adultos que das crianças. Contenham-se e equilibrem-se aqueles que têm a grave missão de educar. Eis uma condição fundamental da educação moderna.

Trabalho em profundidade

No seu desconhecimento da psicologia infantil, a educação antiga *só via as faltas*. Via-as e as castigava, na melhor das intenções, que era corrigir a criança. Frequentemente agia com rigor; às vezes, até com brutalidade.

Acusá-la por isso é como acusar os médicos antigos de auscultarem os pulmões e palparem o abdômen, em vez de pedirem radiografias.

Hoje nós podemos “radiografar” a criança, para vermos as causas de suas faltas.

Não se contenta a educação moderna em tirar os maus frutos: ela busca as raízes da árvore que os produz. Para os antigos, a coisa era muito simples: tirou escondido, era ladrão; não estudava, era preguiça; não aprendia, era “burrinho”; mentiu, era sem-vergonha...

Para os modernos, a tarefa é mais complicada, porém mais humana e produtiva. Comete a criança uma falta. Por que a cometeu? Em que circunstâncias? É um ato isolado, destoante de sua conduta? Ou frequente, denotando tendências? As causas próximas a explicam suficientemente? Do contrário, a que atribuí-la? As atitudes da criança se têm mostrado estranhas? Algum fato novo transformou-lhe a vida? Que influências conscientes ou inconscientes dos educadores poderiam ter determinado a falta ou a mudança? Por outras palavras: — *qual a causa profunda* do procedimento da criança?

Sem buscar as causas, cuidando somente das faltas, pode o educador cometer tão graves erros como o médico que se contentasse com os sintomas, sem procurar o mal que os produz.

A educação moderna penetra a alma da criança para conhecer as causas de suas atitudes. Por isso, é mais difícil: demanda conhecimento, (que em geral os pais não procuraram), observação da criança na cuida-

dosa convivência com ela, e determinação de ajudá-la a chegar aos ideais.

Não é tarefa para superficiais ou displicentes, mas para pais, pais verdadeiros que querem o bem dos filhos, e estão dispostos a cumprir para com êles o dever que a natureza impõe, a consciência exige, os próprios filhos reclamam.

CORREÇÃO DAS CRIANÇAS

Educar é orientar alguém em busca do ideal. Trabalho *positivo*, de construção, que não se pode confundir nem contentar com a tarefa reparadora de corrigir defeitos. Traçar a planta, estudar o material, lançar os alicerces, erguer com solidez os muros, embelezar a obra, que se aperfeiçoará de contínuo até o dia da eternidade — eis o papel da educação.

Nada haveria aí de *negativo*, não fôsem as devastações do pecado original, o pêso das heranças das gerações de que nascemos, o contágio quase irrefugível do meio em que vivemos, os erros dos próprios educadores.

Mas corrigir só poderia ser considerado negativo por quem se contentasse (o que na prática é impossível) em extirpar defeitos, sem os substituir por virtudes. Na verdade, a correção é mais positiva do que a preparação do terreno, para o agricultor ou o construtor. Estes podem destocar e aplinar o campo, sem plantar ou construir, enquanto o educador está plantando e construindo no próprio ato de corrigir.

Necessidade da correção

Pensem-no embora os naturalistas e os pais mais ingênuos ou cegos de mal entendido amor, não há crianças sem defeitos. Por bem dotadas que sejam, sempre os terão. Se muito fortes, as próprias qualidades os trazem consigo. Por isso é de necessidade a correção.

Deus a ordena — “Quem poupa a vara (1) odeia o filho; mas quem o ama corrige-o na hora oportuna” (Pv 13, 24). “Não poupes a correção à criança.” (Pv 23, 13). “Aquêlê que ama o seu filho corrije-o com freqüência, para que se alegre mais tarde” (Eclo 30, 1). E São Paulo, escrevendo aos efésios: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas educai-os na disciplina e na correção, segundo o espírito do Senhor” (Ef. 6, 4).

A razão a requer — A situação do homem em face da moral não é apenas um dado da fé. Faz parte da Revelação, é fundamental ao Cristianismo, porque o Senhor veio para restituir-nos a graça, perdida na queda do pai da humanidade. S. Paulo diz que não faz o bem que quer, e sim o mal que não quer; e sente no corpo uma fôrça que luta contra a fôrça do espírito (Cf. Rm 7, 19-23). São Pedro, na sua primeira Epístola, fala igualmente “dos desejos da carne que combatem contra a alma” (2, 11).

A razão nos mostra a verdade desta situação. Cada um de nós pode repetir o poeta francês que sentia dois homens em si — um que anseia pelo ideal, outro que se inclina para os instintos, arrastando-nos para êrros e desvios, que requerem correção. Correção maior ou menor, própria ou alheia — conforme o caso.

A criança a exige — Sem uso da razão, ou com êste apenas começando, movida pela sensibilidade em pleno domínio, a criança não tem capacidade para dis-

(1) Não tomemos a palavra ao pé da letra, como apologia do castigo físico, hoje condenado pela quase unanimidade dos pedagogos, com os melhores fundamentos, e acusado de graves males na conduta de suas indefesas vítimas. Falando a linguagem dos homens do seu tempo, a Bíblia quer inculcar a necessidade da correção, que é o essencial no seu pensamento, sendo o meio a parte acessória. Aqui, como em muitos outros passos da Escritura, devemos lembrar a sua própria advertência: “A letra mata, mas o Espírito vivifica” (2 Cor 3,6).

cernir o bem do mal, nem vontade suficiente para deter-se em face das solicitações instintivas. É o educador que a deve orientar para fazer o bem e evitar o mal, corrigindo-a, quando ela errar. Sem essa correção, corre a criança o risco de confundir noções contrárias, cuja distinção é essencial à vida moral. Para a criança o bem é o que os pais lhe permitem, o mal o que eles lhe proíbem.

A experiência o confirma — Em todos nós estão os germes de virtudes e vícios, lançados pela própria natureza. Nos cristãos, o Batismo infundiu as virtudes teologais e os dons do Espírito Santo. Mas importa cultivar o campo, a fim de que a boa semente brote, cresça e frutifique, e o joio seja erradicado. Deixado a si o terreno, despontam mais facilmente os espinhos que a boa semente.

É esta a lição da experiência: sem orientação e correção, crescem as crianças estragadas e viciosas; enquanto os frutos de virtude sazonom nas que tiveram o cultivo dos educadores.

Finalidade

É tríplice a finalidade da correção, cada uma marcada por valores, ligada à ordem moral, à vida individual e à ordem social.

Restaurar a ordem moral

Essencial para qualquer pessoa, este aspecto é ainda mais importante para a criança, cujo critério para distinguir o bem e o mal, é às vezes, exclusivamente, o modo de agir dos educadores. Se ela cometeu uma falta contra a moral — um pequeno furto, uma desobediência, uma mentira, etc. —, e não lhe exigimos a reparação, pode parecer-lhe não ser *mal* o que fez. Ou se lhe exigimos umas vezes, e outras não, causamo-lhe

confusão, pois não sabe se o seu ato foi bom ou mau. Esse sentido de restauração da ordem moral, superior aos homens porque pertence à essência das coisas, é indispensável à pedagogia da correção.

Emendar a criança

Do interesse pessoal do educando, aqui está o mais importante da correção. No que tange à ordem moral e à social, o trabalho seria mais fácil. A face pedagógica é mais delicada e complexa, porque lida diretamente com a criança. Em que consiste?

● *Fazer que a criança “compreenda o erro” cometido e “procure evitá-lo” no futuro.* — Não deseja punir, mas melhorar. Se a criança ainda não é capaz de compreensão propriamente dita, vai-se amestrando, lastreando o subconsciente e canalizando as energias para o bem. Sendo capaz de compreender, o trabalho do educador é movê-la ao desejo de corrigir-se, conseguir-lhe o arrependimento da falta e a deliberação de evitá-la.

● *Impedir os maus hábitos e facilitar os bons.* — Fomentando o desenvolvimento dos bons germes e combatendo o dos maus, iremos afastando a criança do vício e afeiçoando-a à virtude. Por sua natural inexperiência, ela errará muitas vezes os caminhos da vida: nós a faremos voltar sobre si e tomar os caminhos certos, até que os aprenda, até que os possa acertar por si, sem mais precisar de guias. (1)

● *Inclinar para o dever.* — A correção não é trabalho de adestramento de animais: mero repetir mecânico até o hábito, firmado em reflexos condicionados. Nem se contenta em castigar, para que a criança

(1) Para a formação dos hábitos não basta a repetição dos atos, a qual não representa educação. O hábito só é durável quando vem de dentro para fora, parte da convicção e da vontade do sujeito. O trabalho do educador está em dar à criança a convicção da necessidade e o desejo de realizá-la. Ver em “A Educação dos Filhos” o parágrafo IX — “Formar hábitos”.

evite o êrro por mêdo. Ela é, na verdade, meio educativo: quer formar a consciência, aguçar o senso moral, ensinar a julgar, dar autodisciplina, ensinar o cumprimento do dever. (2)

● *Ensinar “como” proceder bem.* — A correção visa ao ideal: orienta-se para êle, e não o perde vista — como tudo o que é realmente educativo. Mas caminha para êle passo a passo. É método: diz “como” agir, ensina a fazer, facilita a tarefa. É ajuda pessoal, de ordem prática, de mestre a aprendiz.

● *Criar facilidades à virtude.* — Posta em condições favoráveis, a criança terá facilidades maiores para o dever e a perfeição. Mais do que o adulto, ela cede às sugestões do meio. Por isso, temos maior obrigação de aplinar-lhe o caminho do bem:

● ajudando-a a superar os defeitos, fraquezas e más tendências naturais;

● suprimindo ou enfraquecendo as influências nocivas a sua formação — no lar, na sociedade, na escola;

● dando-lhe resistência para as inevitáveis ocasiões de tropêço: na rua, na escola, nas visitas, no cinema — pois são perigos normais, a que ela deve saber resistir, uma vez que não a queremos educar artificialmente, em redoma ou estufa, mas no mundo, ensinando-lhe a superá-lo, tal como fêz Jesus com seus discípulos: “Não peço que os tires do mundo, mas que os preserves do mal” (Jo 17, 15);

● desenvolvendo-lhe a vida espiritual, a fim de que, pela graça, pela oração, pelo temor a Deus, pelo exemplo dos nossos maiores na fé, ela “não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal pelo bem” (Rm 12, 21), e — melhor ainda — faça do mal que lhe aparecer uma ocasião de apostolado.

(2) Remeto o leitor ao meu “*A Educação dos Filhos*”, onde a formação do juízo e de consciência, o domínio de si, o cumprimento do dever estão tratados com abundância.

Assegurar a ordem

Não subsistirá uma sociedade que não respeita os princípios morais. A impunidade de crimes e vícios é grande responsável pelas desordens que afligem os nossos tempos. Não corrigir os culpados é abrir caminho a novas faltas dêles e dos outros. A experiência nos é por demais farta e onerosa, e dispensa insistência.

Se isto é verdade para adultos, quanto mais para crianças! Negligenciada a correção, abre-se a brecha: a nau da disciplina entra a fazer água, e não tardará o naufrágio, a menos que lhe acudam com redobrados trabalhos.

Corrigir não é castigar

O que dissemos marca a diferença entre correção e castigo — aquela, essencialmente *emendativa*, e êste, ordinariamente *punitivo*. Aliás, os próprios nomes falam por si.

Há mais de um século, o grande pedagogo francês Monsenhor Dupanloup (*“De l'éducation”*) acentuava esta diferença, de que não tomaram conhecimento os educadores em geral.

Para os que procuram mais o próprio sossêgo que o progresso moral dos filhos, castigar é mais cômodo: umas palmadas no pequenino que jogou a merenda no chão, uns bofetões no rapazola que respondeu com arrogância, chineladas na menina que entornou tinta no vestido nôvo, um mês sem cinema para quem não teve média na prova parcial, trancar as crianças no quarto dos fundos porque perturbaram o silêncio de que precisa o pai, e outras medidas policiais do mesmo teor dão “soluções” imediatas, que contentam o adulto desprevenido, mas nada adiantam à educação, e, pelo contrário, a prejudicam.

A experiência ensina que os castigos são aplicados precisamente nas condições em que não se deve sequer

tentar a correção, isto é, sob o impulso das paixões. É na hora da zanga que os filhos apanham! Quando me consultam a respeito de castigos físicos, não perco tempo em combatê-los: aprovo-os, desde que deixem passar a excitação, e, amanhã ou depois, de sangue frio, cabeça serena, chamem a criança, para malhá-la. A resposta é única e infalível: “Ah! mas assim ninguém tem coragem” É um ato impulsivo, bárbaro, desumano, que só se faz quando não se raciocina! Filho da vingança, e não do amor.

Por isso mesmo, longe de educar, os castigos conseguem apenas:

- revoltar as crianças briosas;
- inferiorizar as tímidas;
- eliminar o amor e a confiança, que serão substituídos pelo medo e pela deslealdade;
- fixar as obstinadas, apegando-as cada vez mais a suas faltas, agravando-lhes a situação, dificultando-lhes a correção;
- humilhar, em lugar de estimular (que é a grande tática do educador);
- amedrontar, criando hipocrisias;
- orientar noutro sentido as violências repressadas, que se compensarão no furto, na mentira, na impureza, e noutros derivativos da infelicidade;
- apurar a técnica dos faltosos, para escaparem à fêrula;
- levar ao desespero — menino que foge de casa, menina que casa com o primeiro doidivanas que lhe aparece, para escaparem à tirania do lar.

Os adeptos dos castigos, sobretudo dos castigos físicos, alegam, satisfeitos, os resultados de sua “paudagogia”. De fato, há crianças de tão boa índole que se corrigem mesmo assim; mas são raras. Comum é dar-se apenas uma aparência de melhora. Eliminam-se ou diminuem os frutos, mas a raiz fica, e frutificará de novo, quando cessar a pressão. A pobre criança cede,

vítima de dois elementos que a dominam — por fora a fôrça dos castigos, por dentro a tendência que permanece intacta, quando não reforçada pela oposição.

Mais comum é virem os pais trazer-nos o adolescente, traumatizado, revoltado, endurecido ou humilhado, entregue a vícios, “incorrigível”, pedindo nossa ajuda: “Já fizemos tudo, e êle continua cada vez pior.”

Há, infelizmente, casos em que somos obrigados a impor castigos, em vista da fraqueza de certos educandos, que é necessário conter mesmo a contragosto seu. Mas então deve o educador procurar o bem direto da criança, e não uma satisfação à sua autoridade ou uma justificativa à preguiça de educar.

Fica, pois, acentuada a diferença entre castigo e correção, para que abramos mão daquele e pratiquemos esta.

Trabalho de educação

É a correção puro trabalho educativo, em que nós somos apenas instrumentos extrínsecos e transitórios, dispensados tão logo esteja terminada a tarefa, e a criança é o elemento primordial, a ser interessada na autodisciplina.

A correção só realiza o fim se atingir o íntimo da criança, criando-lhe uma atitude interior, profunda, pessoal. Ela deseja uma mudança, determinada pelo próprio educando, o qual *se convence* de que agiu mal, *arrepende-se* e *se dispõe a emendar-se*.

O educador tem o seu papel, importantíssimo, indispensável (porque a criança é ainda incapaz de realizar sòzinha tão difícil tarefa); mas é apenas uma auxiliar. A sua função, nem sempre agradavelmente recebida, é ajudar.

O trabalho decisivo é do educando. Ninguém o modifica, arrepende, delibera e corrige: é êle que *se modifica, se arrepende, se delibera e se corrige*. Êle

não o conseguirá sem nossa ajuda; mas o trabalho de corrigir-se é dêle — de sua compreensão, de sua consciência, de seus esforços.

Nossa grande virtude está em conseguirmos que êle queira corrigir-se.

Os pais e a correção

Em face da correção dos filhos, podemos classificar os pais em 5 categorias:

- *os cegos*: não vêem as faltas dos seus encantadores rebentos;

- *os fracos*: não têm coragem ou autoridade para corrigir;

- *os negligentes*: não cuidam da correção dos filhos;

- *os ignorantes*: retos, bem intencionados, não sabem, contudo, como proceder;

- *os certos*: mercê de Deus, os temos, e em número crescente.

Para curar os cegos, só Cristo, multiplicando por tôda parte piscinas de Siloé, para que êles se lavem e vejam (Cf. Jo 9,7). Quanto aos mais, ajude-os e ilumine-os a graça de Deus, que outra finalidade não temos senão animar os fracos, despertar os negligentes, ensinar os de boa vontade, e estimular os certos.

Querer corrigir

Parte essencial da educação, é a correção grave dever dos pais. Alguns, porém, se negam a cumpri-lo, esquecidos de que, mais de que a si, prejudicam as pobres crianças, cujo futuro gravemente comprometem.

Lembremo-lhes as severas admoestações da Bíblia. Destaquemos o cap. 30 do Eclesiástico, nos 13 versículos primeiros, por ser o trecho que mais densamente fala do assunto: os que se dão a corrigir os filhos colherão

alegria e glória; enquanto os outros receberão tristeza e vexame. Palavras textuais:

— “Aquêlê que ama o seu filho, corrige-o com freqüência, para que se alegre com isso mais tarde, e não vá mendigar à porta dos outros”. (V. 1)

— “Aquêlê que educa o seu filho será louvado nêlê, e nêlê mesmo se gloriará entre os conhecidos”. (V. 2)

— “Um cavalo indômito torna-se intratável, e um filho deixado à sua vontade torna-se insolente.” (V. 8)

— “Lisonjeia o teu filho, e êle te causará susto.” (V. 9)

— “Não lhe dê largas na sua juventude, e não dissimules as suas travessuras.” (V. 11)

— “Encurva-lhe a cerviz na infância, e corrige-o enquanto é criança, para que não não suceda endurecer-se, e não te obedeça, e venha a ser a dor de tua alma.” (V. 12)

— “Educa o teu filho e trabalha para formá-lo, para que te não desonre com sua vida vergonhosa”. (V. 13).

Um exemplo da Bíblia

De quanto isto é verdade oferece a mesma Bíblia frisantes exemplos. O de Heli é dos mais impressionantes. O velho sacerdote conhecia o incorreto proceder dos filhos, repreendia-os molemente, sem coragem para corrigi-los como devia. O Senhor o censurou com palavras sobremodo severas: “Prezas mais os teus filhos do que a Mim” (1 Sam 2, 29). E o anúncio terrível: “O que vai acontecer a teus dois filhos Ofni e Finéias será para ti um sinal” (v. 34). Depois, a palavra do Senhor a Samuel: “Cumprirei contra Heli tôdas as ameaças que pronunciei contra a sua casa”.

(1 Sam 3,12). “Anunciei-lhe que condenaria para sempre a sua família por causa dos crimes que êle sabia que os seus filhos cometiam, e não os corrigiu” (v.13). Finalmente, a consumação do castigo: em batalha contra os filisteus, “a Arca de Deus foi tomada e os dois filhos de Heli, Ofni e Finéias, pereceram” (1 Sam 4,11). Em seguida, a comunicação do fato a Heli, que “caiu da cadeira, de costas, fraturou o crânio e morreu” (v.18).

Aos que disserem que hoje é mais paciente o Senhor com os pais negligentes respondo que apenas muda o modo de castigar, pois não sei o que seja mais deplorável: se a morte repentina ou a velhice desonrada com a vida vergonhosa dos filhos, com que são ameaçados no supra-citado trecho do Eclesiástico.

O melhor e o certo é despertarem para um dever, de que depende por igual a felicidade de pais e filhos.

Conhecer os filhos

Decididos a corrigir os filhos, sincera e eficazmente decididos, a primeira medida é cuidar de conhecê-los, para saber o que lhes hão de emendar.

Os conhecimentos da psicologia infantil são necessários aos pais, sobretudo às mães. É pena que os colégios femininos não os ministrem a suas alunas, juntamente com outros elementos igualmente necessários às mães de família. Para suprir esta deplorável deficiência, procurem os pais conhecer as características da alma infantil nas etapas do desenvolvimento, inclusive a adolescência. Isto lhes facilitará bastante o trato com os filhos.

Além dêsse conhecimento genérico, há outro, mais imediato, concreto e prático, que desejo encarecer. É preciso *conhecer cada criança*, na sua realidade. E para isto é sumamente importante que os pais tenham olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Olhos de ver

Há pais que só enxergam qualidades em seus filhos. Sem dúvida, é necessário ressaltá-las, para estimular seu desenvolvimento, que nada é tão benéfico como um sadio otimismo. Mas é também necessário ver os defeitos, para corrigi-los.

Outros são ainda piores: *não querem ver*. Mesmo quando lhes apontam um defeito da criança, eles se negam a reconhecê-lo. Não é defeito: é até qualidade! Cito dois fatos autênticos.

a) O menino, 11 anos, chegou se gabando de ter enganado o coleguinha na troca de umas bolas de gude; chamei a atenção da mãe para a desonestidade do filho, e ela me respondeu: "Todos eles são assim: têm um jeito pra negócios!... Puxaram ao pai."

b) Depois de ouvir o relato pouco amável do comportamento da filha no internato, como se lhe pedisse uma intervenção enérgica, a pobre mãe respondeu: "Que quer a senhora que eu faça? É minha filha: eu gosto dela assim mesmo".

Ouvidos de ouvir

A convivência permanente às vezes dificulta o bom conhecimento. Um olhar estranho observa melhor, máxime se for de educador, habituado à observação interessada de qualidades e defeitos. Chamando a atenção de amigos para qualidades e defeitos de seus filhos, tenho ouvido deles que ainda não os tinham notado, embora sejam cuidadosos na educação. E alguns ficam agradecidos pela indicação.

Outros, porém, não querem ouvir, pensam (e dizem) que estamos acusando os "filhinhos da mamãe", tomam atitude defensiva (quando não ofensiva...), justificam os mais evidentes defeitos, estabelecem comparações com outras crianças em face das quais seus filhos são até muito bons!

Alguns exemplos

Da minha longa experiência poderia citar centenas de casos.

Tendo-lhe o filho respondido *grosseiramente*, e como eu o chamasse *arrebataado*, o pai redarguiu: “É muito *brioso!*”

● Aconselhei especiais cuidados, inclusive médicos, para um menino com evidentes sinais de *efeminado*; e a mãe logo o defendeu: “É tão *carinhoso!*”

● Outra mãe, a quem notei que o filho era demasiado *indolente*, saiu-se com esta: “Quem me dera que todos fôssem *sossegados* como êle!”

● Como a juvenzinha se mostrasse muito *leviana* nos modos de sentar-se, falar, gesticular, e eu chamasse a atenção dos pais para sua *desenvoltura*, a mãe replicou que ela estava cada vez mais *interessante*.

Assim outros. Se a criança é agitada, chamam-na viva; se inconveniente, moderna; se atrevida, altiva ou desembaraçada; se inverídica, imaginosa. Duas dessas classificações, também autênticas, nunca as esqueci, pela singularidade:

● a menina *preguiçosa*, preguiçosíssima, que a mãe chamava *aristocrata*;

● o menino *malcriado*, para cuja facilidade em responder mal o pai me chamava a atenção: “Veja que presença de espírito! Isto numa tribuna do júri ou na Câmara...” — “Sobretudo de vereadores”, completei eu.

Desnecessário prosseguir. Todos, infelizmente, conhecem casos semelhantes, também em grande número. É pena, porque, ouvindo os mestres, os parentes, os amigos verdadeiros, os entendidos em pedagogia, podem os pais encaminhar melhor a correção, vale dizer a educação dos filhos. Se, porém, os não conhecem, como corrigi-los?

Desenganem-se, enquanto é tempo, os que se negam a ver e ouvir a verdade, a pretexto de “adorarem” os filhos. O verdadeiro amor não é o que *quer bem*, mas sim o que *quer o bem*. Fechar os olhos sôbre os defeitos das crianças é preparar-lhes uma vida de tropeços e desgostos, porque os estranhos não terão com êles a mesma tolerância dos pais, e mais tarde os próprios filhos sentirão dificuldades, praticamente insuperáveis, para se corrigirem. Não porque as faltas em si sejam incorrigíveis (os irrecuperáveis estão hoje reduzidos a número cada vez menor), mas porque a pessoa não adquiriu capacidade de emendar-se. Falta-lhe força de vontade, mesmo quando reconhece os êrros e a necessidade de eliminá-los. (1)

Saber corrigir

Além de conhecerem os filhos, devem os pais saber como agir, a fim de alcançarem os desejados efeitos. Não bastam boas intenções. A correção tem normas e técnicas. Sem isto, poderá ser contraproducente. Vejamos qual deve ser a boa correção.

1.º) *Rara*

O educador deve ver tudo, dissimular muito, corrigir quando necessário.

● *Ver tudo*, para conhecer bem a criança, não se deixar surpreender, nem passar por tolo aos olhos das próprias crianças.

● *Dissimular muito*, porque muitas faltas não têm realmente importância, umas são próprias da idade

(1) Procurando impedir o desmoronamento do lar, já com dois filhinhos, o marido, chorando, se desculpava de um ponta-pé que dera na esposa: — “Quando eu tinha 5 anos, dava ponta-pés na babá, e meus pais e avós achavam graça. Fui “educado” assim. Hoje tenho de corrigir-me, e não posso”...

e passam com ela, outras as próprias crianças notam e, quando estão sendo realmente educadas, tratam de emendar por si.

- *Corrigir quando necessário*, porque a correção demasiada é prejudicial à educação. Quando muito freqüente, ela

- perde o salutar efeito de inspirar desgosto à falta cometida, com o conseqüente desejo de emenda;

- enfraquece a autoridade do educador, ao invés de reforçá-la, como o faz, desde que seja rara;

- insensibiliza a criança, que já não acode às advertências, pela própria impossibilidade de fazê-lo;

- pode mesmo ser contraproducente, tornando-se irritante — e nas poucas recomendações que fez São Paulo sobre a educação dos filhos pediu que não os irritassem (Ef 5,4).

Premidas por uma disciplina muito estreita, censuradas a cada instante, derivam as crianças para a falta de brio ou para uma situação emocional angustiante, que terminará levando-as ao consultório médico. É pena que muitos pais, precisamente entre os mais zelosos e bem intencionados, insistam, mesmo quando reconhecem que não adiantam suas intervenções, e que até pioram a situação. Dir-se-ia que o fazem mais em satisfação à própria consciência (mal orientada) que para o bem do filho. Alguns até se aborrecem, quando lhes pedimos para não intervirem.

2.º) *Justa*

Há de corresponder a uma falta. O senso de justiça é geralmente muito vivo nas crianças, e elas repelem, magoadas, as correções injustas e as suportam, revoltadas, ainda que se trate de simples advertência. Se as repelem, mesmo que seja apenas interiormente, já elas não produzirão os procurados efeitos.

Quando, por si mesma, a criança percebe que errou e decide retificar-se, a intervenção dos pais será apenas para apoiá-la e estimulá-la no seu propósito.

3.º) *Amorosa*

Como tôda a educação, a correção é *obra do amor*. Quando reveste aspetos mais severos, há de ser (e parecer) tão dolorosa a quem a aplica quanto a quem a recebe — como certos tratamentos médicos que somos obrigados a fazer nas crianças, sabe Deus com que dores no coração. Em qualquer caso, ela revelará sempre o cumprimento de um dever, a preocupação de fazer bem, manifestação de amor. Para isto, ela será:

- *calma*: o educador, no perfeito domínio de si, moderado nas palavras, nos gestos e no olhar, para que não lhe saia obra de cólera o que só deve ser obra de amor, lembrado de que “só a razão tem o direito de corrigir”, como disse Fenelon, e que quem se deixa levar pelas paixões está mais precisado de impor a correção a si do que aos outros;

- *bondosa*: não a imporemos jamais porque fomos nós desobedecidos, mas porque *a criança a requer*; não lhe daremos o aspeto de vingança ou desforra, mas de expiação da ordem violada; nunca por motivos nossos, mas pelos interesses da criança e pela manutenção da moral. Por isso, evitemos as zombarias e humilhações, que mais servem para irritar e endurecer que para mover as crianças e sobretudo os jovens a mudarem de vida.

4.º) *Profunda*

Só é eficaz a correção que vai à raiz das faltas. Não basta *ver* que a criança furtou: é preciso *ver por que furtou*. Como não basta *obrigá-la a restituir o objeto furtado*: é preciso *remover o móvel* do furto. Digam-se o mesmo dos outros defeitos.

Há faltas isoladas, fruto de meras ocasiões, acidentais portanto: para essas bastam as correções superficiais. Mas há também as que correspondem a *tendências profundas*: se não lhes formos à raiz, ficaremos a limpar permanentemente o terreno, na certeza de que novos frutos cairão na primeira oportunidade.

É possível que, à força de insistências, de extrema vigilância e até de castigos haja uma aparência de melhora: — a criança *submeteu-se, mas não se corrigiu*, porque a tendência não foi atingida e espera apenas o momento de manifestar-se de novo. Ou também acontece que, reprimida assim numa falta, ela se compensa noutra, às vészes pior do que a primeira. Alegarão os pais, com razão, que não lhes é fácil determinar as causas profundas dos defeitos infantis. Para ajudá-las existem já hoje psicólogos e pedagogos, a quem recorrerão, como recorrem ao médico para a saúde física.

5.º) *Proporcionada*

Tenhamos o máximo cuidado de fazer que a maneira de corrigir uma falta seja a que melhor permita ao educando ver as funestas conseqüências morais, naturais ou sociais de seu ato. Só assim lhe facilitaremos compreender o próprio erro e querer emendá-lo, formando-lhe o senso moral e a vontade de ser bom.

Para isto a correção deve ser proporcionada à idade, à pessoa, à falta.

● *A idade*

Nos pequeninos, na medida em que a vida dos sentidos prevalecer, haverá mais um adestramento, com afirmações simples e categóricas, que visam à formação de hábitos e à impregnação do subconsciente. É preciso atingir-lhes a sensibilidade, uma vez que não se lhes pode apelar ainda para a compreensão. Não lhes satisfazer os caprichos, não ceder a suas insistências e

lágrimas, não lhes alimentar as más tendências que se manifestam (gula, teimosia, egoísmo, cólera). E procurar encaminhá-los, de modo positivo, por atos que facilitem hábitos bons.

Com o desenvolvimento da inteligência e da vontade, as preocupações vão passando paulatinamente para este terreno. Apela-se para a compreensão, a começar dos motivos mais simples, com tarefas que lhes vão dando o domínio consciente de si, que lhes toquem os gostos ou a liberdade, com ocupações úteis referentes ao que deviam ter feito ou que realizaram mal.

Se a educação tiver normal desenvolvimento, o adolescente já poderá ser chamado totalmente à razão, cabendo-nos apenas ajudá-lo no autogoverno, pois as paixões o seduzem com especial energia.

● *A pessoa*

Erro comum entre os pais é trataram os filhos *do mesmo modo*. Em casos de fracasso, ouvimos com frequência a queixa: “Eduquei todos do mesmo modo, e são tão diferentes...” Cada qual deve ser educado de acôrdo com suas características.

● Se duas filhas têm tipos físicos diversos — uma gorduchinha e baixa, outra magra e peralta — não ocorrerá certamente à mãe vesti-las com o mesmo manequim, só por serem irmãs. Maiores são as diferenças de espírito e caráter, igualmente visíveis a olho nu. Tratá-las nos mesmos moldes não é tão ridículo, porém é muito prejudicial.

● Imaginem o médico que desse a tôdas as crianças de sua clínica a mesma receita, alegando que estão na mesma enfermaria, e êle deve tratar a *tôdas do mesmo modo*...

● Ou a mãe que quisesse obrigar todos os filhos à mamadeira porque êste é o regime do menorzinho — e os filhos devem ser tratados do mesmo modo...

É pena que os erros pedagógicos não gritem com a mesma força.

Uma errada noção de justiça leva certos educadores a tratarem *do mesmo modo* todos os educandos. Temem talvez a pecha de parcialidade. Fogem às explicações que a diferença de tratamento exige. E prejudicam assim a formação das crianças, pois cada uma delas há de ser conduzida ao *mesmo fim* mas por *caminhos diferentes*.

● A falta

As faltas são mais ou menos graves, conforme o preceito que violam e as circunstâncias em que foram cometidas. Quem mente por vaidade ou em defesa, e quem mente calculadamente para caluniar; quem tira a bola do colega, arrastado pelo desejo de ter uma bola, e quem quebra a boneca da irmã por inveja; quem deixa cair o relógio por descuido, e quem o joga no chão por desafêo... Têm todos uma falta a corrigir, mas em graus muito diferentes.

Tanto mais grave a falta, tanto mais cuidadosa a correção. Não percamos de vista o sentido de expiação que ela tem, nem a preocupação de ir às causas, que há de animar o educador e o educando.

Ainda há pais que relevam as desonestidades dos filhos, mas os punem severamente porque quebraram um prato. É porque, infelizmente, muitos pensam mais em castigar que em corrigir. Outros não se importariam com a falta em si, mas se horrorizam com a mera possibilidade de chegar ao conhecimento dos vizinhos...

6.º) Contrária à falta

Cuide o preguiçoso de cumprir bem os deveres, realizados sem protelação o seu trabalho de cada dia.

● A menina desarrumada será encarregada de arrumar a casa, tomando consciência do dever a cum-

prir e do cuidado de fazê-lo bem feito, para a íntima satisfação (e, nos cristãos, para a glória de Deus).

● O egoísta será orientado para a ajuda fraterna em todos os terrenos, principalmente naquele em que mais carecido se revela.

● O mentiroso, que impuser a si mesmo a humilhação de retificar-se, logo perderá o apetite mítico.

● Cura-se mais facilmente o agitado que treinar imobilidades e silêncios *voluntários* ou compreendidos.

● Pede-se aos negligentes o trabalho bem feito, a caligrafia caprichada, etc.

Não julgemos, porém, sejam essas umas fórmulas mágicas que resolvam tudo, rapidamente, e que, quando não resolverem, o caso é irremediável. Não há fórmulas mágicas em educação. As soluções rápidas são pedidas em geral pelos que “não têm tempo a perder com os filhos”, e por isso perdem os filhos.

Finalmente, se a falta é apenas um sintoma, não é combatendo o sintoma que se cura um mal, mas indo-lhe à raiz — como já ficou acentuado. E se a raiz não fôr atingida, desesperam os educadores superficiais... e não se corrige a criança. É para ajudá-los que existem psicólogos e pedagogos.

Essa pedagogia dos contrários pode ser levada muito longe, acertada e proveitosamente, pelos especialistas. Mas os próprios pais de família poderão dilatá-la um pouco além dos sintomas. Joseph Duhr (*“L'Art des arts”*) tem a propósito uma página sem grande vôo, mas útil, por isso mesmo, ao educador comum. Ele aconselha que à criança gulosa ou preguiçosa se imponham exercícios físicos, trabalho regular e bem feito; à agitada se dê um regime firme, que lhe exija ordem e pontualidade; à trabalhadora e ambiciosa, inclinada a dominar, oferecem-se ocasiões de moderação, doçura e

paciência; à tímida ministrem-se, como antídoto, exercícios físicos, trabalhos de jardinagem e marcenaria, etc., cultivando-se-lhe a iniciativa e a confiança em si. (1)

Como vemos, freqüentemente a criança nem sabe que está sendo corrigida... O remédio é levado insensivelmente à causa do mal. Em certos casos é mesmo necessário que as nossas intenções não apareçam.

7.º) *Oportuna*

“Há tempo de calar, e tempo de falar”, lembra-nos a Bíblia (Ecle 3,7). Como a semente, que parte de nossa mão e se realiza no seio da terra, assim a correção é, o mais das vezes, de iniciativa nossa, mas se completa no educando, por obra sua. E como a semente não pode ser plantada em qualquer época, porque “há tempo de plantar, e tempo de colhêr” (ibid. v. 2.), também a correção há de aguardar o momento oportuno. Só a propomos (ou impomos), na esperança de êxito. E êste depende do acolhimento interior que lhe fizer o educando, acolhimento que só pode ser favorável, se as circunstâncias também o forem.

Na hora da zanga — a tendência é mais para repelir que para aceitar qualquer sugestão de emenda. Em presença de pessoas estranhas, de colegas e mesmo de irmãos, quando implica humilhação, também não será bem aceita. Espera-se que a tormenta passe, aborda-se

(1) O conhecimento da criança em profundidade, se só ao técnico é inteiramente possível, está sendo cada dia mais facilitado nos educadores em geral. O notável pedagogo belga J. M. de Buck, de modo científico e popular, em seu livro “Pais desajustados, filhos difíceis” (Livraria Agir Editora), fornece excelente material de estudo, através do exame de vários casos de crianças-problemas que êle examina.

o educando a sós, e, na calma de lado a lado, propõe-se a desejada medida.

As mães cristãs têm excelente oportunidade quando, depois da oração da noite, vão ver se os filhos estão bem acomodados no leito. Falando em voz mansa e amorosa, sentada à beira da cama, é muito difícil não ser a mãe bem acolhida.

Aguarde-se, pois, o momento oportuno.

Tratando-se de crianças pequenas, não convém protelar muito a correção. Elas esquecem facilmente que cometeram a falta, não estabelecem a necessária ligação entre o erro e a emenda, podem achar injustas as medidas impostas, e então o efeito será contrário.

Em face desses perigos, podemos recorrer às práticas corretivas sem aludir aos fatos “esquecidos”, alcançando os mesmos resultados, sem as contra-indicações.

Já o dissemos acima, mas uma repetição dêste feitiço faz sempre bem: exige-se o momento *oportuno também para o educador*, que só deve agir quando pode revelar, pelo domínio de si, *que fala nêle a razão, e não a paixão*, que procura o bem da criança e não o desabafo da própria cólera.

8.º) *Perseverante*

Da parte da criança, vontade frágil porque ainda em formação, compreende-se que haja desfalecimentos, no constante recomeçar após as faltas. Da parte dos pais, não! Eles hão de querer sempre a correção dos filhos. Sempre — sincera e decididamente. Paciente, mas obstinadamente. Santa obstinação! Não desanimarão com as recaídas, não se abaterão com os insucessos, não se cansarão com as recomendações das mesmas práticas. Não contarão com resultados fáceis, nem se acovardarão com as dificuldades. Sobretudo, não se resignarão aos defeitos dos filhos; mas lutarão para corrigi-los.

E não será uma luta episódica, descontínua, mas sistemática, branda e permanente. Não é o temporal do verão, mas a chuvinha miúda e teimosa, que o povo chama “criadeira”, porque umedece o solo em profundidade. Aquêlê amor de mãe que não conhece canseiras nem vê sacrifícios, quando se trata da saúde dos filhos, não se há de mostrar menos dedicado e admirável nas restaurações morais.

O amor ensinará aos pais a serem bondosos até a ternura, mas decididos e persistentes, porque “quem perseverar até o fim é que será salvo” (Mt 10,22).

9.º) *Firme*

É por amor, o bem entendido amor, aquêlê que *quer o bem*, que a correção há de ser firme — não frágil nem indulgente, mas segura, decidida e forte.

Observa o grande pedagogo suíço Foerster (“*Instruccion ética de la juventud*”) que a tendência para a condescendência, característica de nossos tempos, é própria de homens fracos, incapazes de suportar as conseqüências de seus atos, e que se justificam procurando evitá-las também nos outros. De fato, a fraqueza dos responsáveis por crianças e adolescentes gerou e multiplica a “juventude transviada” e a complacência dos responsáveis pela segurança social impulsiona a maré montante de imoralidade e crimes, que a falta de formação religiosa desencadeou.

Condenando os processos de fôrça, sou, no entanto, pela educação forte. A tolerância com os defeitos das crianças leva-as muitas vêzes ao crime. E a tolerância com os crimes multiplica os criminosos e agrava os delitos.

A indulgência, ao contrário do que pensam os superficiais, é prejudicial ao educando. Os que a defendem para a primeira falta, guardam a energia para as outras, não certos estão de que elas virão. Quando mais lógico é ser firme logo que o mal aparece, para evitar que

prossiga. “A cobra se mata na cabeça”, diz a sabedoria popular. Um tratamento adequado na primeira falta evitará provavelmente a segunda. Isto está na lógica da correção e na psicologia do faltoso.

● Na lógica da correção, porque, ao menos quando se trata de lei moral violada, a expiação é exigência indeclinável. Em matéria de Moral, ninguém pode ser tolerante, pois todos lhe estamos igualmente sujeitos.

● Na psicologia do educando, porque se êle associar à primeira falta uma reação desagradável, ficará inclinado a evitá-la; ao passo que, se nenhuma corrigenda lhe foi exigida, é provável que se sinta estimulado a prosseguir no erro.

● Podemos também confundir a criança: ela pensava ter feito realmente um ato mau, esperava reação dos pais, e êstes nem ligaram... Então, o ato não é tão mau, pois ninguém ignora que as atitudes dos pais são para os filhos pequenos o critério do bem e do mal. E está aberto o caminho às reincidências.

É possível que alguns leitores, por posição doutrinária ou por tendência a maior tolerância com os filhos, me desprezem a doutrina como excessiva. Quero valer-me, então, da autoridade de dois pedagogos que ninguém acusará de “reacionários”. O primeiro é o próprio Foerster: “A primeira falta deve ser tratada com energia”. E acrescenta, falando especialmente de jovens: “A juventude só impõe respeito uma justiça enérgica e estrita, semelhante à dos povos naturais” (1). O outro é Pestalozzi, também expresso:

“Deve-se dar maior atenção aos começos do furto do que aos excessos posteriores.” E reputa “contrárias a tôdas as regras da educação humana” as medidas de brandura para as primeiras faltas e de rigor para as subseqüentes. (2)

(1) O. c. Editorial Labor — Barcelona — 1935, página 376.

(2) “Leonardo e Gertrudes” — apud Foerster, o.c.

Porque queremos a correção de todos — menores e adultos — é que reclamamos antes firmeza que indulgência. Esta é geralmente tomada como fraqueza, e nada impressiona tão negativamente a crianças e jovens como a autoridade fraca.

Lembremos finalmente que firmeza não significa rudeza, mas requer a compreensão da criança e a bondade de modos, também necessárias, como já ficou acentuado.

10.º) *Curta*

As correções muito longas são antes castigos. Na verdade, cansam as crianças, dão-lhes a impressão de injustiças, sendo repelidas — e não produzem efeito, ou o produzem contrário. Certas medidas são mais punitivas que educativas: — um mês sem sair de casa, uma semana tomando as refeições a sós, etc.

Pecam, sobretudo, por tirarem o estímulo à melhora. Se provocarmos desânimo em vez de coragem, não estaremos impulsionando a criança para a perfeição.

Para ajudar na formação de bons hábitos, mais valem medidas mais freqüentes, embora de curta duração. Não, porém, tão rápidas que não dêem para sentir o erro, e nem tão longas que façam esquecer a ligação com a falta, gerando irritação, que é contraproducente. Cumprindo com facilidade o que lhe sugerimos, sem se cansar, mas até sentindo que era capaz de fazer mais, a criança aceitará com amor o trabalho de corrigir-se, *estimulada* a novas tarefas, quando necessário. Isto é vital para a correção.

11.º) *Esquecida*

Tanto mais a criança recai, tanto maior necessidade tem de ajuda. Recai porque a tendência lhe é muito forte, ou a vontade ainda muito fraca. Não consegue

andar sòzinha: precisa de nossa mão. Se, estendendo-lhe a mão, a empurrarmos, ela cairá mais depressa; se a magoarmos, ela receará nossa ajuda; se a irritarmos, ela nos fugirá. Tanto mais freqüentes as recaídas, tanto mais deve ela ser estimulada.

Ora, nada é tão desestimulante como lembrarmos as faltas cometidas, o número de vêzes que propusemos emenda, e o pouco fruto colhido.

Cuidaremos de cada falta como se fôsse a primeira. Se a criança multiplica as faltas ou retarda a emenda mais do que seria de esperar, tomaremos as necessárias medidas, sem contudo “amontoar brasas sôbre a sua cabeça” (Prov 25,22). Humilhada com as nossas alegações, ela virá talvez a concluir que não se corrige mesmo, que é inútil lutar, caindo no desânimo que dificultará, se não impossibilitar, o almejado fim.

Devendo acompanhar a vida moral da criança, o educador não lhe pode esquecer as faltas nem os esforços para corrigir-se, mas *não lhe dará a entender que guarda essas lembranças*, não lhe falará do passado, dando a impressão de que *o que passou está esquecido*. E agirá em função desse “esquecimento”, a menos que o passado se ligue diretamente com o problema do momento.

Muito se aborrecem os educandos com a recapitulação de suas faltas, feita cada vez que vão ser corrigidos. É natural: sentem-se envergonhados. Os que julgam contribuir assim para emendá-los esquecem a fôrça pedagógica do otimismo. E não pesam quanto diminui com isso a confiança das crianças. E quando a confiança diminui, aumentam as dificuldades da educação. Bem haja o educador que sabe manter a confiança das crianças tanto nêle quanto em si mesmas.

12.º) *Cristã*

É uma só, mas é infinita a diferença entre o pagão e o cristão: — êste é batizado. Assim é também com a educação. A cristã faz tudo o que faz a leiga, e

conta, além disso, com a graça de Deus. A leiga se vale de todos os meios naturais e leva a criança até onde lhe permite a força humana; a cristã continua a subida, amparada nos meios que Cristo ensinou e instituiu para elevar o homem acima de si mesmo e conduzi-lo à perfeição. A educação cristã não contradita a leiga, mas a ultrapassa.

A correção cristã contém elementos que a leiga ignora. Com suas características próprias, católicos e protestantes têm um ideal sobrenatural, motivos sobrenaturais e meios sobrenaturais, de que os outros não dispõem, a não ser os judeus — que os têm em parte.

● Pomos aos olhos da criança o Divino Modelo:

a) Cristo com o *seu convite*:

— “Sêde perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48).

Com as *suas lições* essenciais, profundas, vasadas numa linguagem imperativa e soberana, de quem fala “como quem tem autoridade” (Mt 7,29), das quais damos apenas um exemplo:

— “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças” (Lc 10,27);

— “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12,31);

— “Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem e caluniam” (Mt 5,44).

b) Cristo com *seu exemplo*:

— “Eu vos dei o exemplo para que façais assim como eu fiz” (Jo 13,15).

● Quando queremos ensinar a virtude — a mortificação, a paciência, a justiça, a prudência, a fortaleza, a ajuda fraterna, o respeito à lei e às autoridades, a pureza, a dedicação filial — lá está o Cristo, vivo, integral, perfeito.

● E não é para nós apenas um exemplo: é a *fôrça* que nos ajuda, é o estímulo da recompensa que não faltará, é o Senhor onipotente que nos pode alimentar no deserto (Mt 14,15-20), salvar do naufrágio (Mt 8,24-26), libertar do demônio (Mt 12,22).

● Temos o recurso à *oração*, que os naturalistas ignoram.

● Temos a total *confiança em Cristo*, que só os que a experimentam sabem quanto é boa e poderosa.

● Temos o *exercício da presença de Deus*, que está em tôda parte, “que sonda os rins e o coração” (Sl 7,10), que nos detém em face do pecado, como a José (Cf. Gên 39,9), que nos convida permanentemente à perfeição (Cf. Gên 17,1), e cujo temor é o comêço da virtude (Cf. Sl 110,10).

● Temos o *exame de consciência*, poderoso elemento do conhecimento de si próprio, sonda que penetra até o fundo das intenções, luz que ilumina o nosso íntimo e nos mostra as causas e raízes de nossos atos e os seus móveis mais secretos, e que nenhum educador deve dispensar, para si e nos educandos.

● Nós católicos temos o contato vital com a Santa Madre Igreja, com o culto vitalizante da Santa Missa, com a fôrça eficaz dos Sacramentos.

Tudo isto eleva e doura a correção que propomos. Tudo serena e se facilita, quando falamos em amor de Deus, para alegrar a Cristo, para não “crucificar de nôvo o Filho de Deus” (Heb 6,6).

O sobrenatural não tem um lugar à parte em nossa pedagogia: como o sangue, êle se difunde em todo o organismo; como a alma no corpo, êle está todo na educação cristã e todo em qualquer parte dela.

Só nós que o utilizamos sabemos quanto vale. Entre nós, melhor o sabem aquêles que não o conheciam, mas se converteram e o empregam, penalizados do tempo em que o não usaram, jubilosos das maravilhas que produz.

Feliz o que baseia a vida e a educação dos filhos no sobrenatural. Por grandes que sejam as dificuldades, são sempre menores que as dos outros, e maiores os frutos. “Receberá o cêntuplo e terá a vida eterna” (Mt 19,29).

Estabelecer princípios

Talvez tenha ficado longa a exposição, e isto dê a impressão de que é difícil dirigir a correção dos filhos. Na verdade, tudo isto é conseguido harmonicamente. Fizemos trabalho de análise. É como o andar: fôssemos explicar o mecanismo da nossa marcha, dificilmente daríamos um passo — contraia tais músculos, distenda outros, firme um dos pés quando levanta o outro, assegure melhor o equilíbrio adiantando o braço direito quando adianta o pé esquerdo... Por felicidade não se faz assim: anda-se simplesmente, e se faz tudo aquilo, sem o perceber... Assim é com a boa correção.

Mas, para facilitar um trabalho de unidade, reduzimos tudo a poucos princípios, que não demandem sequer explicações:

- 1) Saber o que quer: fazer amar e procurar o ideal.
- 2) Querer com firmeza e continuidade.
- 3) Ver tudo, dissimular muito, corrigir o necessário.
- 4) Ir às raízes das faltas.
- 5) Manter a visão do conjunto.
- 6) Assegurar a confiança das crianças.

Modos de corrigir

Nossa preocupação é levar a criança a praticar a virtude, a *fazer bem o que fez mal*, evitar a falta cometida, tudo na proporção de suas possibilidades pessoais.

Para isto aproveitamos as próprias conseqüências naturais da falta, quando estas se prestam ao aproveitamento pedagógico, ou empregamos outros meios proporcionados.

No primeiro caso, as aplicações são variadas.

● Algumas, inócuas: a criança adoece quando come chocolate; mas continua a comê-lo sempre que se lhe oferece ocasião. Não tem fôrça de vontade para resistir.

● Outras, irritantes, humilhantes, prejudiciais, vergonhosas até para os pais, como nos exemplos do próprio Spencer, defensor do emprêgo exclusivo dêste método: a menina remanchona, que não está pronta à hora da saída para o passeio, não vai passear; o mentiroso não será mais acreditado; e noutras: quem rasgou, por estouvamento, o vestido nôvo, usá-lo-á remendado; quem estragou o caderno à toa, fica sem caderno...

● Outras, realmente proveitosas: a criança que se queimou, mexendo no aquecedor; a que se feriu com os modos estouvados de brincar; a que foi expulsa do jôgo pelos colegas, porque perturbava, etc.

No segundo caso, são muito conhecidos os modos de correção. Vejamos.

1) *Advertências*

Muito úteis, porque previnem a queda: sempre melhor que remediá-la, sobretudo na infância. Justas, oportunas, rápidas, dão bons resultados. De duas advertências no Evangelho, uma deu resultado, outra não.

● A Pedro, que não queria que lhe lavasse os pés, disse Jesus: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo” (Jo 13,8). E Pedro logo cedeu.

● Em Getsémani, advertiu Jesus aos Apóstolos: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação” (Mt 26,41). Mas, quando voltou, êles dormiam...

2) *Censuras*

São necessárias, para formação do critério moral das crianças... Não sendo censuradas pelo mal que fizeram, podem reputá-lo indiferente ou bom.

Também aqui temos exemplos do Evangelho:

- Aos próprios Apóstolos que dormiam: “Não pudestes vigiar comigo uma hora?” (Mt 26,40).

- Na tempestade: “Por que estais com medo, homens de pouca fé?” (Mt 8,26).

- E quando São Pedro submergiu: “Por que duvidaste, homem de fé diminuta?” (Mt 14,31).

- Aos discípulos de Emaús, com bastante energia, aliás: “Ó estultos e tardos para crer o que anunciaram os profetas!” (Lc 24,26).

Também elas serão, como as advertências, justas, breves, oportunas, e feitas com serenidade, a qual lhes é necessária, mesmo quando forem enérgicas.

3) *Elogios*

Superiores à censura, preferíveis portanto. Esta, por melhor que a façamos, é sempre restritiva e deprimente, ao passo que o homem precisa de estímulos para a virtude, pois, em geral, são poucos os nossos impulsos para ela. Enganam-se os que temem fomentar a vaidade, com elogios. Desde que justas e moderadas, que visem ao esforço (e não a qualidades naturais, dons gratuitos de Deus), e que despertem entusiasmo para o bem, confiança em si e amor ao ideal, antes importa usá-los que temê-los.

Também Cristo os empregou em sua pedagogia:

- Louvando o centurião: “Nunca vi tanta fé em Israel” (Mt 8,10).

- “Eia, servo bom e fiel, porque foste fiel em pouco, eu te confiarei muito” (Mt 25,23).

Sempre que o educando se esforça (mesmo que não alcance o êxito desejado), é digno de encômio. Principalmente quando está interessado em emendar-se: elogiemo-lo, mesmo quando êle consegue apenas diminuir faltas, pois já é progresso.

4) *Recompensas*

Como tudo que estimula e desperta energias para o bem, são as recompensas elemento valioso na educação.

O seu fim é realçar o valor do ato praticado e favorecer a sua repetição. Não sòmente podem, mas até devem ser outorgadas, desde que:

- contribuam para dar ao educando consciência da boa obra que praticou, inclinando-o assim a repeti-la;

- levem ao gôsto íntimo do dever;

- ajudem a vencer os obstáculos.

Para isto, procuremos evitar:

- recompensas que favoreçam as más tendências: não dar gulodices aos gulosos, enfeites às vaidosas, dinheiro aos esbanjadores, etc.;

- prometê-las com freqüência — porque assim perderão a finalidade, e até a subverterão, levando a criança a trabalhar antes pelo prêmio prometido que pelo cumprimento do dever (1);

- dá-las com muita freqüência, não só porque isto a banalisa como também porque a criança perde de vista o amor ao dever, passa a trabalhar pela recompensa, e pode até desanimar quando não a receber.

Como gostamos de elogios e presentes, muito se alegram com êles os educandos. E qualquer coisa os contenta, desde que não estejam viciados. De acôrdo,

(1) Tratando-se de conquista difícil (ou em si mesma ou para o sujeito), a promessa da recompensa é valiosa. Também o é quando o êxito demanda esforço continuado.

porém, com a finalidade pedagógica, procuremos os que melhor se adaptam às tendências de cada um — afetuosos, honoríficos, instrutivos, artísticos, lucrativos. Às vezes, o que alegra a um, deixa indiferente ou decepcionado a outro. É necessário que a recompensa contente, porque, despertando otimismo, ajuda e favorece no caminho do dever.

Fazer aceitar a correção

Já dissemos da necessidade de fazer a criança aceitar a correção que lhe sugerimos ou impomos.

Lembremos que a nossa correção é antes um ato nosso que de outrem. *Alguém pode ajudar-me; corrigir-me, só eu o posso.* Se não conseguirem a colaboração da criança, fracassam os educadores. Obterão aparentes resultados, enquanto a criança fôr pequenina, ou se tratar de meras faltas exteriores; mas falharão na orientação das tendências, terreno pessoal em que só o sujeito trabalha, *ajudado* embora por outrem.

Eis porque *fazer o educando querer corrigir-se* é essencial. Ao paralítico da piscina probática perguntou Jesus: “Queres ser curado?” Ele respondeu: “Senhor, eu não tenho um homem que me leve à piscina”. (Jo 5,6-7). Pois é assim a correção: exige quem conduza a criança, mas exige antes que esta *queira ser educada*.

Sem isto, toca-se-lhe a superfície, mas não se lhe atinge a profundidade, onde estão as raízes do mal. Compelida pelo adulto, a criança *faz exteriormente* o que ele manda, mas *guarda a má tendência*, para agir diversamente em sua ausência ou quando se libertar de seu jugo. Quer dizer: consigo do educando a submissão, não o domínio de si. Por outras palavras: faço um hipócrita, não um homem de virtude.

Ora, o que move o verdadeiro educador é o desejo de levar a criança a compreender a necessidade de corrigir-se e aceitar, no seu íntimo, os meios proporciona-

dos. Neste terreno a meta é *fazer a criança querer a correção*. Queremos da criança uma *atitude de penitência* — ato da consciência esclarecida, em face do próprio Deus: ela vê a sua falta, arrepende-se dela, propõe emendar-se, e vai empregar os meios para isto. Mais uma vez: correção é autodisciplina, é desejo de perfeição.

Para que a criança queira corrigir-se é preciso que:

- saiba que *tem defeitos* — o que ela facilmente concede, porque todos neste mundo os têm;
- saiba que *tem tal defeito* — o que é um pouco mais difícil, porque supõe o conhecimento de si e a humildade (que raro procuramos infundir nos educandos);
- reconheça que cometeu a falta — pois nada há mais revoltante para a criança e sobretudo para o adolescente do que ver-lhe imputada uma falta que não cometeu ou não reconhece como falta;
- esteja intimamente naquelas disposições de penitência, a que acabamos de referir-nos;
- aceite a nossa ajuda.

Tudo isto supõe o trabalho educativo lento, indireto às vezes, paciente, dirigido à inteligência e à vontade do educando. Nem sempre é fácil convencê-lo de que errou: êle se coloca numa posição emocional, e não consegue enxergar o que lhe apontamos de nosso ângulo lógico. Então, é preciso que o compreendamos, para que êle nos compreenda.

Quando alguns pais acusam o filho de “não querer nada”, se êste não é um anormal, a culpa é dêles:

- não o prepararam desde cedo;
- contentaram-se com castigos (em vez da correção);
- não o levaram a conhecer-se;
- nunca lhe pediram uma atitude interior;
- nunca o mandaram examinar a consciência em face de Deus;

- não lhe disseram as conseqüências de seu feito;

- nem lhe deram os motivos profundos para emendar-se.

Não é com gritos, humilhações e castigos que levamos alguém a querer o que queremos...

Evitar a correção

Por positivo que seja o trabalho da correção, no fundo êle é negativo: houve uma falta a emendar... Inteiramente positivo seria evitar a necessidade da correção. Se isto é ilusório, porque "os sentimentos e os pensamentos do coração humano são inclinados para o mal desde a infância" (Gên 8,21), é possível, contudo, reduzi-la ao mínimo. É o que consegue a sólida formação da vontade, ajudada pela disciplina preventiva.

Isto é tôda a educação, e não cabe neste fim de capítulo. Aqui desejamos apenas deixar aos pais cuidadosos a esperança, e dar-lhes alguns marcos que os possam orientar nessa jornada.

Cultivar virtudes

Na terra virgem da alma infantil as virtudes medram mais facilmente. Trabalho agradável e produtivo, êle poupará as dificuldades da correção. À medida que a boa semente germinar, o joio que o inimigo lançar brotará sem seiva, mais pronto a mirrar-se que a afogar o trigo. Para estimular virtudes, os pais encorajarão os esforços, habituando a criança à fortaleza e à generosidade espiritual, preparando-a para as vitórias contra as paixões, o ambiente e o demônio.

Começar cedo

Como as más tendências despontam muito cedo, é preciso madrugar com a educação para a virtude. Diga-

mos a palavra que alarma os leigos: educação para a santidade. (1)

Antes mesmo que a criança revele tendências particulares, já devem ter sido canalizadas no sentido da virtude daquelas que constituem a natureza e a herança de toda a humanidade.

Cuidem os pais:

- não fechem os olhos às manifestações da alma infantil, a pretexto de que é muito criança ainda;
- não temam ser exigentes e enérgicos;
- não se contentem com corretivos superficiais;
- não capitulem ante a pressão de avós e tios que brincam com a criança como a criança brinca com a boneca;
- não pensem em recuperar depois o tempo perdido: o melhor é não perder tempo!;
- tenham pressa e firmeza em “ocupar todo o terreno” (F. Gay — *“Comment j’éleve mon enfant”* — Bloud et Gay), a fim de que, quando os vícios quiserem instalar-se, não encontrem lugar.

Educar para a liberdade

Amanhã, essa criança inevitavelmente se libertará do nosso jugo, e será dona de si mesma. O essencial é prepará-la para fazer o bem por si, quando não tiver mais nossa tutela. Para isto deve *saber usar bem da sua liberdade*. (2)

Quem conseguir essa aprendizagem, educou, deu o gosto do bem, fez procurar a correção.

(1) Em meu livro “A Educação dos filhos” abordo este tema: numeros 38, 50, 51, 54, e 156-161. Muitos se escandalizam por não conceituarem devidamente a santidade.

(2) Peço desculpas de remeter, mais uma vez, o leitor à “A Educação dos Filhos”, onde este assunto está estudado com abundância. A última parte — “A educação moral” — versa diferentes facetas do tema. Ver os sub-títulos: “Senhor de si”, “Como formar a vontade” e “Canalizar forças”.

Quando falarmos dos perigos da obediência, tornaremos com mais largueza ao assunto. Mas advertamos que a liberdade humana não é imune a influências. Entre pressões contrárias, interiores e exteriores, devemos decidir-nos, por nós mesmos, no sentido do bem.

Cuidem os pais de dar aos filhos êsse gôsto íntimo da liberdade e essa capacidade de usá-la para o bem. Na medida em que o conseguirem, evitarão a necessidade de corrigi-los.

Organizar a vida da criança

Enquadrada em atos regulares e dirigida por uns poucos princípios fundamentais, terá a criança enorme facilidade para evitar faltas.

A organização dos atos pertence mais à mãe: faz parte do bom govêrno da casa. Ela:

- adentra a criança desde cedo;
- exige-lhe esforços na idade escolar;
- ensina o adolescente a dominar-se;
- orienta: a criança já sabe o que fazer, como fazer;
- cria hábitos;
- não deixa ninguém ao léu, desperdiçando tempo e energia, cedendo à ociosidade e à anarquia;
- mas dá a todos possibilidade de usar a própria inteligência e exercitar as forças musculares, expandindo-se normalmente, sem as repressões que a correção acarreta, por melhor que seja.

Os princípios serão poucos, mas fundamentais: marcos para a vida. Normas simples e claras, mil vezes repetidas no lar, mais em conversas do que *intencionalmente*, que nortearão as ações agora ou no alto mar da vida. A forma positiva é sempre preferível: é melhor sabermos o que devemos fazer — e o que não devemos fazer vem como consequência.

O A G I T A D O

Tem a criança maior necessidade de movimento do que o adulto. Andando, correndo, subindo escadas, abaixando-se e erguendo-se, está dando ao organismo o desenvolvimento que êle reclama. Ficaríamos exaustos com a décima parte do exercício que faz uma criança de 3 ou 4 anos; e nos cansamos só de vê-la movimentar-se! Isto é normal exigência da idade, e não deve preocupar o educador. Pelo contrário: êste se deve preocupar com a criança parada, quieta demais, indício de doença ou anomalia.

A criança agitada

Diverso é o caso da criança agitada: já atingiu a idade escolar (7 a 11 anos), e não tem um comportamento normal.

- Sentada, mexe-se a cada instante, mudando de posição na cadeira;
- fala muito, muito alto e muito rápido;
- gesticula desordenadamente;
- quando se cãla um momento, assovia, cantarola ou tamborila nos móveis;
- tira os objetos dos lugares;
- anda aos arrancos, tropeçando nas cadeiras e fazendo ruído com os pés;
- turba os jogos de que participa;
- provoca os irmãos mais velhos e briga com os menores e com os colegas;
- puxa o rabo do gato e escorraça o cachorrinho;

- porta-se mal à mesa;
- é cheia de tiques (rói as unhas, coça-se com frequência, pestaneja, funga);
- teima com os pais e não atende às ordens recebidas;
- é desarrumada no modo de trajar;
- vive a zombar dos irmãos e colegas;
- posta de castigo, fica a fazer caretas e trejeitos;
- com tudo implica;
- destrói os brinquedos e os livros;
- nada leva a sério, porque não tem perseverança em nada;
- é um constante turbilhão... (1)

É uma dificuldade conseguir que estude as lições e faça os exercícios escolares; levanta-se dez vezes do lugar, finge necessidades, vai perguntar isto e aquilo à mãe, não aplica as regras que aprendeu, não resolve os problemas (porque “não tem tempo” de raciocinar).

E só consegue algum êxito escolar, se é bastante inteligente e tem excelente memória. Mesmo assim, os resultados não correspondem a seus talentos. De fato, é curta a atenção que consegue dar aos estudos, como é breve o tempo em que se mantém disciplinada.

Tipos de agitação

As vezes, é uma boa criança, apenas muito inquieta e indisciplinada. É desobediente, mas por falta de forças para fazer o que se lhe pede e ela deseja. A indisciplina lhe vem da incapacidade de parar, de dedicar-se à mesma tarefa por longo tempo, não porém da rebeldia ou insubordinação. Ela até gostaria de saber bem a

(1) Não tratada a criança, teremos mais um desses adultos que não param em emprego, não conservam as amizades, mudam de casa com frequência, não se penteiam, desarrumados de indumentária, e que estão sempre a começar trabalhos que nunca levam a termo.

lição e apresentar os exercícios, para dar prazer à professora, de quem gosta; mas não o consegue.

Chamam-na indiscreta, porque fala tudo quanto sabe, sem medir conveniências, como a chamarão desastrada porque quebra louça e mexe em tudo, e tudo quer saber — mas sem malícia e com a maior inocência do mundo.

Agita-se por necessidade de atividade intensa, barulhenta e constante, que às vezes tenta moderar, sem conseguiu-lo. O seu dinamismo é superior ao comum das crianças — o que indica alta voltagem vital, e justifica favorável prognóstico quanto ao futuro. Mas revela também uma evidente fraqueza da vontade em face das tendências, e denuncia falha dos educadores no seu encaminamento.

Em todo caso, esta agitação é preferível à *calma adulta* de algumas crianças, que agrada tanto aos pais e mestres desavisados.

Outras vêzes, porém, aparecem-lhe sinais de revolta, de ódio e de vingança. Já não é uma criança simplesmente agitada e turbulenta: sua desobediência é propositada, sua indisciplina é insubordinada, suas destruições são vingativas, como vingativas são as dores e os desgostos que provoca nos pais.

Causas da agitação

Quais serão as causas da turbulência infantil?

Umas são mórbidas — *orgânicas* ou *neuro-psíquicas* — e compete ao psicopediatra descobri-las e remediá-las. Para isto importa levar-lhe a criança, desde que ela se revela excessivamente agitada. A correção do funcionamento endócrino, o tratamento de excitações ciclotímicas (com alternativas de agitação e de acalmia), o atalho à instabilidade epileptóide ou subcoréica (dansa de S. Guido) pertencem ao médico.

Mais comuns são as causas *pedagógicas* — fruto dos erros dos pais e outros educadores, no tratamento afetivo e educacional da criança.

Se não é de união e calma (mas de desajustamentos e atritos) o ambiente do lar;

- se o filho é ou mimado ou escorraçado;
- se é tratado sem coerência, com alternativas de carinhos e pancadas;
- se os pais não têm linha segura na educação dos filhos;
- se não estão de acôrdo na linha estabelecida (mas um permite o que o outro condena);
- se a criança é criada ao “Deus-dará”, sem ordem nem método, sem horário nem responsabilidade;
- se a criança se torna o centro das atenções de todos, exibida aos visitantes, chamando a atenção sôbre si, falando alto, interrompendo os adultos para se fazer atendida, salientando-se, mostrando-se, comprazendo-se — não nos admiremos de que seja agitada.

Pode acontecer que, julgando corrigir o filho agitado, os pais consigam apenas agravar-lhe o mal. A repressão exagerada torna-se tão contraproducente como a ausência de correção. Os castigos físicos, a carência de proporcionadas relações afetivas, as atitudes muito severas dos pais, a segregação da vida social da família podem levar a criança à turbulência. Tudo o que irrita, deprime e inferioriza leva também à turbulência, aqui então agravada com a revolta e o desejo de vingança. Pais e mestres cuidem de evitar zombarias, humilhações, ironias, injustiças e comparações odiosas que ferem profundamente o espírito infantil e determinam reações enérgicas.

É então que a agitação se torna agressiva:

- no desejo de desenvolver-se normalmente, a criança investe contra os óbices que se lhe opõem; a fim de projetar-se (como é natural que o faça), procura quebrar os muros de que a cercam;
- sentindo que a diminuem, revolta-se contra os “inimigos”, odiando-os (consciente ou inconscientemente), vingando-se deles (desgostando-os, satisfeita de vê-

los contrariados, dando-lhes prejuízos, etc.), em transferências fáceis de identificar.

Ao contrário da que é simplesmente agitada, e que lastima com isto aborrecer os adultos, mas não consegue corrigir-se, a criança agressiva sente prazer no desagrado que suas atitudes provocam.

Os complexos de inferioridade determinam (segundo Adler) surtos de agitação, ligados à revolta e ao orgulho..

Se por inferioridade — qualquer que seja: orgânica, afetiva, econômica, intelectual, social, etc. — a criança se vê relegada a segundo plano, mas deseja aparecer, procura chamar a atenção sobre si pela turbulência, tirando-se do anonimato e salientando-se no meio em que vive. Esta, contudo, não é sua intenção consciente.

Evidentemente muito se lhe agrava a situação, quando a agitação tem causas mórbidas e é pedagogicamente mal tratada.

Tratamento

Indo certa senhora queixar-se a S. Felipe de Néri que o marido, mal entrando em casa, começava as discussões, deu-lhe o santo uma garrafa d'água de que ela devia ter sempre cheia a bôca, enquanto o marido permanecesse em casa. Garantiu-lhe que assim havia curado vários maridos. Pouco tempo depois recebeu o testemunho da ingênua mas obediente senhora, que lhe foi gabar a eficácia do remédio. O marido estava muito melhor...

Não se admirem os pais, se lhes prescrevemos remédios que êles devem tomar... para curarem os filhos. Ao seu livro sobre a recuperação de menores difíceis, deu o conhecido pedagogo belga De Buck o expressivo título de "*Erreurs sur la personne*": julgamos errados os filhos, quando, na verdade, errados foram os pais, e se frequentemente não remediamos os males é porque queremos, muitas vêzes, corrigir os filhos sem primeiro corrigir os pais.

No trato dos educandos, os orientadores educacionais, psicologistas e assistentes familiares sabem que o melhor remédio para os filhos é a cura dos pais.

Como realizá-lo

Vejamos o que se há de fazer para corrigir os agitados.

Ambiente de calma.

- A vida doméstica será tranqüila, sem discórdias nem desavenças, respirando-se sossêgo e paz.

- Educadores e educandos falam em voz moderada, como gente civilizada, sem gritos nem maiores alterações, mesmo (e principalmente) quando seja necessário corrigir ou repreender.

Relações calmas com a criança.

- Essa calma os pais (e os adultos em geral) manterão sobretudo nas suas relações com as crianças, e tanto mais tranqüilos se mostrarão quanto mais agitado fôr ou estiver o educando.

Continuidade educacional.

- A fim de nortear com segurança a educação, mantenham os pais (e os demais educadores) a coerência e a continuidade da ação educativa. Os menores, ainda os mais calmos, ficam realmente desorientados, quando hoje lhes proibimos o que ontem permitimos. O mesmo acontece quando o pai não admite o que a mãe autoriza (ou vice-versa).

Razoável liberdade.

- Dêem aos filhos uma liberdade razoável, conservando embora o cuidado de ver como procedem.

Liberdade excessiva leva ao abuso, sobretudo os que estão ainda em formação. Mas proibições muito numerosas e exigentes enervam até os mais calmos — quanto mais os agitados!

Exercícios ao ar livre.

● Crianças precisam (muito mais que nós) de atividades físicas, jogos, correrias, ar livre. Importa deixar-lhes campo a essas atividades, fornecendo-lhes local, brinquedos, companheiros e tempo para que se exercitem.

Tratando-se de agitados, dêem-se-lhes roupas fortes, brinquedos resistentes e companheiros idôneos, a fim de que possam descarregar os excessos de energia. Assim mais facilmente lhes conseguiremos os necessários momentos de calma para os estudos, a oração, a vida social, etc., e ao mesmo tempo lhes proporcionaremos oportunidade para o desenvolvimento de suas forças naturais.

É infundado o medo dos pais quanto a acidentes em jogos um pouco mais violentos. Mesmo que aconteçam (raramente), nada como uma experiência desagradável, para frear certos excessos.

Sono suficiente.

É preciso tranquilizar os agitados. Dormir cedo e acordar cedo lhes são mais indispensáveis que às demais crianças. Por muito calma que seja uma criança, terminará nervosa e agitada, se só às 21 e 22 horas vai para o leito. Às nossas seria útil habituar a pequena sesta depois do almoço (para regular a tensão nervosa).

Tarefas tranquilizadoras.

Nêste trabalho de tranquilizar, são meios eficientes:

● dar-lhes tarefas tranquilizantes (harmonizando-as com os jogos motores, de que falamos), como coleção de selos, jogos de paciência, palavras cruzadas, etc;

● habituá-los a *ouvir música* (não sambas, e “música” norte-americana), mas música verdadeira, harmoniosa, repousante, educativa; e encaminhá-los para escolas de música, grupos corais, ou para aprenderem a tocar algum instrumento de sua preferência (1);

● reduzir a audição dos chamados programas populares de rádio, tão anti-pedagógicos como excitantes dos nervos;

● não lhes permitir filmes e programas de TV, de aventuras, nem histórias de bandidos (quadrinhos), sobretudo em prejuízo do sono;

● habituá-los ao trabalho normal, de acôrdo com a idade, sexo e gostos: a mecânica e a marcenaria, tão do agrado dos meninos, são muito indicados.

Vida social.

A socialização das atividades é meio dos mais eficazes na cura dos agitados. Aí os instintos sociais, mais postos em ação, esbatem a turbulência, que se vai corrigindo insensivelmente.

O escotismo é, por isso, excelente escola em que os agitados aprendem a dominar-se, nêle encontrando um conjunto de condições favoráveis, que alhures dificilmente poderão reunir-se.

(1) Ouvir uma boa música reclama silêncio. Um samba ou um frevo, o menor acompanha, e até *sente necessidade* de fazê-lo, batendo palmas, gingando ou tamborilando. Uma página de Beethoven, ou mesmo uma valsa de Strauss, não se prestam para isto. *Obrigam a calar* a boca, as mãos e os pés.

Na educação da infância, a grande pedagoga italiana Montessori ensina os pequeninos (4 a 6 anos) a fazerem silêncio. Sua famosa “aula de silêncio” nos faz falta a todos. Há numerosas pessoas incapazes de ouvir, porque não sabem calar.

Mas, evidentemente, as crianças devem ser preparadas pacientemente para gostar de música e saber ouvi-la e apreciá-la.

Amparo dos educadores.

Se para qualquer educando é de suma importância que confie nos adultos que o rodeiam, ainda mais o é para o agitado. Sua instabilidade precisa de um suporte: êle deve saber que seus pais e mestres o amam.

Assim, devem êstes:

- demonstrar-lhe afetividade moderada e compreensiva, sem recriminações exaustivas, sem conselhos demasiados (e irritantes), sem recomendações desproporcionadas e... contraproducentes;

- tratá-lo com o amor e o carinho que dão a todos os filhos;

- não lhe faltar quando êle fôr vítima da própria turbulência.

Não seja o acolhimento que então se lhe dá um indulto para suas tolices, mas o tratamento de que carece. Que êle sinta o amor, mesmo quando não goste das normas que lhe são impostas. Deixe-se, porém, que êle o perceba, sem ser preciso dizer-lhe... Quando sua confiança nos educadores fôr sólida, êle próprio se acalmará, e só lhe ficará da agitação o que fôr mórbido ou temperamental.

O C O L É R I C O

Cada temperamento tem seus aspectos positivos e negativos. Ser pronto nas reações, sobretudo quando a segurança, a independência, os gostos profundos são feridos, é positivo, desde que o homem tenha sido habituado a servir-se de seus dons com moderação.

A cólera é um elemento de defesa, que Ribot liga ao instinto de conservação: toma a ofensiva contra ameaças. Ai dos homens, quando não sabem mais indignar-se! Ai dos que perderam a capacidade de encolerizar-se em face das injustiças, das violências, das tiranias! Ai dos que se desfibram, se acomodam, se submetem ao injusto, ao criminoso! Desgraçada educação, a que pretendesse tirar às crianças a reação ante o mal, a capacidade de encolerizar-se ante a violação do direito e da moral.

A cólera é, às vezes, a única forma de defesa. Em face de um “perigo”, a criança que não sabe ainda falar se manifesta pela cólera: grita, chora, estrebucha para não ir com pessoa estranha, para rejeitar o que não lhe apetece, ou para se livrar do que lhe mete medo.

O seu mal são os excessos: na forma, na frequência, na duração.

Infantilismo

Os que, não sendo crianças, ainda se encolerizam com facilidade, chorando, gritando, esperneando, batendo em coisas e pessoas, puxando-se os cabelos ou ferindo-se, mordendo-se, quebrando objetos, fazendo “cenas”,

horrorizando a família e perturbando os vizinhos, podem ter outras causas de sua cólera, mas a primeira impressão que deixam é de infantilismo: apesar da idade, do tamanho e do resto, conservam reações infantis. Têm atitudes de crianças.

Dão com isto palpável demonstração de fraqueza moral. Intellectualmente, quando lhes faltam argumentos nas discussões, exasperam-se e gritam, procurando no excesso de voz o que lhes falta em razões. Se algo desejam e não alcançam, rebentam em explosões, para o conseguirem.

Cresceram em tamanho e idade, mas conservam o mecanismo infantil, que lhes é ainda vantajoso.

Há outras causas

Supõe-se sempre a predisposição para a cólera, a fim de que as causas que apontaremos produzam os seus acessos.

Saúde.

As hepatites, as colites, mau funcionamento do sistema digestivo e eliminatório, como também a fadiga e, ainda mais, o esgotamento inclinam os coléricos a suas crises. Juntemo-lhes as nevropatias, histerias e as predisposições epileptóides, cada qual mais séria.

Essas descargas furiosas — Sêneca as comparou com uma loucura passageira — obedecem às vezes a uma frequência cíclica, aparecendo ou intensificando-se em épocas certas.

A pessoa se apresenta então mais agitada, loquaz, instável, passando rapidamente da alegria à zanga, inspirando cautelas porque a família sabe que está “nos seus azeites”.

Emotividade.

Há crianças (e adultos) demasiado sensíveis a impressões em si completamente inofensivas. Não compreendem (não podem ou não querem compreender?) que sejam castigadas sòzinhas: por que elas e as outras não? E não aceitam que só elas cometeram a falta. Ou “estouram” porque a mãe as manda deixar os brinquedos, porque é hora de estudar, almoçar, ou dormir.

● Outras se mostram hipersensíveis ao que lhes pareça humilhação: zombarias, brincadeiras impertinentes, etc., sobretudo partidas de pessoas que lhes são anti-páticas. Contrariadas (ninguém percebe por quê), explodem!

● Nem sempre essa emotividade é pròpriamente mórbida, mas acionada pelos freqüentes acessos de cólera, e, cultivada pelo sujeito, assume aspecto de morbidez.

Angústias

Os que vão recalcando decepções, desgostos, frustrações podem chegar a um estado de saturação, no qual terão maior facilidade de rebentar em cóleras.

● Vítimas de injustiças repetidas e ostensivas, fraudadas em tantas promessas que lhes fizeram e não cumpriram, entram algumas crianças em angústias terríveis — e as demonstram em acessos de cólera, que nem sempre atingem diretamente aquêles que elas desejariam atingir.

Caráter

A cólera pode ser usada (como tôdas as armas) corajosa ou covardemente, em combate franco ou astucioso.

● A criança (ou não-criança...) deseja dizer ou fazer certas coisas, e não tem a devida coragem, em estado normal; mas no “acesso” diz e faz, realizando-se,

satisfazendo-se. É simples manifestação de fraqueza. Como quem bebe para ter coragem...

● Outras vêzes, é astúcia: por meio de suas cenas de cólera consegue o que de outro modo não conseguiria.

Erro de educação

Nem queremos extirpar a cólera (para não formar desfibrados), nem permitiremos que ela própria forme infantilizados. É isto, porém, que muitos pais não percebem, embora a criança perceba...

Com suas cenas de cólera, ela alcança o que deseja da mãe, dos irmãos, das empregadas. Basta-lhe, às vêzes, uma simples demora em ser atendida. Foi assim desde pequenina. Habitou-se. Gostou. É a sua arma definitiva, o seu "abre-te, Sésamo". Nunca lhe resistiram, nem procuraram corrigi-la. Garantida pelo erro dos educadores, foi-se firmando. Tornou-se hábito. A emotividade supersensível e cultivada, agrava-se em repetidas crises, confinando com a histeria. E hoje, escolar ou adolescente, eis aí o colérico!

Como curá-lo?

Fazemos indicações genéricas, mas lembramos que cada caso exige terapia especial.

No terreno somático

Se o caso é de saúde, cuidemos dela:

● alimentação conveniente, exercício físico, ar livre, boa aeração em casa;

● trabalho moderado, para evitar fadiga e esgotamento; repouso suficiente, sono regular com hora certa para deitar e levantar;

● ambiente calmo, evitando-se tudo o que possa excitar (ver o capítulo sôbre o agitado);

● e, quando necessário, o médico e os remédios.

Manter a calma

O grande remédio é a *calma do educador*. Pequena que seja, a criança “entende” a nossa serenidade, e não se autoriza com a nossa irritação. Mantendo a serenidade, pode o educador *observar bem a criança e refletir nas medidas a tomar*, conforme o caso.

Irritando-se, ensina o que deve corrigir, impossibilita o entendimento, perde a autoridade e, às vezes, também a medida.

E a energia

Seja essa calma *plena de energia*.

- Deixe a criança fazer a sua cena, até cansar-se e repousar por si.

- Mostre-se desinteressada — *realmente desinteressada*, não fingidamente. A indiferença é indicadíssima. Quando a criança vê que nem a olham, nem procuram saber se já se acalmou, entrega-se com facilidade.

- Não ceda. Cedendo, a criança percebe que êste é o caminho para vencer. Não cedendo, ela compreende que não vale a pena... Seja paciente, mas inflexível: não ceda! É preciso que a criança compreenda que não é êste o caminho para alcançar o que deseja. Mesmo que seu desejo seja razoável, se o *modo* é a explosão de cólera, — mais uma vez — não ceda!

Esperar a crise passar

Não adiantam conselhos, carinhos, promessas, argumentos, *durante a crise*. No estado em que se encontra, a criança perde a capacidade de compreender. As maneiras comuns de denominar êsses momentos são muito expressivas: “Louco de raiva”, “Feito louco”, etc. Se lhe formos falar com carinhos, pensa que a tememos; se com conselhos, acendem-se ainda mais; se

com promessas, crêem próxima a vitória; se com rigor, pomos lenha à fogueira.

Depois, bem depois, tudo calmo e esquecido, então fale: argumente, aconselhe, mostre que assim, longe de conseguir, dificulta os desejos.

Não temer o colérico

É preciso mostrar que *não teme as crises de cólera*. Não as provoque o educador, mas não as tema.

Não as provoque:

- não negue sem causa o que a criança deseja: é errado negar agora, e ceder depois, porque ela insistiu ou ameaçou “cena”;

- não exija o que não é necessário: a autoridade deve poupar-se, e poupar a submissão infantil.

E não as tema:

- além da indiferença quando o acesso for manso;
- use energia, quando a criança se põe a destruir seja o que fôr;

- prive-a do que ela destruiu (se isso não lhe faz falta essencial), ou a faça pagar de sua mesada;

- castigue-a, quando ela bater em alguém, nas crises.

Quando estas fôrem “estudadas”, enfrente-as:

- se são armadas pela fraqueza, logo cedem;
- se são preparadas pela astúcia, batem em retirada.

Evitar as crises

Procure evitar as crises. Observe as circunstâncias em que elas costumam aparecer. E procure, então, com maior cuidado, afastar o que as deflagra: brincadeiras, zombarias, desagradados...

O domínio de si

Tôda a educação é encaminhada para dar ao educando o *domínio de si*: ou não é educação. Desde pequenina, seja a criança orientada para o governo de suas forças inferiores, para o domínio da vontade sobre os impulsos, para o exercício da paciência, para a aceitação das demoras, recusas e privações, para o contrôle de reações muito vivas, para saber dizer “não” aos estímulos anti-sociais, para a compreensão de medidas desagradáveis.

Nós que cremos em Deus, que temos as lições da Bíblia, e sobretudo nós cristãos não temos apelar para o *espírito de mortificação*, ensinado por Cristo como necessário a seus discípulos (1), praticado e inculcado por São Paulo (2), encarecido em mil passos dos Livros Santos.

Será proveitoso lembrar que o *espírito de sacrifício* se ensina às crianças, mas não se lhes impõe. Impô-lo é vê-lo rejeitado e abominado. Mas sugeri-lo e formá-lo é indispensável ao educador cristão.

A educação não pretende eliminar os impulsos, apagar os instintos, extinguir as energias naturais. Ela não quer fazer insensíveis e abúlicos. Pelo contrário: quer formar homens, *homens de verdade*, que vivem no esplendor de suas energias, mas sabem hierarquizá-las, *submetendo-as à vontade esclarecida e enérgica*. O homem verdadeiro sente os seus impulsos, mas *sabe dominá-los*.

Isto se ensina às crianças, de modo prático e vital; mas não se lhes impõe.

Enganam-se os que pensam ser possível, por golpes de força, “quebrar a castanha” das crianças “emproa-

(1) “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”. (Mt 16, 24)

(2) “Castigo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que não venha a ser condenado eu que preguei aos outros”. (1 Cor 9, 27)

das". É mais fácil quebrar tôda a personalidade, fazendo um desfibrado. Ou fazer canalizar noutra direção as energias barradas, levando o educando a caminhos indesejados.

Na verdade, *o educando é que se deve dominar. E o trabalho dos educadores é ajudá-lo nesta tarefa essencial da formação.*

No caso em questão, importa *conter as explosões de cólera, e não as reações* em face do que é injusto, imoral, agressivo. A capacidade de encolerizar-se fica, sendo, porém, moderada, civilizada, canalizada por modos e para fins construtivos. Todos sabem que os temperamentos ditos coléricos são ricos de energia, solidez, tenacidade, e que, bem educados, dão excelentes empreendedores e líderes.

O DESOBEDIENTE

A mais freqüente queixa dos pais sôbre os filhos é, sem dúvida, quanto à desobediência:

- “Não obedecem”;
- “Dá-se uma ordem, êles nem ligam”;
- “Hora de dormir, ninguém os tira da televisão”;
- “Marca-se horário para os estudos: não respeitam”;
- “Já se falou mil vêzes que não cheguem atrasados para as refeições: não há jeito”;
- “Estamos cansados de dizer que não deixem os objetos fora dos lugares: êles nem escutam”; etc. etc.

Um enorme rosário de lamúrias, que terminam sempre por uma espécie de indulgência plenária aplicável aos pais: “Essas crianças de hoje são muito diferentes das do meu tempo.”

E explicam:

- “Lá em casa duvido que um filho levantasse a voz para o papai!”
- “Ordem dada era ordem cumprida, gostássemos ou não.”
- “Quem era louco para chegar atrasado para a refeição?”
- “Bastava um olhar do velho, ia todo mundo para a cama.”
- “Nós sabíamos obedecer!”

E encerram como num estribilho: “Mas essas crianças de hoje”...

De quem é a culpa

Lançando aos filhos a pecha de desobedientes, estão os pais, astuciosamente, desculpando-se. Na verdade, não há diferença tão grande entre as crianças de hoje e as de antigamente.

As crianças são as mesmas, com as eternas características da infância, os mesmos interesses profundos, as mesmas etapas de evolução, a mesma receptividade educacional, as mesmas exigências de afeto, de segurança, de formação. As diferenças dos tempos, superficiais, não lhes atingem a estrutura. Nalguns pontos dificultam a obra dos educadores; mas noutros a facilitam.

Alguns pais é que mudaram. Abandonaram os cuidados da educação, abriram mão dos deveres, afrouxaram a vigilância, fugiram à formação dos filhos, demitiram-se dos mais sagrados encargos, capitularam ante as crianças, e se queixam de que estas são culpadas. Tinham em mãos a autoridade: perderam-na. Receberam a criança ao nascer — e não crescida e deformada. Se não lhe deram a orientação devida, a criança é vítima, e não culpada!

Se os antigos se faziam obedecidos a simples olhar, é que não se contentavam em *ser autoridade*, mas sabiam *ter autoridade*: isto é, *manter a superioridade*, que a própria natureza impõe ao filho de forma tão impressionante. Prova disto é que, ainda hoje, os que têm autoridade conseguem os mesmos resultados de outrora, embora por meios consentâneos com os tempos.

Mas os tempos mudaram

Não é possível proceder hoje *do mesmo modo* que antigamente, agir com rigores, exigir aquêles extremos.

Mas também não é possível largar os filhos a si mesmos, sob pretexto de que a educação moderna exige liberdade, ou de que a mãe precisa de trabalhar fora, para... dar melhor educação (?) às crianças, ou de

que os pais que trabalham precisam de repouso quando chegam à casa (e não podem aborrecer-se (?) com problemas de crianças), ou simplesmente por comodismo, “vida social intensa” e outras alegações congêneres.

Há os que desejam acertar. Sabem que não se pode hoje educar como foram educados, mas sentem dificuldade em adaptar-se aos novos moldes, pois não foram preparados para isto. (1) É com êstes que desejamos conversar, para lhes oferecermos a ajuda que merecem, pelas intenções que os animam.

Por que desobedecem

Os que *desejam realmente* corrigir os filhos procuram *descobrir as causas das desobediências*. Conhecida a causa, importa removê-la: tirada a causa, cessa o efeito.

Apontamos algumas causas da desobediência infantil.

A. *Da parte dos pais:*

- não têm autoridade;
- não sabem mandar;
- dão muitas ordens, algumas impossíveis;
- não velam pela execução das ordens;
- querem impor-se mais pela força que pelo amor;
- não mantêm coerência, proibindo hoje o que permitiram ontem;
- desentendem-se, um proibindo e o outro permitindo;
- cedem, quando a criança se exaspera ou insiste;
- mandam o contrário para conseguir o que desejam;

(1) Infelizmente continua o tremendo erro de não se cuidar da preparação dos futuros pais. Mesmo os colégios católicos ensinam mil coisas às jovens, mas não lhes ensinam a *ser mães*, embora o desejo de casar lhes seja o mesmo de sempre.

● despertam na criança atitudes de oposição, em virtude da maneira por que a tratam (consciente ou inconscientemente);

● são implicantes, cansando e irritando as crianças;

● exigem uma obediência imediata;

● querem levar a obediência a excessos, humilhando a criança;

● não prepararam os filhos para a obediência;

● não dão exemplo de obediência;

● gabam-se, à vista dos filhos, de ter sido também desobedientes.

B. *Da parte dos filhos:*

● falta de compreensão, própria da idade;

● fraqueza da vontade, que cede a interesses imediatos ou de ordem sensível;

● hábito de fazerem o que lhes é proibido;

● repugnância ao que lhes é ordenado (ver o capítulo sobre a preguiça);

● impossibilidade de cumprirem as ordens, quando são numerosas ou demasiado exigentes;

● reação de dignidade, em face da humilhação imposta, ou da pessoa (antipática) que manda;

● aproveitamento das fraquezas do educador que:

a) cede com facilidade,

b) não pede contas do que manda,

c) ameaça, e deixa correr,

d) se desentende com os outros educadores; etc.;

● afirmação crescente de personalidade: passando da obediência *passiva* de criança à obediência *ativa* (consciente) de adolescente, querem saber o porquê das ordens, repelem as proibições injustas ou humilhantes;

● falta de preparação para a obediência.

Para poder mandar

Não basta *ser autoridade*, mas importa *ter autoridade*, para ser obedecido. Ai das autoridades de quem é preciso dizer-se o que disse Cristo dos escribas e fariseus: “Fazei o que êles dizem, não façais o que êles fazem” (Mt 23,3). Acima de tudo, é preciso pôr-se em *condições de mandar*.

Dominar-se

O educador há de possuir o completo domínio de si. Quem se deixa dominar de qualquer sentimento ou paixão, perde a capacidade de comando: — isto vai do simples domínio do temor físico, passando pela timidez ou mera indecisão, até chegar ao seguro contrôle das mais profundas e violentas paixões.

Saber usar da autoridade

É ponto de suma importância. A improvisação é má conselheira. Vejam-se os estágios do militar para chegar ao comando do exército.

Organizações como os *escoteiros* e as *bandeirantes* prestam neste terreno assinalados serviços, porque treinam crianças e jovens no exercício do mando.

Preciosa é, também sob êste aspecto, a *família numerosa*, na qual os irmãos mais velhos, delegados pelos pais, exercem autoridade sôbre os pequeninos.

Saber obedecer

É caminho e escola do bom exercício da autoridade. Só sabe mandar quem sabe obedecer. Êste preceito dos pedagogos é reconhecido pelos próprios educandos. Citando John Ruskin, o grande Foerster (*“Instrucion ética de la juventud”*) conta que êle, discutindo com adolescentes de 14 e 15 anos sôbre a obediência voluntária,

propôs como tema: “Quem não aprendeu a obedecer, não sabe mandar.” Os jovens frisaram não estar em condições de dar bem uma ordem quem não experimentou em si as reações que ela provoca.

Conhecer o que manda

É preciso ter experiência do trabalho pedido, do sacrifício ordenado. E lembrar-se *do que lhe custou aquilo na idade que têm agora os filhos*.

Hoje nos é fácil (ou não é ...) passar uma hora calados, ficar sentados sem mudar de posição (o próprio reumatismo ajuda...). Hoje fazemos tranqüilamente serviços que nos despertavam repugnância aos 12 anos ou 15 anos.

Um educador não pode esquecer que já teve a idade que têm agora seus educandos. E se esquecer, perdeu a capacidade de educar.

Conhecer os filhos

Só quem os conhece pode lidar com eles. Há as características gerais da infância e da juventude, com suas diferenças de idade e de sexo. Mas há também a *psicologia desta criança*.

Não existe a criança teórica, ideal, de livro; existe a real, viva, com a qual vivemos, que ouve as nossas ordens, que tem essas e aquelas reações, com tal temperamento, e que o educador deve conhecer muito bem, para se lhe poder adaptar.

Saber mandar

Para que suas ordens sejam bem acolhidas, devem ser dadas com bons modos. Do contrário, ficarão em casa como a rainha da Inglaterra, que reina, mas não governa.

Finalidade da obediência

Com muita freqüência encontramos deplorável equívoco sobre o sentido da obediência. Geralmente pais e até professores (formados em pedagogia!) *querem é ser obedecidos*. Por amor próprio, por autoritarismo, para ficar em paz, — pouco importa! — *querem é ser obedecidos*. Prontamente, sem explicações e sem delongas. (1)

● A verdadeira obediência é *aprendizagem do domínio de si* — fim da educação. É enriquecimento moral, aproveitamento da experiência dos educadores para facilitar aos educandos os caminhos do futuro, sabedoria de quem aproveita um guia para evitar as erradas, cuidado do comandante que entrega o navio ao prático dos mares perigosos. Por isso diz a Bíblia que serão vitoriosos os que sabem obedecer: “*O homem obediente cantará vitória*” (Pv. 21,28).

● *É liberação*: o homem se liberta das amarras do amor próprio e do orgulho, para reconhecer e acatar a autoridade. Não cede por medo ou interesse, mas age conscientemente, superando-se, dono de sua vontade até para abrir mão dela quando necessário.

● *É mestra da vida*. Se a vontade é fraca, ampara-se na obediência consciente e se fortalece. Se estreita, desenvolve-se. Se impetuosa, amansa e se canaliza para o bem.

● *Ela não é virtude de criança*, mas de homens feitos. As crianças importa ensiná-la, orientando-a cuidadosamente para seu fim.

(1) Uma diretora de escola dizia, com lamentável suficiência, a uma aluna que lhe perguntava a razão de certa proibição: “Se eu fôsse dar às alunas a razão dos meus atos seria uma incompetente.” Queria obediência imediata e cega, como nas casernas.

Algumas normas

Alguns marcos, para guia dos educadores de boa vontade, — graças a Deus, numerosos.

Obediência é meio e não fim

Não exijo obediência, para que a criança seja obediente, mas *para que se eduque*. Adiante mostrarei que o fato de *ser apenas obediente* constitui grave perigo para o educando.

A obediência se orienta para a educação: *ensina* a criança a usar bem da liberdade. Vai *afrouxando*, na medida em que o educando vai aprendendo a orientar-se sozinho. Será eliminada, quando êle se tornar “governador de si mesmo”, na feliz expressão de Guimarães Rosa. (1)

O papel do educador é orientar, ensinar os caminhos, ajudar a marchar, retificar em caso de errada, estimular para o autodomínio, “como a águia que provoca seus filhos a voar, esvoaçando sobre eles” (Dt 32,11). E tanto mais feliz se sente quanto mais percebe que se vai tornando dispensável.

Levar a criança a submeter-se, e não submetê-la

Quando *me submeto*, pratico ato livre, consciente; quando *sou submetido*, não: fui subjugado. No primeiro caso, obedeci; no segundo, fui domado.

Obedecer é *querer o que outrem quer*, e não fazer o que outrem manda. A obediência é *ato da vontade* que sabe vencer as dificuldades para querer. Por isso, a verdadeira obediência é filha da liberdade. Mas começa sendo mãe da mesma liberdade; isto é, preparando a criança para saber ser livre, para dispor de sua vontade, para dominar-se e inclinar-se no sentido em que

(1) Em meu livro “A Educação dos Filhos”, estudo com mais amplitude este assunto.

a razão a chama (e não no sentido em que as paixões a empurram).

Como se vê, a obediência implica o autodomínio. Está muito longe de ser o domínio que o educador exerce sobre os educandos. Mas este conceito, policial e totalitário, ainda é muito corrente, e continua fazendo a infelicidade dos educandos.

Nunca devemos perder de vista que *o exercício da autoridade visa aos súditos não aos superiores*, porque busca o bem moral daqueles, e não a satisfação destes.

O educador não deve impor a sua vontade, mas sim formar a do educando.

São pessoas distintas, com vontades distintas, com gostos diversos ou até contrários. Não devo proibir-lhe algo “porque não gosto disso”, mas porque isso não deve ser feito. Não posso substituir sua vontade pela minha; mas devo formá-la para que ela saiba querer o bem e levá-lo à prática.

Pensássemos melhor nesta verdade (aliás tão solar), e seríamos *mais positivos que negativos em educação*, ensinaríamos mais o que se há de fazer que o que se há de evitar, daríamos *antes normas de vida que proibições*.

A criança exige mais desenvolvimento que restrições

É ser em crescimento: deve realizar-se. Montessori disse muito bem: “A educação é ajuda positiva à expansão normal da vida”. Não é proibindo a criança de agir que a desenvolveremos; mas ensinando-lhe a fazer o bem.

Nosso papel é canalizar-lhe as energias, e não reprimi-las. É apontar-lhe os caminhos, e não impedir-lhe a passagem. É ensinar-lhe *a querer*, e não a *não querer*. É dar-lhe meios para realizar-se física, sentimental, cultural, moral e religiosamente — pondo-a no

caminho do homem integral. Não é dizer-lhe: “Fica quieta”, mas dizer-lhe: “Realiza-te”. Voltando à comparação de Moisés: não é cortar-lhe as asas, mas ensinar-lhe a voar.

Qualidades da obediência

Consideremos agora as qualidades da obediência ideal. Ela será:

a) *racional*: não cega, mecânica, servil, mas entendida nas suas ordens e nos seus motivos, a fim de que sua execução seja um ato humano, e não atitude (de animal amestrado);

b) *digna*: compreendida, espontâneamente aceita, deliberada pela vontade que quer submeter-se, ato livre, próprio de quem quer ser livre; ela não me desfaz, e sim me afirma a personalidade; não me avilta, mas me engrandece; não me torna carneiro de rebanho, mas homem que dispõe de si mesmo; é mostra de liberdade, não de servilismo;

c) *confiante*: anota Göttler (“Pedagogia sistemática”) que a obediência supõe “um respeito íntimo... às ordens das pessoas revestidas de autoridade, uma veneração aos superiores de qualquer categoria, enquanto êles representam as autoridades que regem a vida das sociedades”; êsse respeito, essa veneração estabelecem a confiança que inclina à aceitação fácil das ordens recebidas, mesmo quando não se lhes conheça a razão ou não se lhes perceba o alcance;

d) *alegre*: racional, digna, confiante, a obediência será alegre, sem constrangimentos maiores, sem murmurações e revoltas, sem mêdos nem desgostos, mas fácil e até espontâneamente pronta;

e) *sobrenatural*: nós, que cremos em Deus e para Ele encaminhamos a vida e a educação, tudo devemos fazer em vista da eternidade, ainda que sejam as ações

mais quotidianas atividades (1) ; nós, que sabemos que “todo poder vem de Deus” e que “resistir à autoridade é resistir a Deus” (Rm 13 1-2), devemos obedecer com essa visão sobrenatural: ela ultrapassa os homens e nos prende a Deus, garantindo-nos que teremos sempre a recompensa de nossa submissão, desde que as ordens recebidas não contrariem diretamente aos Mandamentos divinos ou aos ditames de nossa consciência.

Preparar a obediência

Embora estejam os filhos obrigados à obediência, não a podemos exigir do mesmo modo a todos. Impõe-se a discriminação, devida à idade e às circunstâncias individuais. A idade é que primeiro se apresenta.

● Na *primeira fase* será apenas o *adestramento*. Incapaz de compreender, a criancinha aprende a fazer o que a mamãe manda, e a não fazer o que ela proíbe. Vai-se habituando a atender à mamãe, que lhe falará sempre com carinho, às vezes com firmeza, até estabelecer os hábitos.

Com 18 a 20 meses, já “compreende” algumas razões, que lhe são dadas: “está molhado”, “é sujo”, “é do maninho”, etc. Antes dos 2 anos, se ela foi encaminhada assim, basta-lhe um olhar ou um gesto para retirar a mãozinha.

Esta é, irremediavelmente, a fase da obediência cega, em que o único verdadeiro motivo é a vontade do educador. Embora à maioria dos pais pareça sem importância, reputam-na os modernos psicólogos a idade decisiva na vida do homem — como o alicerce para a casa. E cometem falta, às vezes irreparável, os que a desperdiçam, deixando para mais tarde o que então deve ser feito. Depois será preciso desfazer maus

(1) “Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus” (1 Cor 10, 31).

hábitos, para iniciar os bons — o que representa multiplicado trabalho e precários resultados.

● Na *segunda fase* começamos a dar as razões de modo mais explícito, porque cresceu a capacidade de compreensão. E o educador que se preza quer estabelecer a obediência consciente. “Falem mais baixo, porque a mamãe está repousando”. “Vão brincar lá fora, porque a vovó está doente”. “Desliguem o rádio que está perturbando o estudo do papai.”

Não podemos dizer ao certo quando começará esta segunda fase. A criancinha passará logo para a *idade do não*, que repelirá sistematicamente o que lhe mandarmos ou pedirmos. Mas, em seguida, apelaremos para a compreensão da criança: “Você não compreende que não pode brincar na chuva?”

O fato de compreender não significa que se renda. Compreende, mas quer ir assim mesmo. Ou tem dificuldades especiais para compreender: “Como é que Pedrinho está brincando?” Ou: “Como é que os homens trabalham na chuva, e não adoecem?”

Esta fase exige bastante paciência ao educador, para que êle:

- não descambe para o autoritarismo (“É; mas você não vai *porque eu não quero*”),
- não caia na discussão de igual para igual,
- ou seja derrotado, “por pontos” (“Pois, então, vá; e me deixe em paz”).

● Na *terceira fase*, se os passos anteriores foram seguros, o pré-adolescente e o adolescente atenderão às *indicações* dos pais, e o trabalho de persuasão, próprio da etapa anterior se reduzirá aos casos específicos da idade. É verdade que os surtos de independência são mais fortes, mas os pais compreensivos proporcionarão as ordens e restrições ao desenvolvimento do comportamento moral e social dos jovens.

● Henri Pradel, no excelente estudo sobre a obediência (“*Comment former des hommes*”), que me for-

nece vários elementos dêste capítulo, caracteriza essas fases por três fórmulas: “Eu quero”, — “É preciso”, — “Tu deves.” Podemos também caracterizá-la por três verbos: Mandar, persuadir, indicar.

A criança que tiver sido bem trabalhada na primeira fase estará excelentemente preparada para obedecer nas demais.

Facilitar a obediência

Os pais gostam de ser obedecidos, mas os filhos não gostam muito de obedecer. Para dêles conseguirem mais fácil virtude, cuidem os pais de melhorar os métodos de comando. O exercício da autoridade é uma *ciência* e uma *arte*: tem seus princípios e sua técnica. Os que as conhecem facilitarão as próprias tarefas e as dos súditos. Quem sabe mandar é mais fàcilmente obedecido.

Vejamos, então, algumas normas de comando pedagógico.

1.^a norma: *Mantenha a autoridade*

Para isto:

a) *acredite-se junto às crianças:*

- fale com a superioridade de pais sôbre filhos, na convicção de que não está apenas exercendo um direito, porém cumprindo um dever;

b) *dê ordens:*

- não peça favores, pois a sua autoridade se impõe pela natureza;

- os próprios súditos gostam de ser comandados com autoridade: os judeus admiravam em Jesus que Ele falava “como quem tem autoridade, e não como os seus escribas e fariseus” (Mt 7,29);

- não discuta com os filhos: isto aniquila a capacidade de mando;

c) *fale com firmeza:*

- a timidez de quem manda sugere a possibilidade da desobediência;

- vendo-se temida, a criança se reputa superior, e não atende;

- uma autoridade fraca não recebe acolhida nem confiança dos súditos;

- não recue facilmente da ordem dada (a menos que tenha visto seu erro), nem ceda a pedidos, carinhos ou lágrimas (aliás, quando as crianças sabem que é inútil insistir, não insistem);

d) *assegure a autoridade alheia:*

- nada é mais prejudicial à autoridade do que a falta de união entre os pais — um proíbe, outro permite; um ordena, outro dispensa; um corrige, outro relaxa; ou se desentendem sobre o regime de educação, à vista das crianças; ou entram em contradição com os mestres e o colégio.

2.^a norma: *Seja prudente em mandar*

Do contrário, a autoridade se compromete, os recuos se impõem, e as crianças encontrarão pretextos para desobedecer. Tome, pois, cuidado:

a) *pense as suas ordens:*

- nada de precipitação, que obrigue depois a recuar ou (pior ainda) a fazer vista grossa;

- não ordene o impossível ou sumamente difícil;

- não proíba o que as crianças nem sonhavam fazer (1);

(1) Pode ser isso uma sugestão à obediência. Tendo ganhado uns instrumentinhos de carpinteiro, o menino (7 a 8 anos) fizera uma devastação em casa. Indo sair, a mãe, imprudentemente, lhe recomenda que, em sua ausência, poupe ao menos a mobília da sala.

b) *seja oportuno:*

- escolha o momento mais propício à obediência;
- respeite a idade, o temperamento, a curiosidade, o interesse momentâneo da criança (2);

c) *não ponha tudo no mesmo plano:*

● nas recomendações às crianças, há *ordens* que a autoridade impõe, há *conselhos* que a experiência dá, e há *pedidos* que a amizade ou a boa vizinhança fazem: não podem ser postos no mesmo nível, pois a ordem é para ser cumprida, enquanto o pedido e o conselho ficam à generosa receptividade da criança...

● não ponha também no mesmo plano o que é contra a moral, o que é contra as boas maneiras, e o que não lhe agrada. (3)

3.^a norma: *Fale pouco*

a) *Mande pouco:*

● mande apenas o necessário, e não mais, para não estafar as crianças, não desanimá-las, não irritá-las nem ensinar-lhes a insubmissão;

O pequeno arregalou os olhos, agradavelmente surpreendido e concluiu: — E mesmo, eu não tinha me lembrado de "consertar" a mobília da sala.

Quando a mãe voltou, o "consêrto" estava feito!...

(2) Em pleno jôgo, é importuno mandar todos para a cama. É natural a reação de desobediência.

A Religiosa que se queixava da falta de piedade das alunas, que não lhe atenderam o apêlo de deixar a partida de basquete e ir fazer adoração ao SS. exposto na capela, propus que fizesse o mesmo convite antes da aula de matemática, e veria como as meninas eram... piedosas!

(3) Há pais que deixam passar princípios e atos contra a moral, que toleram e até autorizam graves pecados contra a religião e a justiça mas não suportam pequenas faltas que lhes desagradam. Um dêsse ficou escandalizadíssimo comigo porque procurei acalmar-lhe os furores contra o filho de 13 anos que começava a

● não faça muitas proibições, mas se restrinja ao indispensável, para não limitar demais a criança, que antes precisa aprender o que deve fazer e não o que lhe é proibido (4) :

b) *seja breve e claro:*

● uma ordem longa ou confusa será, na certa, esquecida, confundida ou deixada (5) ;

● palavras rápidas e seguras, suficientes para dizermos o que é necessário, sem mais nem menos;

fumar. É pecado? É imoral? É contra a justiça ou a caridade? Nada disso. Pois então...

— Que ele fume quando ganhar dinheiro; com dinheiro meu, não!

Mostrei-lhe que criava dificuldade com o filho, levantando uma barreira perigosa, por causa de uma tolice.

— Duvido que um filho de meu pai fumasse na presença dêle.

— Sim, mas nesses 40 anos quanta mudança (lícita) nas relações entre pai e filho! E por que estarmos gastando tanta energia numa batalha sem finalidade?

— Não vá me dizer que o senhor acha que devo autorizar o “vício” do menino, e dar-lhe dinheiro para mantê-lo...

Tive desejo de replicar-lhe que os verdadeiros vícios do menino êle tinha acolhido com certa satisfação, pois eram “mostras de virilidade”, e “o pai também começara cedo”... Mas me contive, contentando-me em dizer que não era necessário autorizar, bastava fechar os olhos. Quanto ao dinheiro, o menino o gastasse de sua mesada. Para que tempestade em copo d’água? Ou, mais apropriadamente, incêndio com fumaça de cigarros?

(4) É comum ouvir-se a mãe “educando” o filho: “Anda direito, menino”. — “Levanta essa cabeça”. — “Conserta a camisa”. — “Olha pra frente”. — “Sobe no passeio, senão o automóvel te pega”. — “Chega pra lá: fica só tropeçando na gente!” — “Fecha a boca, para não parecer bôbo”. — “Puxa essa calça pra cima”. — “Pega direito no garfo”. — “Isso é modo de beber água?” — “Senta direito”. — “Quem já viu mastigar dêsse jeito?” — “Fale direito com sua tia”. — “Não arraste a cadeira assim”. — E dez mil outras recomendações diárias.

(5) A mãe pergunta: “Quem de vocês quer deixar o jôgo um instante, levantar-se da cadeira e ir fechar aquela porta da saleta,

● fale de modo preciso e concreto, pois as recomendações vagas são quase sempre perdidas (6) ;

● quando fôr necessário, porque a criança está um pouco longe, ou porque animado o grupo em que figura, chame-a pelo nome, e só lhe dê a ordem quando se tiver assegurado da sua atenção;

c) *fale pelo gesto e pelo olhar:*

● certos deveres de rotina demandam apenas um lembrete — um pequeno gesto, um olhar, um movimento de cabeça, um mexer de supercílios — e as crianças compreendem que é hora de ir para o estudo ou para o leito, que devem moderar a voz, mudar de posição, etc.

que está batendo com essa ventania?" A turma continuou firme no jôgo.

A ordem devia ter sido dada assim: — Pedro, vá fechar a porta da saleta.

Outro exemplo, êste autêntico. A mãe recomendou ao filho de 8 anos: "Henrique, olhe, mamãe vai sair um pouco, ela vai ao cabeleireiro pentear-se para a festinha de amanhã, depois vai à cidade se encontrar com o papai, para fazer mais umas compras que ainda são necessárias. Você fique brincando direitinho com o priminho, mostrando que é um menino bem educado, e seja muito bonzinho com êle. Tá?"

E o filhinho:

— Tá.

Por sua vez, a porta bateu — tá, e a mamãe, foi-se. Ao voltar, encontrou só os papeis de uma travessa de doces que figurariam na "festinha de amanhã". Interrogado, Henrique confessou: tinha dado ao primo; pois a mamãe não recomendara que fôsse bonzinho com êle?...

(6) As crianças nem atinam com o desejado. — "Meu filho, você precisa ser mais correto com as visitas." — "Um rapaz como você já deve saber tratar as senhoras que encontra." — "Minha filha, a sua linguagem deve ser mais correta". — "Vocês hoje me envergonharam diante das visitas".

Tudo perdido! Diga-lhes como não de receber as visitas, de tratar a senhora conhecida que encontram na rua ou no ônibus, que êrros de linguagem cometeram, que desacertos cometeram diante das visitas e como devem falar e portar-se.

4.^a norma: *Mande com bons modos*

a) *Fale sempre delicadamente:*

● mais se obedece ao modo e à pessoa do que às ordens:

● a delicadeza vai muito bem com a firmeza e com a prudência;

● o sentimento do brasileiro repele a grosseria, que fica mal em todos e especialmente num educador, e não tem cabimento entre pais e filhos;

● não pense que a delicadeza lhe diminuirá a força moral; antes a aumentará: as crianças não a confundem com fraqueza, e o agrado que ela desperta inclina à obediência e acredita a autoridade;

● quando o educador costuma fazer-se obedecido, a fórmula pode ser de súplica, e as crianças a entenderão devidamente: “Querem fazer o favor de falar mais mais baixo?” “Querem ter a bondade de recolher-se?” “Minha querida, faça-me a fineza”...

b) *Evite humilhações:*

● elas irritam as crianças, e antes predispõem à revolta que à obediência;

● não faça comparações deprimentes (“Não faça essas caretas: fica parecendo um macaco”);

● não diminua a criança na presença de adultos

● elas irritam as crianças, e antes predispõem à irmãos (ficarão zombando dela), nem em face de si mesma (pode levá-la à revolta ou à inferioridade);

● não tripudie sobre a rendição do desobediente (“Conheceu, bichinho?” — “Eu sabia que você tinha de se render!” — “Oh! E onde está o homem que não faria o que eu mandei?”);

c) *procure captar a confiança:*

a) confiança recíproca facilita os caminhos da obediência;

- abra sempre um crédito de confiança à criança, qualquer que seja a situação;

- mesmo que a prudência aconselhe uma vigilância mais estreita, retire-lhe sempre o aspecto de espionagem;

- não insinue a mínima possibilidade de desobediência, mesmo em se tratando de reincidente que certamente cairá de novo;

d) *ajude a obedecer:*

- estimule a criança ao cumprimento da ordem recebida;

- quando o trabalho fôr mais difícil ou inspirar especial repugnância à criança, comece-o com ela;

- *não compre obediência* com promessa (a não ser em casos raríssimos, para salvar situações extremas, em que o filho só a isso se mostrasse sensível): êsse comércio ilícito mais parece suborno;

- não faça ameaças: são perigosas à educação; feitas em geral apaixonadamente, podem deixar-nos no desagradável dilema de cumpri-las (fazendo injustiça à criança, por seu demasiado rigor) ou não cumpri-las (e desmoralizar-nos), e levam também a educação para um terreno que não é desejável;

- recompense a obediência, quando ela demonstrou maior esforço ou maior perfeição: os estímulos são alavancas que removem os obstáculos mais pesados.

5.^a norma: *Vele pela execução de suas ordens.*a) *Mantenha a continuidade:*

- nada mais proveitoso à educação do que um rumo certo e a firme determinação de segui-lo: a coe-

rência dá unidade ao trabalho educativo, emprestando-lhe maior vigor e eficiência;

- baseie a educação em princípios, repita-os com frequência na presença dos filhos (melhor do que a eles diretamente);

- evite dar ordens e contra-ordens nascidas do capricho ou do humor (da “lua”, da veneta, ou dos “azeites”, como dizem as crianças, que nos conhecem melhor do que imaginamos);

- não recue das ordens dadas, a menos que tenha verificado sua improcedência ou nímia dificuldade, ou que um fato novo a tenha tornado dispensável ou contra-indicada;

b) *não desanime:*

- educação é trabalho de paciência, não se realiza a jato, mas a passo e passo, com avanços e contra-marchas;

- o educando não pode desanimar, muito menos ainda o educador;

- reanime a criança que cair, e não deixe de aquecê-la à chama das próprias vitórias, por pequeninas que sejam;

- não há crianças normais incorrigíveis, e as anormais têm direito a todos os nossos esforços e cuidados;

- quanto mais difícil a criança ou o caso, mais necessárias a paciência e a tenacidade;

c) *peça contas das ordens dadas:*

- esquecê-las é votá-las ao fracasso, pois as crianças sabem que não serão argüídas a respeito;

- entre a espionagem e o descaso está a vigilância, de que quase todos os homens precisam, e as crianças de modo especial, porque são caracteres em formação;

● o cumprimento das ordens pode ser verificado diretamente pelo educador, pois é direito e até dever seu, mas convém pedir contas ao próprio educando, a fim de despertar-lhe o espírito e mantê-lo em brios;

d) *exija até o fim:*

● não transija com a desobediência, uma só vez que seja, para não insinuar fraqueza, de que se aproveitarão as crianças;

● não aceite meia tarefa, quando a pediu inteira, pois já esta meia desobediência é caminho para a desobediência total;

● se o trabalho era condicionado a algum ato, não houve válida causa excusante, considere desobediência o descumprimento do prazo;

● se o trabalho era condicionado a algum ato, este não se realizará sem aquele: “Faça este serviço *antes do almoço*” — e a criança só almoçará quando o tiver feito!

6.^a norma: *Seja compreensivo*

a) *Pense na criança:*

● ela é instável, de imensa mobilidade;

● o pequeno desenvolvimento da inteligência não lhe permite maior capacidade de reflexão — e não pesa o que faz;

● a vontade em formação é ainda fraca, e ela é tangida pelos instintos e pelo impulso dos interesses imediatos;

● seus horizontes limitados não lhe permitem ver longe, e ela mais se preocupa com o presente que com o futuro, mais com o pessoal que com o geral, mais com os prazeres que com a moral;

● as grandes forças que movem os espíritos verdadeiramente adultos deixem-na fria e imóvel, porque

ela ainda não sente a beleza do dever, da consciência, da dedicação ou do sacrifício;

b) *saiba ceder*:

- erros de criança não podem ser julgados com rigor;

- suas responsabilidades são limitadas à sua capacidade: ela é uma criança;

- se ela errou, pese as causas de seus erros antes de pensar em puni-los;

- lembre-se que um motivo que para nós é fútil ou inexistente, para ela é irresistível; (1)

- pense nas limitações da criança, nas tolices da idade;

- tratando-se mesmo de adolescentes, lembre-se de sua imaturidade, da facilidade por que se deixam levar por companheiros, da incapacidade para julgar idéias e pessoas, da tendência em ceder à vaidade e aos brilharecos;

- faça o possível para não esquecer do tempo em que foi também criança e adolescente: quando o esquecermos, não podemos mais ser educadores;

- tenha a humildade de recuar, se percebe que errou, mesmo que o êrro tenha sido apontado pelas crianças; reconhecer o êrro é grande atitude moral;

(1) Pequeno de 9 anos chega-me apavorado. Saira de casa para a Missa das 11, a última que então havia na cidade. Juntou-se aos meninos que acompanhavam um camelô de circo, e, quando caiu em si, estava no outro extremo da cidade. Correu para a igreja, mas a Missa terminara. Seria castigado em casa, se contasse singelamente a verdade. E o pior de tudo: o pecado mortal de ter faltado à Missa! Nunca lhe esquecerei a expressão de alívio quando lhe disse que não pecara (perdeu a Missa sem querer) e lhe propus telefonarmos à mamãe que êle almoçaria comigo. Aquela senhora, que mal lançaria um curioso olhar para o homem de pernas de pau, dificilmente compreenderia que êle arrastasse invencivelmente o seu filho por duas horas de caminhada a pé.

Não é uma pena essa incompreensão em pessoas tão bem intencionadas?

● e quando ceder, ceda clara e generosamente, confessando que se enganou, não viu o aspeto que as crianças apontaram, que não quer impor um êrro aos filhos — faça como o general vencido: tire a espada e a entregue ao vencedor, e crescerá no conceito dos educandos.

7.^a norma: *Apóie-se em Deus*

Aqui está uma norma preciosa, que, infelizmente, muitos educadores esquecem. Nenhum daqueles que crêem realmente em Deus — católicos, protestantes ou judeus — pode menosprezar tão poderosa alavanca de toda a educação, e particularmente da difícil virtude da obediência. É precisamente num cântico que fala da prosperidade da família que o salmista diz: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem” (Sl 126,1).

Apoiar a obediência em Deus é encaminhar a criança para

a) *obedecer a Deus:*

● aquêles que exercem autoridade fazem-no em nome do Senhor, de quem procede todo poder de homem sobre homem: a cada um dêles aplicaremos com verdade a palavra de Cristo a Pilatos: “Não terias poder sobre Mim, se não te fôsse dado do alto” (Jo 19,11);

● “autoridade” vem de “autor”: se os pais são os autores de seus filhos, Deus é o Autor de todos os homens e de todas as coisas — foi Ele que deu aos pais o poder de gerar e o dever de educar os filhos;

● os que mandam, não só o fazem em nome de Deus, mas devem também fazê-lo para glória de Deus;

● e os que obedecem, mais obedecem a Deus de que aos homens, e mais devem submeter-se por motivos sobrenaturais que por motivos humanos;

● os que se habituam a ver nos homens o poder de Deus (o que não é fácil), obedecerão humildemente, mesmo quando os superiores são antipáticos ou indignos do cargo;

● não queremos dizer que estejam os pais lembrando aos filhos essas verdades cada vez que os mandam fechar a porta ou desligar o rádio, mas sim que os impregnem dêsse espírito sobrenatural que facilita e dura tôda a vida moral;

b) *recorrer a Deus:*

● disse Louis Venillat que anda mal o mundo porque os homens ficam mais em pé do que ajoelhados;

● consultado o grande Windhorts por uma senhora cuja vida doméstica andava periclitante, perguntou-lhe se não tinha em casa um genuflexório, e ela lhe respondeu que sim, mas estava velho e sem uso: “Pois é isto que falta a seu lar: voltem a usá-lo, e tudo serenará”;

● os pais deviam mais falar dos filhos a Deus do que de Deus aos filhos;

● quando os filhos se perdem, procurem-nos no genuflexório que os encontrarão, como Mônica encontrou S. Agostinho;

● quando os filhos tiverem dificuldades, orientem-nos para a oração, lembrando-lhes as promessas de Cristo a quem orar;

● quanto mais difícil acharem a obediência tanto mais devem rezar a Deus: “Pedi e recebereis” (Jo 16, 24);

● encaminhá-los para o amor de Deus como supremo móvel de seus atos;

● pôr-lhes na mente a vida de Cristo, como modelo a seguir;

● habituá-los também a esperar de Deus as recompensas: as que se esperam dos homens falham a cada instante, mas as divinas são infalíveis;

c) *examinar-se diante de Deus*:

● se os homens nos interrogam, podemos (às vezes até devemos) negacear, quando são indiscretos ou injustos;

● quando nos acusam, nosso primeiro movimento é de defesa;

● mas se somos nós próprios que nos interrogamos, e o fazemos em face do Senhor “que vê o que é oculto” (Mt 6,6), então é natural que apareça a verdade;

● é o *exame de consciência* prática quotidiana de sumo valor pedagógico, que os bons educadores nunca deviam dispensar;

● habitue seu filho a examinar, à noite, o dia que viveu, pedindo a luz divina para conhecer-se, relembrando o que fêz de bom (para agradecer a Deus) e de mal (para pedir perdão e propor emenda), *procurando as causas e as intenções* de seus atos bons ou maus;

● dificilmente continuará desobediente, mau filho, mau estudante aquele que fôr fiel ao exame de consciência;

● os católicos acusem na Confissão as desobediências, pois a confissão inclina à correção, e a absolvição outorga a graça que muito ajudará na emenda.

Os desobedientes

Empregados todos os meios indicados, haverá ainda os desobedientes. São naturalistas e utópicos os que, como Robin (*L'enfant sans défauts*), afirmam que a desobediência infantil não tem expressão em si, e deve ser atribuída à doença da criança ou aos errados processos educacionais da família.

Reconhecendo a grande freqüência destes fatôres, não pensemos, contudo, que sejam as crianças uns anjos caídos do céu... São filhos de Adão, com os percalços da pobre humanidade, e descendentes de suas famílias, com a carga hereditária de gerações e gerações. In-

gênuo, pois, quem as quiser reputar angélicas ou atribuir-lhes a sabedoria, de que o próprio Salomão nos deixou mais teoria que exemplos. Falta-lhes o senso para acatarem ordens, ainda as mais ricas de bom senso. Míngua-lhes a visão, mesmo quando se trata de seus melhores interesses presentes e sobretudo futuros.

Claro que os pais cuidadosos e avisados reduzirão muito as desobediências dos filhos, mas só por exceção as eliminarão nalgum dêles.

Outras indicações

Já dissemos muito a respeito das causas de desobediência. Façamos, juntos, novas considerações.

A correção é lenta

Faz-se aos poucos, através de muitas recaídas, mesmo na vida dos santos. Empenhadas em corrigir-nos de um defeito, quantas vezes tornamos a cometê-lo? A Imitação de Cristo nos adverte: “Se cada ano corrigíssemos um só vício, dentro de pouco tempo estaríamos perfeitos”. No entanto somos adultos e decididos à correção.

Que diremos então dos que estão em formação, fracos de convicções morais, fraquíssimos de vontade? Ainda os melhores recairão muitas vezes. É comum desculparem-se: “Foi sem querer.” Os que não os acreditam vejam-se a se afligirem das próprias faltas: “Ih! E eu tenha prometido a Deus não fazer mais isto!”

Crianças precisam de nossa paciência e ajuda. A compreensão que nos pedem é esta. Não sejamos mais exigentes com as crianças do que conosco!

Lembre-mos de que a verdadeira obediência não é fácil: deixar de querer o que queremos para querermos o que outro quer! Fazer o que outro quer é mais fácil: mas esta não é a finalidade do educador, nem isto pode

contentá-lo. Os que se impacientam caem no êrro de preferir a submissão à obediência.

Seja constante a ajuda

Não se impaciente com a criança, mesmo que a falta seja propositada. Mantenha a calma, e exija de nôvo o cumprimento da ordem dada.

Obrigada mil vêzes a repetir a mesma ordem ou a lembrar o cumprimento de uma determinação, façamo-lo sem nos perturbarmos, como se estivéssemos falando pela primeira vez. Sei que isto nos custa, mas se não sabemos conter-nos, como queremos corrigir os outros?

Não desanimemos: cada vez que a criança precisa realmente de correção, corrijamo-la, ajudemo-la a emendar-se, sem recriminações (que podem desanimá-la), sem alegação das faltas anteriores.

Dos maiores inimigos da correção é a falta de continuidade: permite hoje o que proibia ontem. Guarde *fidelidade aos princípios, e coerência nos atos*.

Creio não ser preciso repetir o que disse a 5.^a norma sôbre a necessidade de velar pela execução das ordens, e exigir o seu cabal cumprimento, tranqüila mas inflexivelmente.

A perseverança do educador termina conseguindo a do educando: a gôta cava a pedra, não pela fôrça mas pela repetição da queda.

Estude cada criança

Cada criança é um mundo diferente. É importantíssimo saber *por que* desobedeceu.

O prefeito de disciplina (o nome é horrível mas é corrente até em nossos colégios) deu uma ordem, a que a turma inteira desatendeu. Por que?

Paulo, porque não gosta do prefeito.

Pedro, por espírito de oposição, pois é “do contra”.

Afonso, indignado com o modo grosseiro da ordem.

Martinho, porque foi vítima de certa injustiça do prefeito e, como lhe notou o empenho em ser naquilo obedecido, aproveita para vingar-se.

Sancho, por simples displicência.

Tomé, porque não achou justa a ordem.

Marco, para contar aos outros que não obedeceu.

Hélio, por solidariedade com a turma.

Augusto, para seguir os outros.

Alcides, porque é um agitado mesmo.

E Luís, de quem partiu a idéia de desobediência unânime, e que convenceu os indecisos como Hélio e os fracos como Augusto.

Cada criança é um caso para encaminhamento diferente. A mesma solução não pode servir para todos. Infelizmente, na maioria dos colégios, a solução será uma só — e não será solução. Todos irão de castigo, agravando as causas de suas desobediências, punidos, mas não corrigidos.

Este não há de ser o caminho do verdadeiro educador, principalmente dos pais. Ele examinará cada caso e lhe aplicará a conveniente terapêutica, levando a criança a *mudar as disposições interiores* e dispor-se a agir corretamente na próxima oportunidade. Sem isto, a correção não tem sentido: a criança será subjugada, mas a causa da desobediência permanece e até se agrava.

Não haverá castigos?

A idéia é tão arraigada que me escusarão a insistência. Se a preocupação é educar, a correção basta.

Ela pode tomar, no entanto, várias feições, conforme o caso.

- A ordem não foi cumprida; pois o será agora.

- O trabalho foi mal executado: será feito de novo, com o cuidado devido. E será repetido até que

corresponda às possibilidades da criança (que o educador conhece).

- O mesmo acontecerá, quando a criança *propositadamente* modificou a ordem, para beneficiar-se.

- Houve transtorno em virtude da desobediência: a criança o reparará, na medida de suas possibilidades.

- Os casos de obstinação serão raríssimos nas crianças bem educadas. Mas se aparecerem, os pais os enfrentarão com *calma e energia*:

- a) informando-se primeiramente do obstinado sobre as razões do seu procedimento e procurando desfazê-las;

- b) fazendo-o recolher-se sozinho algum tempo, para pensar melhor;

- c) recorrendo ao auxílio de pessoa da confiança da criança;

- d) impondo outras sanções educativas que a situação do educando comporte.

Vantagens da desobediência

Aos que tanto se desgostam e se irritam com as desobediências do filho dou-lhes uma palavra de conforto. É bom sinal! Sinal de personalidade forte, que deve ser bem orientada para dar frutos dos melhores.

- Se não quer obedecer porque não vê a razão da ordem, parabéns: êle demonstra consciência de si, e promete ser um homem digno.

- Se recusa obedecer porque se sente cerceado na sua personalidade, parabéns: êle não será “o caníço agitado pelo vento” que o Evangelho reprovava (Mt 11,7).

- Se nega obediência porque o modo de mandar lhe ofende os brios, parabéns: êle sabe preservar sua dignidade.

- Se êle não aprecia as ordens supérfluas, parabéns: será na certa um homem do dever e de iniciativa.

● Se repele a ordem porque é contrária à moral, parabéns: êste menino começa onde muitos infelizmente não chegaram.

Êle pode ter erros de forma, devidos à idade; mas a substância é excelente, e só peço a Deus que não lhe cortem a perspectiva, mas o ajudem a crescer: o futuro dirá quanto êle vale.

Perigos da obediência

Folgam imensamente os pais dos filhos muito obedientes. “É tão bem mandado! — Basta dizer uma vez, logo imediatamente obedece! Não me dá trabalho! Quem dera que todos fôssem assim”.

Uma obediência baseada no respeito e no afeto aos pais, no sentimento de inferioridade que em face dêles experimenta o filho, e na confiança inteira que neles deposita, é digna de louvor. Mas é rara, porque essa piedade filial em tão alto grau é muito adulta e perfeita para se encontrar em crianças.

Nem me parece muito normal a obediência imediata. Em geral se deixa um compasso de espera, como satisfação ao amor próprio... Essa obediência, só a encontramos numa visão plenamente sobrenatural ou no fanatismo. Aquela vive (com dificuldade) nos conventos, onde a liberdade chegou à perfeição do voto de obediência aos superiores, como representantes de Deus; êste é expressão de servilismo, de renúncia à dignidade humana, de sabujismo, e permita Deus que *nec nomine-tur in nobis*, como da imundícia e da avareza queria S. Paulo entre os cristãos (cf. Ef 5,3).

Costumo dizer aos pais que não exijam dos filhos a obediência da lâmpada elétrica, que se apaga ao virarmos o interruptor, mas se contentem com a do ventilador, que ainda dá umas voltinhas antes de parar...

Exceto em casos privilegiados, tem a demasiada obediência não pequenos perigos. Anula-se a vontade da

criança, e depois? Essa obediência excessiva pode ser de má procedência e péssimos efeitos.

a) Pode ser *preguiça mental*: para não ter o trabalho de pensar, entrega-se, fazendo o que lhe mandam, sem repetir, sem medir conseqüências, pronta e automaticamente, como animal amestrado ou como máquina.

b) Por sentimento *de inferioridade*, não em face de pais, mestres e outros adultos em quem tenha razões de confiar, mas *em face de qualquer outro*, pode ainda a criança *entregar-se* à obediência absoluta.

c) Há também o perigo de *aviltamento de caráter*, se se obedece sem respeito à própria personalidade, contra suas convicções, contra os ditames da lei e até da moral, e, mais tarde, com medo ao chefe poderoso, à perda da colocação, do prestígio social ou político.

Apontados assim, são claros por demais os perigos de uma obediência indiscriminada, todos de evidente gravidade... Ela mata os germes da dignidade, da altanaria e da honra. Não é disciplina, mas servilismo e emasculação moral, que formará não homens, mas paltrões que se deixarão tanger pelos tiranos, subornar pelos corrutos, comprimir pelos prepotentes, sem ânimo para protestos, sem vigor para resistência, sem coragem para a revolta, sem fibra para salvar sequer a honra.

É dessa “educação para a morte” que saem as massas das eleições unânimes dos países tiranizados, os rebanhos submissos que os totalitários tangem a vara, os funcionários acovardados que cometem as ilegalidades ordenadas pelos chefes, os que cumprem sem pestanejar as ordens criminosas matando companheiros ou estrangulando jovens indefesas...

Nem os censurem: aprenderam apenas a obedecer, e obedecem! É o que fazem os que infamam a serviço de terceiros, os que executam os crimes forjados pelos chefes da “gang”, os menores que servem aos interesses de contraventores profissionais, as míseras moçoilas que funcionam como chamarisco para roubos e latrocínios,

os “homens de confiança” que transbordam bens e valores públicos para as propriedades e contas de seus próceres, e muitos outros que em semelhantes emprêsas figuram com deplorável freqüência nas seções policiais das gazetas.

Não é esta, evidentemente, a obediência que prezamos.

Precisamos de homens — e êstes só a obediência consciente é capaz de formar.

O E G O Í S T A

Êsse homem metido em si mesmo, voltado para suas preocupações e seus interesses, sem ressonâncias para as necessidades ou alegrias do próximo, incapaz de enxugar a lágrima de quem sofre, insensível à fome dos miseráveis, às angústias do aflito e ao frio dos enfarrapados, êsse homem que só pensa nos outros na medida em que eles lhe podem ajudar à riqueza ou à fama, e que os larga quando já não têm mais o que lhe dar (como quem joga fora o bagaço da laranja que chupou), êsse que só pensa em si, só tem para si e só quer para si — é o egoísta.

Também êle é infantilizado: não ultrapassou o nível da criança. Não se integrou na convivência humana. Seus horizontes fecham-se sôbre si mesmo, estreitos e sufocantes. Seus olhos só vêem o chão em que pisa, numa infeliz miopia que não enxerga caminhos alheios. Sua incapacidade de sentir o que não é seu atinge a selvagens endurecimentos que negam a própria natureza — como a jovem que chega da cidade, senta-se, queixa-se do calor e pede um copo d'água à velha mãe que labuta na casa e na cozinha desde as 6 da manhã!

Furtado pela natureza e vítima de má educação, êle diminui a própria capacidade de viver e extingue uma copiosa fonte de felicidade, desconhecendo a vida de seus irmãos e não os ajudando a ser felizes. Em tórno de si espalha o desprezo e a aversão.

Criança e jovem

A criancinha precisa de cuidar de si, de apegar-se ao que lhe é necessário, defender-se dos elementos estranhos, a fim de poder desenvolver-se. Ela obedece ao instinto que o Criador lhe deu para orientar-se até que a natureza humana sobrepuje essas manifestações inferiores. É nessa idade que ela desconhece quaisquer direitos alheios, inclusive o de propriedade, como depois veremos.

Na medida em que vai deixando de ser criança, vai também perdendo o egotismo. Vai descobrindo os outros. Estendendo o olhar para fora e ampliando o horizonte. Interessando-se pelos irmãos e colegas. Aos poucos, e se a educação a ajuda.

Na adolescência, as preocupações sociais brotam com vigor realmente humano. O adolescente, se não é mal servido de constituição nem infantilizado pela má educação, volta-se para os outros. Sai dos limitados círculos da família, dos companheiros de jogos e dos colegas da escola, e abre-se para a sociedade.

Mas não se desliga de um golpe da fase anterior. E apresenta contradições, oscilando entre rasgos de generosidade e manifestações de egoísmo. Mais se interessa pelos problemas de fora e de longe que pelos da família ou da vizinhança. Não será muito capaz de iniciativas pessoais, mas se integrará com gosto nos clubes e grupos de ação.

Nesta idade, mais do que na infância, reclama compreensão.

Influência dos pais

Pode, porém, acontecer que não evoluam normalmente os sentimentos da criança, e ela passe do egotismo ao egoísmo. É uma tendência má, como qualquer outra, e pode ser corrigida ou agravada pela educação.

A influência do lar é de suma importância, aqui como nos mais setores da formação. Os filhos imitam insensivelmente os sentimentos dos pais. Aprendem o que se faz e se diz em casa, ao longo dos dias, despreocupadamente, sem a intenção formal dos conselhos (contra os quais se põem em guarda).

Se os pais se manifestam egoístas na presença das crianças, nas conversas, nos comentários aos fatos quotidianos, na maneira de encarar os negócios, no cultivo das amizades, nas atitudes políticas, no modo de tratar os empregados — os filhos absorvem suas lições adesivas e marcantes.

Podem até, sem esta intenção, ensinar indiretamente o egoísmo, quando satisfazem ao filho desejos que contrariam ou sobrecarregam a irmãos e empregados. Sim, porque ninguém pode satisfazer-se à custa de direitos alheios.

Se, pelo contrário, são os pais caridosos, é na própria vida que dão às crianças a mais eficiente educação social, tornando-as, por sua vez, abertas sobre as necessidades do próximo e generosas em acudir-las. Resistem, ainda assim, certos germes de egoísmo, mas esta é a melhor maneira de combatê-los.

Educação social

Escusemo-nos de justificar a necessidade da educação para o amor e a ajuda do próximo: a natureza mesma a reclama, as carências de nossos irmãos gritam-nos por ela, e a tendência dos tempos lhe dá relêvo. Graças a Deus! A lição de Cristo clama por perene cumprimento: “Fazei aos homens o que quereis que êles vos façam (Mt 7,12), o que é maneira de cumprir o “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 19,19).

Indiquemos o modo de proceder na prática.

Com os pequeninos.

Como o egoísmo vem do berço, comece também daí a educação:

- não atender com sofreguidão à criancinha;
- habituá-la a ficar no berço;
- não ceder quando, mais tarde, aparecerem sinais de ciúmes;
- não lhe provocar o egoísmo, quando lhe der alguma coisa:

“Isto é para você”; ou, para conseguir obediência: “Coma, senão Fulano vem e come”.

Ensinar gentileza.

Exercitemos a criança segundo sua capacidade:

- fazê-la distribuir as balas e os doces com os irmãos, ficando ela por último;
- ceder a passagem nas portas, etc;
- ajudar os irmãos em seus trabalhos;
- oferecer lugar no ônibus às pessoas de idade, doentes, etc;
- atender sempre com bons modos e expressões delicadas, seja a quem fôr;
- não se exasperar nas discussões, e ceder quando se trate de opinião sua;
- ser delicada e boa com os animais e até com as plantas.

Orientar para o próximo.

Não se contente em *ensinar* que não temos o direito de exigir que os outros nos sirvam, e que devemos interessar-nos pelas necessidades alheias, mas *encaminhe a criança para obras de caridade fraterna*. Para isto:

- mover-lhe a sensibilidade, que é o mais fácil: saber “sentir” a fome, o frio, as carências dos pobres, dos doentes, das crianças;

● habituá-la a dar esmolas do que é seu: balas (guardar umas para a coleguinha mais pobre, o filho da lavadeira, etc), brinquedos (não quando já estiverem inutilizados), roupinhas, sapatos, etc;

● guardar revistas, livros de histórias, etc. para levar aos hospitais e internatos infantis pobres, *nas visitas que lhes fizerem*;

● ir brincar com as crianças internas em hospitais e educandários pobres: isto é mais do que dar presentes, é *dar-se* ao próximo;

● dividir a merenda com o colega pobre que não a pode levar à escola;

● ajudar os que encontre precisados de auxílio a seu alcance: o cego que quer atravessar a rua, a velhinha que tem dificuldade em subir ao ônibus, o estranho que procura a rua tal, a criança que está chorando na rua, etc.;

● fazer sentir a felicidade de fazer o bem ao próximo: “a felicidade de fazer os outros felizes”.

Participar de organizações de assistência.

“Organizar o bem é multiplicá-lo”, costumava advertir Pio XI. As crianças mais crescidas e os adolescentes lucrarão muito, integrando-se em instituições assistenciais, de acôrdo com seu sexo e tendências: Sociedade de São Vicente de Paulo, costuras para os pobres, campanhas sociais (da criança, pelos tuberculosos, pelos leprosos, de prevenção do câncer, contra o alcoolismo. campanha da lâ, etc, etc), organizações paroquiais.

Levar a sério essa participação: tomar trabalho e horário, tantas vêzes por semana, e desincumbir-se disso como de um dever.

Ver a necessidade alheia.

Não há descrição que valha a verificação pessoal do sofrimento ou das carências dos nossos irmãos mais pobres.

É preciso que as crianças tomem contato direto com o sofrimento e a miséria dos homens, segundo a sua capacidade. Levá-las a:

- visitar internatos e hospitais infantis, ou mesmo hospitais adultos (selecionando as enfermarias);

- ver os bairros pobres, de perto, sentindo-lhes o odor diferente, as dificuldades de tôda ordem, avaliando ao vivo como é possível sofrer permanentemente aquela miséria;

- levar pessoalmente, algumas vêzes, uma palavra de conforto e amizade aos colegas e amigos enfermos, sejam da mesma condição ou de inferior condição social e econômica.

Firmar a doutrina

A formação feita assim *por obras* firma a doutrinação dada na Catequese e na escola. Notemos, porém, que, por sua vez, a doutrinação há de ser *viva* e orientada *para o próximo*. Não creio em catequese decorada ou meramente teórica; por isso mesmo insisto com os catequistas e pregadores que dêem *sentido apostólico à doutrinação*, levando o ouvinte a pensar no próximo e a desejar ajudá-lo tanto espiritual como materialmente. Os homens caíram na horrível situação atual de egoísmo por falta de espírito cristão.

Há muita necessidade espiritual que deve preocupar o educador cristão:

- rezar pelos parentes e amigos, os doentes e sofredores, as almas do purgatório, a conversão dos pecadores, etc;

- ajudar as obras religiosas — paroquiais, regionais ou universais, desde as imediatas para as quais nos conclamam nossos pastores, até as universais, como a conversão dos pagãos;

● sentir as necessidades espirituais do próximo: os que não cumprem os deveres religiosos, os que não respeitam sequer os preceitos do Decálogo, os que não pensam em preparar-se para a eternidade que se lhes aproxima.

Para nós cristãos, tôda ajuda fraterna deve ser caridade, isto é, *amor do próximo por amor de Deus*, feita com vistas sobrenaturais.

O QUE NÃO QUER ESTUDAR

Acusação muito comum: os filhos “não querem” estudar. Tudo vai muito bem, mas o menino não gosta dos livros, tira notas baixas. O colégio já avisou várias vezes. É uma vergonha! E é uma pena, porque é muito inteligente (“não é por ser meu filho, não”), é vivo que faz gôsto. Para conseguir alguma coisa, a mãe tem que vigiá-lo de perto, e, saindo um instante, êle deixa tudo. Curioso: “só tem preguiça para o estudo”, quanto ao mais, não. Já “se fêz tudo”, e agora o colégio comunica que êle está em risco de perder o ano.

Queixas assim nos chegam às centenas, tão idênticas que já as sabemos de cor, com as variantes do professor particular para os mais endinheirados, ou os lamentos das despesas perdidas para os mais pobres.

Estudemos, juntos, o assunto. Busquemos as causas, antes de tudo. Disponham-se os pais a reconhecer a própria culpa, quando fôr o caso, e a corrigir-se, para que se corrijam os filhos.

Um momento delicado

Aos 7 anos, a criança deixa o círculo limitado e conhecido da família, e penetra no mundo inteiramente nôvo da escola. Não são mais os irmãos e os primos: são várias crianças, estranhas e heterogêneas. Não são sòmente os amiguinhos do edifício ou do quarteirão: são desconhecidos agora os seus companheiros: — nunca se viram, não sabe quem são, nem como se chamam, onde moram, de quem são filhos. Pela primeira vez,

ela é uma desconhecida no meio de desconhecidos. A própria professora ela não sabe quem é: sabe-lhe apenas o nome.

Esse novo mundo em que vai viver é muito diferente da família. Em casa eram os outros que procuravam adaptar-se-lhe; ali é ela que deve adaptar-se a tudo. O seu novo mundo tem horários rígidos, marcados pela sirene estridente; tem programas que lhe são impostos; tem lugares certos que lhe são designados. Grande parte de sua liberdade acabou-se. Agora ela deve fazer tudo com os outros e como os outros. Um novo regime de vida. Obrigações, tarefas, exercícios, com prazo determinado, sem aquela ajuda pessoal a que está habituada.

Poderá integrar-se com facilidade no ambiente novo; mas poderá encontrar elementos que lhe rompam o equilíbrio emocional.

Dos colegas e da própria professora receberá talvez impressões que a traumatizarão, criando-lhe ou agravando-lhe dificuldades. Se isto lhe acontecer, e se não encontrar compreensão e amparo em casa, a vida escolar lhe será difícil, com perspectivas até de fracasso.

Será mesmo preguiça?

Não sejamos fáceis em acusar as crianças que não conseguem êxito nos estudos. Elas já sofrem muito por isso, coitadas! E, às vezes, sem culpa.

- Uma, acusada de desatenta e rude, tinha defeito de audição: melhorou muito com a simples transferência da última para a primeira fila.

- Outra, em condições semelhantes, o uso de óculos corrigiu: era defeito da visão.

- Essa se desembaraçou, depois do tratamento da rinite, ou dos dentes, e assim por diante.

Conheço um caso que vale a pena contar. Não havia jeito para o menino estudar ou prestar atenção à professora. Em pé, ao lado da mestra, dormia. Mudamo-lo para uma boa professora, mas ele não mudou... O médico encontrou nêle uma dispepsia que o levava ao sono se ficasse parado depois do almoço. Trocamos-lhe o horário: no turno da manhã, ele correspondeu perfeitamente.

Outros casos são mais difíceis: o defeito é da mente, e demanda cuidados especializados e longos.

Há outras causas

Os filhos vivem os problemas domésticos, às vezes com mais intensidade que os pais. Tenho recolhido testemunhos dolorosos de crianças e adolescentes, cujos lares estão ameaçados.

● O menino se esquecia da aula, o olhar perdido no espaço, a fisionomia angustiada, acordando espantado quando a professora o chamava, incapaz de repetir o que ela dissera, porque estava longe... Confessou-me a tragédia: o pai deu de embriagar-se, bater na esposa, falar em deixar a família. Se isto acontecesse, que seria dêle e da mãe?

● O adolescente, aluno e colega excelente decresceu rapidamente de produção, tornou-se arreado e ríspido com os colegas, chegando a correr o risco da expulsão por ter respondido mal a um professor — e o colégio era militar! Ao capelão, o jovem contou sua história: abandonada pelo pai, a mãe era agora obrigada a lavar-lhe a roupa, que ia buscar e levar ao colégio. Os colegas viam, e sua humilhação era grande, igual à revolta que sentia. O resto era consequência. Uma colocação, que evitou à mãe aquêlê vexame, restituiu o filho à primeira condição.

Os que sòmente acreditam no que vêem zombam de certas explicações...

● Os pais falavam tanto de dinheiro, tanto o valorizavam, e tanto o economizavam, que a menina era incapaz de resolver os problemas expressos em quantias.

● O menino detesta o estudo e a escola, porque a professora lhe evoca a imagem da madrasta, que o matrata.

É fácil aplicar ao estudo quanto foi dito sôbre a preguiça em geral. Algumas causas, porém, demandam explanação.

Desinterêsse

A criança cuida de tudo com gôsto e entusiasmo; mas não lhe falem em livros e estudo. Incapaz de decorar os nomes dos governadores gerais e dos vice-reis, conhece todos os jogadores de futebol, com sua colocação. Incapaz de conservar a classificação das plantas mais simples, distingue tôdas as marcas de automóveis, com o ano correspondente.

Por que aprende tão fàcilmente umas coisas, e não aprende outras? Muito simples: porque umas *lhe interessam*, e outras, não. Isto se dá também conosco.

Saem-se pais e até mestres, retrucando que ela *devia interessar-se* pelo que lhe é necessário ou útil, e não por tolices e superfluidades.

Poderíamos perguntar-lhes se também êles não se interessam mais por acessórios que pelo necessário, mostra de que ou somos todos crianças ou (e esta é a resposta que queremos acentuar) é muito diferente o que *devia interessar* e o que *interessa*...

Não nos cabe, no caso, acusar a criança, mas conseguir *interessá-la naquilo em que ela deve interessar-se*. Ou seja: *tornar-lhe interessante o que é necessário*.

Trabalho da escola

Reconheçamos que isto é mais dos mestres que dos pais. Cabe ao professor despertar e manter o interêsse da classe, descobrir o que toca os gostos dos alunos mais rebeldes ao estudo, empregar os numerosos meios de que dispomos para sustentar a atenção no trabalho desejado.

Infelizmente, a imensa maioria das nossas escolas é desinteressante. Ensino abstrato, livresco, passivo.

Salas de aula mal equipadas. Programas enormes, obrigando o mestre a correr, sem tempo para firmar coisa alguma, e as crianças a engolir indigestamente nomes e noções, sem tempo para pegar, medir, fazer, experimentar, como lhes é do gôsto. Perdido entre 40 alunos, sem poder conhecer-lhes as tendências, nem adaptar a matéria aos níveis individuais, nem se deter em ponto de maior sabor, o professor dá-se por feliz quando “viu todo o programa”, embora patinando no gelo da indiferença da classe.

O menino não gosta das matemáticas, mas “adora” a mecânica: por que não lhe ensinamos matemática através da mecânica? A menina detesta estudar, mas “adora” cuidar da casa e das irmãzinhas: por que não lhe fazemos dos gostos o centro de interesse dos estudos? (1)

Não atiremos sôbre a criança uma culpa que não é sua: no desinteresse pelos estudos, muitas vezes o fracasso é mais da legislação do ensino que dos pobres alunos!

Desanimados

É muito sério o drama da criança que não vence nos estudos. Caem-lhe em cima com censuras, críticas, restrições e castigos, o mais das vezes sem exame de sua situação. Humilham-na com comparações odiosas: “De sua idade, Fulano está muito mais adiantado!” Vexam-na diante das visitas. “Este jovem tomou bomba em matemática!” (O menino baixou a cabeça, e as lágrimas caíram).

(1) Adolescentes, alunas de uma escola profissional, com boas notas em matérias mais difíceis, estavam ameaçadas de perder o ano, porque “ciências” não lhes davam média. Reuni-as, expliquei-lhes a situação, fiz-lhes um apêlo... Por que não estudavam aquela matéria, que era das mais fáceis? Explicaram que não lhes interessava saber quantas são as ilhas da Guanabara nem a profundidade da baía. (De acôrdo: eu também não sei, e estou passando bem, obrigado!). Queriam coisas práticas, que lhes servissem na vida...

Ou lhe dão castigo sôbre castigo: castigado em casa porque foi castigado na escola...

Ou lhe multiplicam as tarefas enervantes. A menina tem uma dificuldade espantosa para ortografia: grafa os maiores disparates, apesar de ser inteligente, viva e estudiosa, com ótimo rendimento em tudo mais. Em lugar de cuidarem pedagogicamente de corrigi-la, dão-lhe páginas e páginas a copiar, agravando-lhe os secretos motivos de sua dislexia.

Inteligente, seguro nos cálculos e raciocínios, o menino é, porém, lento e mal servido de memória. Ótimos os seus trabalhos escritos, mas perde sempre nas arguições gerais. E só há elogios para o irmão mais môço, vivaz e decorador: “brilhante”, dizem os pais com vaidade, quando o exibem às visitas.

Assim é natural que o desânimo as vença. Elas reclamam apoio, estímulo, ajuda, compreensão. Cambaleiam: amparem-nas, que não caírem. Atrazam-se: empurrem-nas, para avançarem. Descoroçoam: estimulem-nas, para se restabelecerem. Caíram: ajudem-nas, para se levantarem. Eis as providências salvadoras.

Um estudante desanimado está meio vencido. O entusiasmo é mais poderoso do que a inteligência. Assim como a antipatia ao professor bloqueia às vêzes o aluno na matéria que êle ministra, a estima ao mestre, o desejo de agradar-lhe facilita a aprendizagem e leva a prodígios.

O mesmo se observa em face de interêsses pessoais e sérios do aluno: derrotar um rival, desmoralizar um prognóstico desagradável a seu respeito, atender ao apêlo de uma pessoa querida, levantar um prêmio ambicionado, etc.

Um educador avisado cuidará sempre de despertar entusiasmo, elevar o espírito, e nunca de desanimar e inferiorizar a criança. Para êle a regra deve ser *satisfazer a criança sempre que possível, e só contrariá-la quando não houver outro jeito*. E mesmo nessa hipótese, agir de modo a evitar reflexos desagradáveis.

Alguns pais não entendem...

● Reprovado pela segunda vez, André recebeu do pai a promessa de uma viagem à Europa, se passasse na segunda época. Então, Alberto, que nada jamais recebera por suas excelentes notas, foi reprovado também no ano seguinte. E o pai não sabe explicar porque, tão bom estudante, o menino mudou assim!...

● Com doze anos apenas, Júlio desmonta e conserta máquinas; consertaria o automóvel, se o pai o permitisse. Mas foi reprovado em inglês e francês. O pai não entende que uma inteligência tão viva para coisas práticas seja tão avessa às línguas. E insiste em dar-lhe um curso para o qual o menino não tem aptidões, quando noutro êle venceria com facilidade e brilho, realizando-se na vida.

● Escorraçado, implacavelmente punido, Carlos não melhora nos estudos. Embora saiba que vai ser castigado, é o primeiro a mostrar em casa as notas más que tirou. O pai se desgosta profundamente com essa "vergonha para a família". Carlos se vinga do pai, irritando-o! E o pai não percebe a tática do filho...

● Paulo não quer estudar; quer ser mecânico. Filho único, o pai só fala em legar-lhe a bela biblioteca enriquecida por três gerações de advogados. O rapaz (17 anos, duas vezes já reprovado no terceiro ano ginasial) detesta até o cheiro da sala, tresandando a inseticida. Indignou-se o pai com a conclusão do psicólogo: "É melhor um mecânico feliz que um bacharel infeliz". Não entende a preferência do filho e quer impor-lhe a sua. Não quer entender a necessidade de mudar a orientação dos estudos do rapazinho, e que suas insistências infernam agora o jovem, podendo ser-lhe a causa do fracasso total na vida.

● Numa família intelectualmente ilustre, o menino saiu mal dotado. Ou é inteligente, mas nem pensa em curso superior. O único entre os primos e irmãos que não será "doutor". O pai vive esmagado com "a vergonha": não compreende!

● Tão satisfeitos ficam os pais quando o filho "pula um ano", como desgostosos quando êle é rebaixado. Não entendem que, sem base suficiente, o aluno se arrastará sempre, mal preparado, diminuído, e que o êrro de ter sido promovido por acaso ou misericórdia, deve ser corrigido, em benefício dêle mesmo.

Poderia multiplicar exemplos (todos são autênticos) em que os pais pensam mais em si do que nos filhos, acreditando que a felicidade dêstes está em satisfazer

os caprichos paternos. Alguns pais acham que fizeram tudo que deviam, uma vez que puseram o filho no colégio, sobretudo se êste é caro.

Os pais não apóiam

Político em evidência e próspero banqueiro, regozijou-se com o filho, por vê-lo folheando uma revista inglêsa de economia. Como o rapaz (17 anos, segundo colegial) lhe dissesse que estava vendo as figuras, porque não entendia “isso”, fêz a experiência: não entendia mesmo! Mandou ler um trecho: agora foi êle que não entendeu o “inglês” do filho! Passou, a ver o que seria do francês: a mesma miséria! Queixa-se o pai dêsses moços de hoje dos colégios dos professores e do dinheiro que está gastando com aulas particulares. E ficou surpreendíssimo, quando eu lhe apontei a própria culpa no caso: *há 6 anos faz o filho estudos secundários, êle nunca os acompanhou, e só agora, quase ao apagar das luzes, vem tomar conhecimento da situação, isso mesmo por acaso.* Defendeu-se perguntando se eu acho que “um homem como êle, com os problemas que êle tem, na Secretaria, no Banco e no Partido, pode cuidar dessas coisas.” Revidei-lhe que “essas coisas”, isto é, a educação dos filhos que Deus lhe deu, constituem *o essencial para um pai*, e as outras, “os problemas” por êle colocados em primeiro lugar, é que são secundários...

Neste funesto êrro caem muitos, e colhem, desgraçadamente, os mesmos resultados. Outros seriam êstes, se outra fôsse a atitude dos pais.

● Entra a criança para a escola: já vimos como êsse passo é importante na sua vida. Passa para o ginásio: em lugar de uma só professôra, de poucos livros, de limitados estudos, de exercícios mais indutivos, terá vários professôres, vários livros, estudos e exercícios mais dedutivos, línguas estrangeiras. Ai da pobre criança, se a família a não ampara, não se interessa por sua nova vida, não a auxilia nas lições e deveres.

Não cumprir o dever de pais, não assistir os filhos como a natureza o exige, escusar-se com encargos de livre aceitação, e depois atirar sôbre a criança, a escola e os mestres a própria culpa é que o bom senso não pode justificar.

Como ajudar os filhos

Tanto indireta como diretamente podem os pais ajudar os filhos que vão à escola.

I. *A ajuda indireta*, certamente a mais eficaz, pode ser realizada de vários modos:

Boa integração social.

Habituada a conviver bem com irmãos e amiguinhos, a respeitar as pessoas mais velhas, a obedecer aos pais, a criança encontrará facilidade para o trato com as colegas e o respeito e obediência à professora.

Disciplina.

Se em casa contraiu os hábitos sadios de

- pôr cada coisa em seu lugar,
- atender com presteza aos horários,
- saber escutar quando outros falam,
- receber e executar ordens,
- prestar atenção ao que se lhe diz,

— a vida escolar não lhe será grande novidade, ela não estorvará as aulas com conversas, e saberá ouvir e aprender o que diz a professora.

Auto-suficiência.

A criança que, desde cedo, aprende a

- usar do banheiro,
- vestir-se sòzinha,
- atacar o cadarço dos sapatos,

- servir-se à mesa,
- realizar seus trabalhos sem maior dependência dos adultos,
- sentir-se-á bem na escola, e quase não estranhará o seu regime.

Curiosidade.

Se em casa

- sempre lhe satisfizeram as justas curiosidades,
- se lhe alimentaram o espírito com interessantes e úteis conhecimentos,
- se lhe responderam devidamente às naturais perguntas,
- se a familiarizaram com livros ilustrados,
- se a levaram a visitar parques e museus, etc.
- ela experimentará natural desejo de aprender, e provará alegria com os conhecimentos que a escola lhe fôr ministrando.

Expressão.

Se, desde o começo

- lhe ensinam a falar com correção e propriedade,
- se lhe vão aumentando o vocabulário conforme as necessidades,
- se lhe deixam participar (educadamente) das conversas da família, aprendendo assim (insensivelmente) a expressar-se com espontaneidade e desembaraço.
- grande facilidade encontrará na escola.

Disposição.

Se lhe falam da escola com simpatia, como de uma atividade agradável e um lugar feliz, e da mestra como pessoa encarregada de ajudar a instruí-la e prepará-la para a vida,

● se nunca a ameaçaram nem amedrontaram com o estudo e a professôra,

— ela verá aproximar-se a vida escolar com alegria ou, pelo menos, com calma e segurança.

Esta preparação indireta *é a mais vantajosa*, porque realiza a integração da criança nas suas atividades estudantis.

II. Há também a *ajuda direta*, dada mais pròpriamente aos estudos. Entre deixar o filho entregue a si mesmo e fazer-lhe os exercícios, há o justo proceder dos pais. Qual será?

Ajuda nos estudos.

Local e horário para os estudos em casa, a fim de estabelecer disciplina e hábito. O tempo de estudo não deve ser tanto que gere enfado, nem tão pouco que não baste às lições e exercícios.

Ambiente de trabalho.

Sem excessivos rigores (contraproducentes), o estudo deve ser levado a sério, não sòmente para ser eficiente, como também para educar na seriedade do trabalho.

No tempo destinado ao estudo, não se permitam brincadeiras nem conversas, interrupções indébitas, telefonemas proteláveis, etc., a fim de formar nas crianças o senso do dever.

Verificar os trabalhos.

Evitem os pais seguir muito de perto o trabalho da criança, para não torná-la demasiado dependente. Podem ver se os cálculos estão certos, as operações bem feitas; e, se não, devem apontar os erros e mandar corrigi-los. Podem também explicar as dificuldades que ela encontrar nos livros ou nas ordens dos professôres; mas não discordem do que lá estiver escrito, para não criar-se

confusão na mente do aluno. Ao fim do trabalho, “tomem a lição”, para verificar o que ela fez.

Nos feriados.

Deixem livres os filhos, para refazê-los, ou lhes dêem recreios ligados a estudos, sem que eles o percebam: visitas a museus, leituras de álbuns e enciclopédias, filmes educativos. Orientem-lhes as leituras, de modo que sejam, a um tempo, recreio e ajuda aos estudos.

● Na prática, êsses cuidados caberão antes à mãe que ao pai. Este, porém, não pode desinteressar-se dos estudos dos filhos: informe-se freqüentemente como vão; veja-lhes os cadernos, experimente-os, de quando em quando, verifique-lhes a caderneta de notas ao menos semanalmente, estimule-os com seus conselhos, aplausos e reprimendas.

Sempre ajudando

Os que assim cuidarem dos filhos raramente terão maiores problemas com seus estudos.

● Se algum produzir pouco, apesar dos sérios esforços que emprega, não se afadiguem os pais, nem por isso o molestam, mas o amparem, louvando-lhe e recompensando-lhe o esforço.

A vaidade dos pais muito se regozija com o brilhantismo de inteligência do filho; mas, na verdade, *o esforço vale mais que a inteligência*. Esta dá êxito fácil; aquêle assegura as vitórias na vida. Errariam os que deprimissem o filho por ser pouco inteligente, criando-lhe talvez complexo de inferioridade.

● Às vêzes, a criança não tem facilidades “intelectuais”, mas tem outras, que os educadores devem aproveitar: mecânicas, artísticas, de imaginação, iniciativa, bom senso.

O homem não vale pelas facilidades que encontra na vida, mas pela fidelidade com que cumpre o dever. Para a educação, o esforço vale mais do que a facilidade.

● Se o bom estudante não passar nos exames, não lhe acrescentem novos desgostos. Amparem-no e confortem-no. “Não tem importância, meu filho. Vamos tentar segunda época. Ou repetiremos o ano. Você está muito jovem. César Cantu foi reprovado em história, e é um dos maiores historiadores do mundo. Eu estou tranqüilo, porque vi que você foi sempre estudioso.”

Aquêles, porém, que são “muitos ocupados e não têm tempo de cuidar dos filhos” não se admirem nem se queixem, porque êstes também são muito ocupados e não têm tempo de estudar... É o caso de lembrarmos o profeta: “De quem se há de queixar o pecador? Queixe-se de si mesmo”.

Estimular

Os que condenam as emulações são utópicos. Querem negar a crianças e jovens o que os adultos tanto apreciam. Sem exageros, sem demasiadas promessas, elas podem prestar assinalados serviços, desde que usadas com sabedoria.

● Seria errado apelar somente para o amor-próprio, a vaidade, o desejo de vencer a qualquer preço — o que levaria à injusta ambição, à inveja, à deslealdade dos que só sabem triunfar prejudicando os concorrentes.

● Seria imprudente pedir ao escolar esforços que lhe viessem prejudicar a saúde, pela excessiva fadiga e esgotamento, porque de cada um não se pode exigir além do que é capaz. Cada um deve ser estimulado segundo a sua capacidade.

● Seria prejudicial fixá-lo mais na recompensa externa que no testemunho da consciência: não vindo aquela, êle se sentirá fraudado e sem ânimo para o cumprimento do dever. Mas a consciência nunca lhe negará aplausos, quando se mostrar digno dêles!

A emulação comedida é imprescindível na educação. “O que fizeram êstes e estas, por que não o farei eu?” — perguntava-se S. Agostinho, ao considerar a vida dos Santos.

Peça o educador a cada um o que êle pode dar. Não estabeleça comparações, quando os sujeitos, as fôrças, as condições forem diferentes. E só as faça quando não desencadeiem ambições e não humilhem. Aponte o que já foi conseguido, para facilitar a consecução do que ainda falta. Não insista pelos primeiros lugares da classe, a não ser quando são fàcilmente alcançáveis — e isto mesmo com moderação, para evitar excessos de vaidade. Quando o aluno não tiver boa capacidade para notas mais altas, estabeleça *prêmios de aplicação*, como os tinha a escola antiga, nem sempre inferior à moderna.

Errada, a tendência a eliminar notas e classificação de alunos, porque os americanos o fazem... Tema o educador eliminar o esforço e formar medíocres. “A emulação é a lei de todo o progresso”, escreveu o grande Bossuet. Onde estariam os norte-americanos em pesquisas atômicas e interplanetárias, se os não espicaçassem os êxitos da Rússia? Somos homens e não anjos: importa educar por meios reais, e não utópicos.

Os pais e a escola

Desperdiçam importantes elementos para a formação da criança os que descuram do entrosamento entre o lar e a escola. Encontram-se aí oportunidades excelentes para melhor conhecimento do educando, às vêzes tão diferentes em casa e na escola. Salientemos algumas vantagens das relações pais-mestres:

- colher informações e comunicar observações sôbre a conduta da criança, o que esclarecerá atitudes pouco compreensíveis;

- quebrar certas barreiras entre os mestres e a família: eliminar receios e críticas, possibilitar expli-

cações recíprocas, estabelecer unidade de ação — tão proveitoso tudo para a educação;

- possibilitar aos pais a compreensão de uma escola diferente daquela em que estudaram, e facilitar-lhes o trabalho de ajuda nos estudos dos filhos;

- pôr a serviço da experiência doméstica a formação pedagógica dos professores.

Os problemas de certas crianças com suas instabilidades, suas distrações incontroladas, relaxamento, timidez, insociabilidade, egoísmo, emotividade, indisciplina, dependem freqüentemente do seu clima doméstico. Não se resolvem sem lhes conhecer o meio e atuar sobre êle. Os bilhetes e observações que pais e mestres às vêzes trocam estão muito longe de bastar. Muitos menos os recados que mandam pelas próprias crianças.

Pais cuidadosos devem com freqüência *visitar a escola* dos filhos. Também aqui são muitos os proveitos:

- conhecer o trabalho do mestre, ver as demais crianças e o ambiente em que vive o filho fora de casa, a maneira como êle se integra (ou não) no grupo, avaliar de perto por que êle gosta (ou não) da escola;

- consolidar na mente da criança a união de vista com o professor: a criança a sentirá no modo cordial pelo qual conversam seus educadores, e isto reforça a ação de ambos no seu espírito;

- dar ao filho uma demonstração cabal, espontânea e eficiente, de interesse por sua vida escolar.

Assim como as professoras não crêem facilmente nos recados que mães lhes mandam ou teriam mandado (“Mamãe mandou dizer *para* a senhora me “soltar” (*sic*) mais cedo, hoje, porque ela vai me levar ao médico”), assim também os pais não devem crer facilmente nas histórias (injustiças, castigos rudes, maus tratos verbais, até mesmo pancadas) que os filhos chegam contando.

Procurem os pais (as mães de modo especial) frear os ímpetus do filhinho, quando êsse lhes chega com essas histórias.

Cuidem de manter no espírito das crianças o alto conceito que devem ter da escola. Evitem o que mesmo indiretamente pode deixar-lhes desagradável impressão:

- no fim das férias: “Está acabando o bom tempo; vai começar a prisão”.

- justificando: “Eu também detestava estudar”.

- ameaçando: “Deixa-te estar: a professora vai me vingar”.

- quando a professora manda convidar a mãe a falar-lhe: “Que quer dona Fulana comigo? Ela acha que eu tenho tempo a perder com essas coisas?”

- no dia da reunião dos pais: “Essas reuniões do colégio são intoleráveis”...

A vida da criança se fundamenta na escola e na família: tudo o que abalar a confiança nêsses seus dois apoios afeta-lhe o próprio equilíbrio.

Mesmo verificando que a escola errou, evitem criticar o professor diante da criança: serviria apenas para enfraquecer o educador, o que redundaria em prejuízo do educando. Quando os educadores se desentendem, o prejuízo é das crianças. Isto é verdade tanto a respeito dos pais entre si como dos pais com os mestres.

É preciso tomar partido, não *da* criança, mas *em favor* da criança e de sua formação. Quando a criança consegue desentender pais e mestres, agirá sempre em prejuízo dos estudos. Mas quando nada desfaz a confiança dos pais nos professores, então o jeito é estudar.

O dever de respeito, obediência, gratidão e amor tanto aos pais como aos mestres deve ser inculcado simultaneamente pela família e pela escola. Principalmente no curso primário, importa apresentar a mestra como uma segunda mãe, sendo de grande utilidade manter entre ela e a família relações de verdadeira amizade.

Quando, porém, à escola faltam ordem e seriedade, ou os professôres de fato não correspondem, ou a criança se apavorou, ou se desentendeu de tal modo com determinado professor, que não consegue assimilar a matéria que êle leciona — então, sem maiores explicações à criança, é preciso trocar de ambiente.

O QUE MEXE NO ALHEIO

De tôdas as faltas infantis é talvez o furto a que mais profunda e desagradável impressão produz aos pais. Atribuindo-lhe uma importância moral que ela não pode ter, exageram-lhe o aspecto social, temendo a vergonha que se abaterá sôbre tôda a família, manchada pela presença de um “ladrão”. Descarregam, então, sôbre a pobre criança os mais severos castigos — os quais, digamo-lo quanto antes, em lugar de remediar, agravam a situação, inclinando mais fortemente ao furto e complicando-o com mentiras e astúcias.

Alguns, ao lado disso, tratam de escondê-lo, quando o mal demanda medidas pedagógicas e médicas, e não silêncio e esconderijo.

A criança que furta merece especiais e imediatos cuidados. Não que ela seja um ladrão, que tenha a noção da propriedade alheia e a consciência moral de que a está violando, não! Esta é uma atitude adulta, aos poucos adquirida e consolidada. Mas porque o furto infantil é indício de insatisfação pessoal, de tendências irrealizadas, de morbidez, ou de sugestões consciente ou inconscientemente absorvidas. Existem nessa pobre criança móveis (às vêzes secretos e profundos) que é preciso atingir para remover — sem o que é impossível a sua cura. Analisá-la é, pois, a primeira necessidade, embora nem sempre seja fácil, mesmo com o concurso imprescindível (veja-se bem: *imprescindível*) do psicólogo e do pedagogo.

Carências profundas

A imensa maioria dos pais, despreparados para o ofício de educadores, adeptos da “paudagogia”, pensando que castigos físicos são o mais eficiente remédio para êsse e outros males, rirão do que vou agora dizer:

Antes de furtar, a criança é furtada.

Sim, esta é a verdade. Furtada *no afeto* a que tem direito, ou a que julga ter. Furtada *nos brinquedos*, que todos ganham, menos ela. Furtada *nos doces*, que não lhe dão, ou não lhe dão na medida em que deseja, ou não lhe dão daqueles de que mais gosta. Furtada *nas promessas* que lhe fizeram e não cumpriram.

Furtada *no alimento* que os pais não lhe podem dar, porque freqüentemente a organização social furta também aos adultos. Furtada na *perfeição* de seu corpo ou de sua inteligência, como na *posição social* a que se reputa com direito. E assim por diante.

O furto na criança é, na maioria dos casos, mero reflexo da maneira pela qual ela é tratada. Dê-le, sem o saberem, sem o quererem, são causadores os pais. Compreendo porque estejam aborrecidos comigo, ou rindo do que lhes digo. Não importa: continuem a leitura, pois a nossa intenção é a mesma — a correção da criança — embora por meios diferentes dos usuais.

Furtada seja em que fôr, a criança, sentindo vaga e profundamente a sua carência, procura compensar-se, apropriando-se de alguma coisa que a contente. Às vezes, conforme a idade e a maturidade, sabe que está fazendo uma “coisa errada”. Outras, nem isto. Guarda cuidadosamente o objeto “furtado”, pelo que êle representa para ela, e para que não lho tomem. Se menorzinha, nem sabe ter reservas: toma a boneca, tanto da irmãzinha como da menina estranha, quer o brinquedo da casa comercial, pede bala ao caixeiro: falta-lhe de

todo a noção de propriedade; subsiste apenas o instinto a satisfazer.

Doces e brinquedos

Certas mães exageram a economia de açúcar. Ouviram dizer que doces fazem mal aos dentes (não é o doce, é a falta de cuidados...) Regram demais as rações. E as crianças ficam sempre insatisfeitas.

Outras vezes, são elas que tentam os filhos. Os doces ficam à mostra, esperando a festa no dia seguinte, ou o jantar. E a criança tem pressa...

De um sorvete ou saquinho de balas nem se fala. Bombons, só nos aniversários dos amiguinhos, donde as crianças voltam indigestadas (aproveitaram...), o que reforça a doutrina de que não devem comê-los!

Não é de admirar que essas vítimas da “lei amarga” cuidem de defender-se como puderem. Tiram doces ou simples açúcar, escondidos. Ou dinheiro para as guloseimas que não lhes dão, ou só lhes dão em doses homeopáticas.

Às vezes, a criança é fraudada nas preferências. Em lugar do doce de goiaba deram-lhe o de abóbora, de que não gosta; e ela furtou, depois, a goiabada. (1)

Promessas descumpridas

Diz o adágio que “a rico não devas, a pobre não prometas”. Também a crianças. E quem prometer, cumpra.

(1) Argumentam certas mães que importa ensinar às crianças o autodomínio, através de pequenos sacrifícios. Certo; é pena que não o façam de modo mais indicado.

Sim, porque a ninguém se impõe o domínio de si. É esta uma aprendizagem necessária, mas delicada e longa; e mais há de trabalhar nela o educando que o educador, cuja tarefa é dirigir e assistir. Ver a propósito o meu livro: “A Educação dos Filhos”.

A) Para contentar a menina visitante o pai disse ao filho que desse a bola colorida que êle lhe traria outra. E não trouxe. O pequeno apanhou dinheiro da mamãe (era do papai...) para comprar outra bola!

B) Em caso idêntico, a criança “furtada” começou a tirar doces, como compensação. (1)

A fome

Há muitas maneiras de encarar a fome da criança. Esta, se é filha de pais muito pobres, vive em regime de fome perene. Fome de verdade: subnutrição. Não come o suficiente a suas necessidades (já não falemos da diferença entre o que come e o que vê outras crianças comerem). No dia em que ela tirar uma fruta na feira, o pão da porta do vizinho, dinheiro para comprar doces e balas, é fácil, muito fácil compreender as suas razões.

Aquela, de remediada família, sente outra espécie de fome: não lhe dão aquilo que mais a regalaria. No seu paladar e na sua escolha, é também “faminta” e “furtada”.

Desculpam-se os pais, aquêles dizendo que não é culpa sua não poder alimentar fartamente o filho, êste que não se há de contentar em tudo a criança. O certo é que a criança padece um *deficit*, e procura cobri-lo.

As inferioridades

De suas deficiências orgânicas ou intelectuais, pode também a criança procurar compensações em furtos. É algo disforme, tem defeito físico que a inibe, que lhe dificulta a participação na vida do grupo, ou de que zombam colegas sem caridade; sente especial dificuldade

(1) Erram os que *obrigam* os pequenos a dar o que lhes pertence ou o que mais lhes agrada, a pretexto de formá-los na generosidade. Como não estão maduros, não entendem o que se lhes pede ou manda. Ficam fraudados. E essa frustração, em lugar de ser aprendizagem de virtude, abre caminhos ao furto.

nos estudos, e não consegue vencê-las, apesar dos esforços... e procura compensar-se no furto.

Outras vezes, é a inferioridade social. Mal vestida e mal calçada, sem merenda para comer na hora do lanche, procura a criança, com seus furtos, corrigir exterior (e muitas vezes interiormente) a sua situação.

Desfalques afetivos

A mais freqüente causa dos furtos infantis está nos desfalques afetivos. Vítima da falta de afeto — real ou imaginária, pouco importa! — ela corre a buscar uma compensação. Pensa resolver assim o conflito interior.

As causas dos conflitos nem sempre são claras, e freqüentemente as próprias crianças não as ligam a seus pequenos furtos. Alguns leigos em psicologia se negarão a aceitá-las, e continuarão em seus erros. Tanto pior para eles e principalmente para suas pobres vítimas.

Reconhecemos que muitas dessas falhas são cometidas inconscientemente — o que não lhes diminui a eficiência, nem é razão para as desprezarmos. Narrarei alguns casos, absolutamente verídicos, que ilustrarão o assunto.

● Percebendo que a mãe dispensa maiores carinhos ao pai do que a ele, o filho de 8 anos começa a praticar pequenos furtos.

● Filha única durante 7 anos, a menina, enciumada com a chegada do irmãozinho para quem se canalizam cuidados com atenções que *antes lhe pertenciam*, deu para furtar objetos da mamãe.

● Habitado a dormir com a mamãe (péssimo hábito por vários motivos), passando a dormir sozinho, o menino de 8 anos, além de outras desagradáveis atitudes, deu também para furtar.

● Robin, em "*L'enfant sans défauts*", conta do pequenino de 6 anos que, por esse motivo, furtava as meias da mãe, e nelas se enrolava, explicando que sem a mamãe não conseguia dormir. É que as meias a simbolizavam.

● Viajando os pais para a Europa, a filha de 6 anos, que ficou com parentes, praticou uma série de furtos, que ces-

saram com a volta dos pais e a sua integração no lar. Mas tornou aos furtos, quando a situação anterior se repetiu, com uma estação d'água dos pais.

Caso típico, pois o furto aparece com a frustração afetiva, desaparece quando ela cessa, e se repete quando ela novamente surge. Assim explicamos vários casos de furtos periódicos que surgem e desaparecem “ninguém sabe porque!”

Furtos “inúteis”

Muitos outros poderia referir, por fracasso na vida escolar, pela separação dos pais, após um castigo mais severo, por uma medida humilhante para ela — por uma frustração afetiva qualquer, uma situação de desajustamento, uma perda ou diminuição de amor, um conflito interior, uma angústia ou um problema espiritual. Narro apenas mais um.

Corrido pelo pai da namoradinha, o adolescentezinho (14 anos) furtou a carteira da menina, deixando o dinheiro. O que lhe importava era um objeto dela: era como se ela estivesse com êle. Aliás, não é outro o significado de *um presente*: é como se ali estivesse *presente* a pessoa que o deu.

A ligação entre o furto e a causa é tão evidente que todos a perceberão com clareza, ao menos depois de explicada. Antes, não: requer a atenção do psicólogo.

Espantam-se, às vezes, os leigos com verem que as crianças *furtam* objetos inúteis para elas. Este caso e o das meias da mamãe mostram que êles *eram muito úteis, pelo que significavam*.

Outras causas

A êsses conflitos afetivos prendem-se os furtos por *inveja e ciúme*, e principalmente por *vingança*: crianças que querem privar os pais de objetos que lhes são úteis ou queridos, ou querem desgostá-los, sabendo o desagrado que lhes causam seus furtos. Então, procuram, às vezes, inutilizar os objetos furtados, com evidente desejo de vingar-se.

Relacionemos igualmente aqui o chamado *furto generoso* ou *altruístico*, que se encontra também nos adultos, mas que na criança representa mais freqüentemente a compensação pela falta de afeto: ela, com presentes, procura entre colegas, a estima que julga lhe negarem seus pais e mestres. Alguns o praticam *por vaidade*, ou também compensando-se de uma situação de inferioridade.

Por sugestão

Depois dos conflitos íntimos, creio que a causa mais constante dos furtos infantis é a sugestão. O ambiente é contagioso. Raríssimos, em tôda a humanidade, lhe escapam ao influxo. Mais que os adultos, cedem facilmente as crianças à força do exemplo, das palavras, da vida doméstica. Desgraçadas daquelas que não têm no lar sadia atmosfera moral.

Se não é muito alto o padrão de honestidade dos pais, instala-se nos filhos uma deformação que só a muito custo se corrigirá. Raros mandarão, expressamente, os filhos roubarem; muitos, porém, o farão de outras maneiras.

Quando a mãe conta que recebeu o trôco a mais, ou que o caixeiro não incluiu na conta tal mercadoria, e ela deixou-se estar;

- quando o pai se gaba do “alto negócio” em que conseguiu enganar a vítima;

- quando o titio fanfarrona suas negociatas;

— estão ensinando as crianças a serem desonestas.

Quando, à vista dos menores, diz-se que Fulano seria um tolo se não tivesse enriquecido no cargo público que exerceu;

- quando se repete que hoje basta furtar para enriquecer;

- quando se louva o governante que entrou para o govêrno pobretão e saiu nababo;

— é lição de desonestidade que se está dando.

Já é demais o ambiente de desonestidade triunfante da sociedade (1), e o educador deve esforçar-se por desfazê-lo e não reforçá-lo.

Cedem também fàcilmente à sugestão do *grupo*. Se o grupo a que se filia o menor é dado a essas práticas, é quase certo que êle se perverterá.

Como alhures, também aqui são de lamentáveis conseqüências os filmes e as histórias de quadrinhos em que se glorifica o roubo sob suas várias modalidades.

A extrema tendência das crianças à imitação deve ser aproveitada para o bem, não para o mal.

Aventuras

Meninos, pré-adolescentes e adolescentes, furtam por espírito de aventura. Divertem-se com aquilo. Contam suas peripécias com gôsto, vivendo-as, transbordantes. Como os caçadores. Um esporte apenas.

● No dia do antigo aluno, no colégio salesiano, ao almoço em que se serviam os sapotis da própria chácara, um grande advogado de Recife disse que eram os mesmos do tempo de aluno, e só lhes faltava o gôsto de serem furtados...

● Um meu colega no seminário de Olinda vibrava, transpirava vida e alegria por todos os poros, contando como descera do dormitório por corda de lençóis, e furtara no fundo da chácara o cacho de bananas, enfunara-o num esconderijo e

(1) Acabo de ler nos jornais (27.4.61) que, em Los Angeles, o sr. Douglas Johnson encontrou na rua 240.000 dólares e os entregou ao dono. Recebia milhares de cartas de todos os recantos do país, censurando-o por sua honestidade. O filho fugiu da escola, porque não agüentava mais ouvir os colegas chamarem seu pai de burro. Como a ilustração mostrasse o sr. Douglas preocupado e a espôsa a chorar, o jornal deu à vergonhosa notícia êste vergonhoso título: "Quem mandou ser honesto?"

A mais simples honestidade é hoje uma virtude heróica.

voltara a buscá-lo vários dias depois. Para quê? “Para nada”, como o gaúcho de Ascenso Ferreira...

● Dois outros colegas daqueles velhos tempos, um dos quais hoje dinâmico pároco do Recife, doutor de Roma e monsenhor, de quem até se falou para bispo, e o outro virtuoso cura de almas na diocese de Nazaré da Mata, eram os organizadores dos assaltos aos deliciosos caramelos que o Cônego Xavier Pedrosa recebia da família. Suas delícias eram contar como a coisa fôra planejada e executada!

Doença

Os que furtam por doença são muito raros. Outros talvez conheçam casos de *cleptomania* em crianças; não os conheço. Em adultos, sim, embora poucos. A pessoa se sente impelida por fôrça a que não pode resistir. O ato se impõe, consciente. A pobre criatura, às vezes, luta, mas sucumbe.

Alguns *epilépticos* e *epileptóides* sentem pronunciadas tendências ao furto.

Crianças vítimas de sífilis, ou moléstias infecciosas que lhes atingiram o sistema nervoso central, ou portadoras de perversões instintivas e atrasos mentais, de instabilidade, apresentam, às vezes, essas tendências.

Providenciem imediatamente seus responsáveis os cuidados médicos e psico-pedagógicos indispensáveis, pois não são casos para a simples educação doméstica.

O mesmo lhes aconselho, quando se trata de *pervertido*. É também doente: contraiu o mal.

O primeiro cuidado

Apanhada a criança em furto, devemos guardar a maior calma, reprovar-lhe o ato, e fazer um *exame da situação*.

Pesemos as circunstâncias:

- Que idade tem?
- Sabe que estava “furtando”, ou apenas “tirou escondido”, mais por traquinada, por desobediência, do que por furto?
- Que furtou? (Isto é muito importante)

- Foi a primeira vez?
- O furto foi preparado, ou de improviso?
- Furtou sòzinha ou acompanhada?
- Alguém sabia dêste ou de outros furtos? Quem era?
- Por que furtou: para comer, para comprar comida, para guardar, para usar, para dar?
- Houve algum desentendimento mais ou menos recente com o dono da coisa furtada?
- Se é reincidente, que tem furtado? A quem? Para que?
- Vem a criança apresentando dificuldades noutros terrenos?
- Que explicação deu?
- De que modo foi interrogado: com calma (verdadeira, não fingida)? Ou com raiva?
- Mostra-se arrependida?

Não esqueçamos uma pergunta valiosíssima: *Que aconteceu de importante em casa, que possa ter determinado essa atitude da criança?* (Sim: não esquecer que a criança que furta, antes foi “furtada”). Coloquemo-nos mais do ponto de vista da criança que do nosso.

Se não conseguirmos desvendar o mistério, descobrir o conflito interior da criança, atingir a causa — vamos quanto antes ao psicólogo. Isto é como qualquer outra doença: não deixar agravar-se e deitar raízes. É mais delicado: tange ao psiquismo, pode atingir o moral e comprometer tôda a vida.

Que castigo dar?

Não, não é de castigo que a criança precisa; é de correção. Castigo já recebeu, e não pequeno, na vergonha de ser apanhada em furto.

Os que pensam em castigá-la, e o mais severamente possível, em surrá-la de modo “exemplar”, esquecem (ou ignoram) que isto lhe vai apenas agravar o problema.

- Se a criança furtou por sentir-se em conflito interior, o castigo lhe aumentará o conflito.

- Julgava-se infeliz por não ser amada, e a surramos para mostrar-lhe... que a amamos?

● Mentimo-lhe quando não cumprimos nossas promessas, e queremos cumpri-las... com pancadas?

● O furto revela a insatisfação da criança, e para contentá-la... aumentamos-lhe as privações?

● Procurou a criança remédio a seus sofrimentos, e nós corremos a... aumentá-los no corpo e na alma?

Em nada d'isto pensam os pais. Preocupados com o bom nome da família, atiram-se contra a pobre criança, a batê-la e a maltratá-la com mil punições. E pasmam de ver que não veio a desejada correção. Nem podia vir. Pelo contrário, tanto mais infeliz se sente, mais procura compensar-se em novos furtos.

O furto já por si leva à reincidência: como a coisa furtada perece (o doce é comido; o dinheiro, gasto) ou não representa plenamente o que falta, a criança passa a procurar outra compensação. E como, às vezes, lhe vem o remorso e a angústia do mal que fêz, a insatisfação se agrava, e ela sente necessidade de furtar mais. Se a isto acrescentarem mais castigos, negando-lhe ainda o afeto que procura, afligindo-a com recriminações, é claro que estimulam a reincidência, embora procurem precisamente o contrário.

Que fazer então?

Diga-se-lhe (com a maior calma e carinho) que fêz mal, que o objeto vai ser entregue ao dono (sem outra atitude que possa humilhar mais a criança). E, em seguida, aquelas conversas, acima descritas como o primeiro cuidado.

Descoberta a causa do conflito, procure-se *satisfazer a tendência fraudada* — o que também há de ser feito com tato e prudência, para não se abrir a porta a outros abusos.

E quando essa satisfação não fôr possível, fazer que a criança compreenda a sua situação, a fim de evitar-se a frustração e suas lamentáveis conseqüências.

Aos pais que não se sentirem em condições de fazê-lo com segurança, de nôvo aconselho procurarem o psicoterapeuta que os orientará.

Senso de justiça

Os meios para a formação do senso de justiça e honestidade são conhecidos.

Dar exemplo de respeito aos bens alheios, nas grandes e pequenas coisas, e tanto com estranhos como com os da família, notadamente as crianças;

- falar sempre da honestidade como de excelente virtude, necessária à segurança e tranquilidade dos homens;

- inculcar o direito de propriedade como vantajoso e amável;

- infundir amor aos sentimentos nobres e à coragem moral;

- reprovar tudo o que fere a moral no que toca à propriedade, na esfera particular ou pública, em grandes ou diminutas proporções;

- desenvolver nos filhos o senso social, salientando quanto importam aos homens o conceito da dignidade pessoal e a confiança recíproca.

Nas famílias cristãs, católicas ou não, salientar o Mandamento divino que manda não furtar (Ex 20,15);

- mostrar como o Senhor ordenou a punição do furto (Ex 21,16) e a restituição dos objetos furtados (Ex 22,1);

- contar o cuidado de Tobias, ao ouvir em casa o balido da ovelhinha, temendo fôsse furtada (Tob 2,21).

E nos exames de consciência com as crianças fazer a respeito uma pergunta, a fim de manter vivo e delicado o sentimento de honestidade.

A criança e o dinheiro

Deve-se, ou não, dar dinheiro às crianças? Sou dos que afirmam que sim, desde que elas sejam para isto preparadas.

Antes do dinheiro, apresentemo-lhes o seu justo valor. É um meio universal de aquisição. Não será nunca o principal bem da vida: “Vale quem tem”; “Vale quanto tem”; “É gente de bem porque é rica”. Nunca! Mas é *necessário, útil, agradável*, e *custa ganhá-lo*. Não acrescento: “honradamente”, porque, em hipótese alguma admitiremos o contrário.

Em segundo lugar, sejamos *prudentes e metódicos ao dar-lhes dinheiro*. Se lhes dermos ora muito, ora pouco demais, segundo os caprichos nossos ou delas, desorientamo-las, e elas não acertarão o critério de bem avaliar o dinheiro. Se o dermos com leviandade, mandando que vão apanhá-lo na gaveta ou em nossa carteira, dar-lhes-emos a falsa impressão de que dinheiro é fácil, e é só meter a mão e tirar. Se o dermos somente para seus supérfluos (cinemas, passeios, balas, sorvetes), acreditarão que quanto lhes dermos é para isso, e gastarão com supérfluos tudo que receberem.

Sou partidário da mesadinha, em quotas semanais para os menores, quinzenais para os maiores que já tiverem melhor capacidade de contrôlo. Feita a preparação da criança, dá-se-lhe certa quantia, *explica-se-lhe em que há de ser gasta*. Primeiro, o necessário: lápis, caderno, cordão do sapato, donativo do culto, condução para a escola e a igreja, etc. (Se a criança é muito pequena, ainda não permitirá tantos necessários: dá-se menos). No comêço, controla-se mais de perto o gasto. Se a criança corresponde à confiança, alarga-se o contrôlo. Se ela desperdiçou o dinheiro, e não o tem para o necessário, é preciso *deixá-la sofrer a necessidade*: irá a pé para a escola, ficará sem cordão no sapato até a próxima semana, etc. E na próxima semana tirará *do seu*

supérfluo para o necessário que não comprou na anterior. Parece rigoroso, mas é educativo, e sem isto virão as facilidades perigosas.

Em dias festivos, ou quando o pai tiver um lucro fora do ordinário (os filhos devem saber que recebeu segundo as possibilidades do pai), pode haver uma distribuição mais farta.

E o pecado?

Há o *pecado material*, isto é: o ato em si é matéria para pecado; mas haverá *pecado formal*? isto é: terá havido malícia de pecado — advertência e desejo de violar a Lei de Deus?

Para isto deve a criança ter um senso de propriedade, que nem sempre nela encontramos — mesmo porque não lho deram. As crianças tiram o que não lhes pertence, mais como desobediência aos pais do que como furto. Isto se observa no próprio modo de se acusarem: “tirar coisas escondido”.

Mesmo que se trate de quantias elevadas, ou objetos valiosos (que tanto impressionam os adultos), só lhes distinguem o valor na adolescência. Tiram o brinquedo de matéria plástica ou o anel de brilhantes, pois geralmente não medem os valores.

Quando a criança fôr à Confissão, é bom lembrar-lhe que confesse *seu pecado*, sem insistir nisto. para não lhe agravar a culpa, que se existir, Deus sabe que não é tão grave...

Nas orações façam-na pedir a Deus a graça de não cometer qualquer pecado, mas não frisem o furto. Ensinem-lhe a resistir às tentações, não especificando também a sua especial fraqueza. Evite-se tudo o que pode fixar a mente infantil na falta que se quer corrigir.

O G U L O S O

Em face de crescimento, exigem as crianças maior quantidade de alimentos do que os adultos. Na medida em que a vida vegetativa sobreleva as faculdades especificamente humanas, é natural a tendência mais pronunciada para os alimentos. Observemos uma criança pequenina, quando se lhe apresenta a mamadeira. Agitam-se-lhe as pernas, estendem-se os braços, os olhos brilham, ela tôda se anima e com gana se atira ao leite, sem tréguas à própria respiração normal. Mais tarde, com o desenvolvimento das faculdades superiores, ela se alimenta de modo mais discreto, digamos, humano.

Na infância, ficará sempre um gôsto de comer, um apetite, uma capacidade, que talvez nos pareçam excessivos, mas serão próprios da idade. Raras são as crianças de apetite discreto.

Compreende-se que não saibam regular ainda os apetites, como não sabem conter-se nem avaliar as consequências de seus excessos. Os pais é que lhes devem ditar as regras, servir o necessário, impor-lhes os limites do razoável, poupar-lhes os riscos das demasias.

Tipos de gulosos

Há crianças mais desmarcadas. Estão sempre dispostas a comer, e a comer muito, se as deixarem. São *vorazes*, comem muito e de tudo. Conheci um adolescente que, após a costumeira “panelada” dos domingos, ia para a cama, incapaz de qualquer atividade. Se não houver exemplo da família, se fôr normal, nêste particular, o

ambiente doméstico, será aconselhável o exame médico, pois pode tratar-se de diabetes. Ou solitária.

● Há os *refinados*: gostam de pratos finos e bem apresentados. São mais raros.

● Há os *açucarados*: loucos por doces e sobremesas, mais do que em geral tôdas as crianças.

● Há os *afetivos*: tendem para determinados alimentos e para quem lhes oferece: os pais, padrinhos, avós e tios fàcilmente o percebem, e “subornam” a criança, “comprando”-lhe a amizade por bombons e carinhos...

Causas

Não há explicação cabal para o procedimento dessas crianças que assim o são por natureza. São simplesmente “gulosas”, como seriam surdas ou cegas, se tais tivessem nascido. Como seriam poetas...

● Há fatores orgânicos na raiz dessa tendência. Mas, em numerosos casos, há também causas psíquicas e pedagógicas, artificialmente instaladas por erros de educação. Já lhes aludimos, nas gentilezas dos desaviados amigos que encham de guloseimas os pequenos.

● Errado, o proceder de muitos pais que “pagam” aos filhos com guloseimas o cumprimento do dever: “Faça, que eu lhe dou uns bombons”.

● Errado, também, habituarem os pequeninos ao saquinho de balas, cada vez que voltam para casa. Terminam os coitadinhos insensivelmente deixando em segundo plano a figura do pai, e até se aborrecendo com êle, quando, alguma vez, as balinhas não vierem. O castigo é merecido, mas a situação em si é bem triste.

● Constituem, ainda, êrro as festas de aniversário com demasias de doces e chocolate: frequentam-nas as crianças mais pelas comedorias que pela amizade — o que é (como se vê) péssimo caminho. Nisto não pensam as mães; mas devem pensar, como educadoras que são, responsáveis por melhor futuro. Não se cansam os médi-

cos de clamar contra semelhante festas, que devem contar igualmente com a reprovação dos educadores. Que as façam, porém mais dignas: um encontro festivo de amiguinhos, e não ceva de bacorinhos... (1)

● Os que julgam cortar o mal pela raiz proibindo doces e chocolates aos filhos (que os amam generosamente) caem num engano, pois a proibição excita ainda mais os gulosos.

● Quando os adultos são os primeiros a exceder-se à mesa e a falar com regalo de seus regabofes, não admira que as crianças lhes sigam os desatinados passos.

● Há casos de juvenzinhas que se dão com excesso à comida para desfazer a silhueta extremamente delgada, como outras fazem insensatos regimes para não engordar.

● Certos psicologistas ligam a gula ao desejo de domínio: a criança come mais que as outras para mostrar-se superior. Pode ser que isto aconteça. Os lares em que não há equilíbrio afetivo, e não proporcionam aos filhos a alegria de viver, produzem os mais inesperados efeitos.

Os males da gula

São muitas as devastações da gula, assim na saúde do corpo como na da alma.

Quanto ao corpo, dispenso-me de apontá-las por serem de sobejo conhecidas.

● Gilberto Robin (*"L'enfant sans défauts"*), que é médico, relaciona a gula com afecções mentais, achando-a freqüente na debilidade mental, na mania, na epilepsia, acrescentando que as perversões do caráter andam de braços com os excessos no comer e no beber.

(1) Uma pequena sessão de cinema, números de música por crianças (ou para crianças), bailados infantis, a representação de uma pequena peça teatral, recitativos, etc., farão excelente festa, durante a qual poderão ser distribuídos (educadamente) doces, salgadinhos e refrigerantes — que serão como um aditivo, e não a razão primeira da recepção.

● É sabido quanto o guloso tira da inteligência o que concede ao estômago. Superalimentado, o homem é antes arrastado para baixo do que impulsionado para o alto... Empanturrado, o escolar sente-se pouco disposto a exercícios intelectuais, e o adulto a pensamentos filosóficos e pesquisas científicas. A própria sensibilidade — física, artista, moral — se embota nos glutões.

● A cuidados morais e religiosos pouco ou nada se dará quem ceva assim o animal que está em todos nós. As relações entre a temperança e a castidade, por exemplo, são notórias. S. Agostinho lembra que se torna indominável o cavalo bem tratado. A gula abre caminho a toda espécie de incontinência. Não esquecer que é a gula um dos pecados (ou vícios) *capitais*, isto é, fonte de outros pecados e vícios, que a ela se prendem como efeitos à causa. Ao revés, sabe-se como eram sóbrios os santos, sem exceção. A liturgia, no prefácio do tempo quaresmal, faz o elogio do jejum: “reprime os vícios, eleva a inteligência e facilita a virtude”.

Tantos males já nos dão sobejas razões para corrigirmos a tempo e com medios idôneos as crianças que se revelam gulosas.

Tratamento

Desde o princípio, a mãe deve regular a alimentação do filho, dando o *necessário* (nem mais, nem menos) e a *horas certas* — hábitos que importa criar e solidificar, para que se mantenham toda a vida. Mais tarde, cada criança se diversificará comendo mais ou menos, de acordo com suas tendências e capacidades (que não são idênticas em todas). Então, vigiarão os pais para que as mais bem dotadas de apetite se conservem nos limites do razoável, pois das crianças se diz que “têm os olhos maiores que o estômago”. Frequentemente pedem mais e o deixam, porque já o estômago estava satisfeito, e a exigência era dos olhos... Aos pais e mais especialmente à mãe, cabe não lhes dar quanto querem ou pedem.

Bons hábitos alimentares.

Nunca é cedo demais para ensinar as boas maneiras no alimentar-se:

- comer devagar, sossegadamente, sem medo que o alimento lhe fuja do prato,
- mastigar bem, para não sobrecarregar o estômago com o trabalho que compete à bôca,
- quanto possível, aceitar o que se põe à mesa (como mandou Cristo a seus discípulos: cf. S. Lucas 10,8). Quanto a êste ponto, não convém forçar as crianças: há preferências e repugnâncias naturais, estas sobremaneira resistentes aos esforços mesmo de adultos, enquanto outras cedem com relativa facilidade, desde que os educadores saibam conduzir-se.

Sobremesas.

Afligem-se certas mães porque há crianças que preferem sobremesas a “comidas de sal”. O essencial é distribuir o cardápio de modo a oferecer alimento completo. Caiu a idéia antiga de sobremesa. Frutas e doces fazem parte da boa alimentação, como ovos e leite. Certos princípios, correntes entre os antigos, pereceram de todo: hoje se repete sobremesa como se repete arroz e carne. Crianças que “não suportam verduras” deliciam-se com a sopa... de verduras. A arte culinária auxiliará muito a equilibrar o cardápio, educando o gosto dos pequenos.

Balas e bombons.

De quando em vez, balas e bombons regalam os pequenos e nenhum mal lhes fazem. Evite-se, porém, fazer disso um hábito. Evite-se sobretudo prometê-los a trôco do dever cumprido. Pequeninos prêmios e estímulos é bom que os demos, de quando em quando, mas é errado oferecê-los de antemão, para barganha...

Fazer compreenderem.

Com os pequeninos ficaremos apenas nas necessárias medidas, sem explicações que êles não compreenderão ainda. Mas, à medida em que as forem compreendendo, nós as iremos dando. São muitas e boas as razões da temperança, e o educador as dosará desde a simples afirmação de que “faz mal” ou “é feio” até o sentido do domínio de si e do respeito ao templo de Deus, que é nosso corpo de cristãos.

Quando os pais acompanham os estudos dos filhos, surgem as ocasiões para falar disso, e com bastante eficiência, pois fora do ato de alimentar-se, a inteligência, mais livre do apetite, compreende melhor. Não convém, contudo, que estejam a pregar “sermões” sôbre a temperança, porque as crianças dêles se cansam com facilidade, e perderão a eficácia as razões que, se ditas com oportunidade, facilitam e consolidam os bons hábitos, nêste como noutros terrenos.

No lar cristão.

Havendo atmosfera cristã na família, é fácil orientar as crianças para pequenos sacrifícios, em que se privarão de um doce, uma sobremesa, etc., por amor a Jesus. Ou guardarão uma fruta ou um bombon, para doá-lo ao amiguinho mais pobre.

A mesa, serão servidas a seu tempo, aprendendo a aguardar pacientemente sua oportunidade. Fora, serão encaminhadas à generosidade, dividindo com irmãos e domésticos o que receberem em caráter pessoal.

Convictos das vantagens da temperança e dos males da glotoneria, os pais falarão naturalmente uma linguagem justa a êsse respeito. Em face de algum mau exemplo que derem pessoas estranhas, censurarão seus erros e falarão com desprezo dos que fazem do ventre o seu deus (cf. Filip 3,19).

O exemplo dos pais.

Embora pareça escusado, digamos expressamente que aqui, como sempre, em educação vale o exemplo dos pais:

- discretos e elegantes, no que tange à alimentação,

- servindo-se com moderação, comendo para viver (ao invés dos que vivem para comer),

- fiéis aos horários, de que só raro se apartarão,

- sóbrios e mortificados,

— dão com os próprios atos a mais eficiente lição, porque constante, vivida e muda.

Os que de outra maneira procedem, nem presumam corrigir os filhos, para não agravarem com o ridículo a péssima lição que lhes ministram...

O MEDROSO

Há mêdos instintivos: como a galinha foge ao ver pela primeira vez a rapôsa, o homem recua diante do que lhe representa perigo. Quando o perigo é determinado e conhecido, o medo revigora o homem para a luta ou para a fuga. Quando, porém, a pessoa teme sem saber ao certo o que nem por que, não tendo para onde fugir, toma o tormentoso caminho da angústia.

É instintivamente que as crianças de dois meses estremecem com ruídos súbitos ou com uma luz mais viva que de repente se acende. E mais tarde choram em face de um desconhecido, correm de animais, recuam ante o fogo, gritam quando as suspendem bruscamente ou as giram, etc.

Mêdo ao desconhecido

Tudo o que é súbito, intenso ou desconhecido produz medo à criança. É por isso que seus terrores são tanto mais numerosos quanto maior é sua ignorância das coisas. Vejam como se apavora facilmente um pequenino de dois a quatro anos.

A medida que êle fôr tomando conhecimento da vida, vai perdendo muitos mêdos, a menos que uma errada educação os agrave e multiplique.

Ensina-se o medo

A criança é extremamente sugestionável: aprende com facilidade o que vê e escuta.

<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

Se vê a mãe subir à cadeira por causa de uma barata, o pai espavorido com o número 13, as irmãs apavoradas com o trovão, etc., é natural que tome as mesmas ridículas atitudes. Assim se explicam os idiotas pavores de escuro, máscaras, côr prêta, soldado, velho mendigo, sangue, etc.

Do ambiente doméstico lhe vêm outros mêdos: lobi-somem, fantasmas, almas de outro mundo, cadáveres, doenças, micróbios, tabus alimentares, superstições mil, personagens imaginários e até reais, mas que antes devem infundir simpatia — soldado, padre, médico, dentista, mendigo...

Há mêdos cultivados pelos adultos. Pais, incapazes de se fazerem obedecer, apelam para intimidações; empregadas, para acalmarem as crianças, ou as fazerem comer, dormir etc., ameaçam-nas com o guarda ou bicho-papão! Mães os sugerem a ponto de deformar a criança.

● A criança de oito anos ia ficar tranqüilamente em casa, enquanto a mãe saísse um instante.

— “Você não vai ter mêdo, não é, minha filha?”

Não, não teria.

— “Mas se tocarem a campainha?”

— “Eu atendo”.

— “E se fôr ladrão, minha filha, ou dêsses tarados?”

Claro que a menina não quis mais ficar sòzinha...

As sugestões provêm também de histórias macabras, filmes impressionantes (entre êstes citamos os “infantis” “Branca de Neve” e “Chapêuzinho Vermelho”), certas revistas de quadrinhos, que vão povoando a imaginação das crianças de cenas de violências e sangue, de personagens agressivos e medonhos, e de perigos que ameaçaram outras crianças.

Recomendações excessivas

Cheias de pavores, a mãe as transmite aos filhos.

- Só podem nadar no raso, para não afogar-se.
- Não subam nas árvores, para não caírem.
- Não joguem bola, para não se ferirem.
- Não corram na bicicleta, para não quebrarem

a espinha.

- Não se debrucem na janela, que é muito perigoso.

- Não tomem chuveiros, para não ficarem tuberculosos.

- Não se separem do papai, para não se perderem no meio do povo.

São lições de poltroneria, de falta de iniciativa, de emasculação! O que vale é que, em sua maioria, as crianças as desprezam... E se as não desprezam, prejudicam-se!

Vida doméstica

Calma e tranqüila, a vida da família espalha nas crianças confiança e bem-estar.

Agitada e procelosa, infunde-lhes desassossêgo e insegurança, levando-as ao medo difuso, gerador de angústias.

Se a família é agitada por brigas do casal, por cenas de alcoolismo ou perturbação mental, não admira sejam os filhos agitados por *sobressaltos* ao menor ruído ou alteração de vozes, e, às vezes, mesmo por *excitações delirantes*.

- A criança de 9 anos, com o vozerio de uns parentes inesperadamente chegados, acordou aos gritos:

— “Não se separem! Não se separem!”

É que, nas últimas refregas, os pais ameaçavam separar-se — o que constituía a angustiante preocupação do menino. A

situação de *inquietação* e de *apreensão* manifestava-se de forma bastante ameaçadora.

● Conhecemos outro caso, em que a criança já não conciliava o sono, sem que a mãe lhe garantisse não ir embora de casa.

Conseqüências

Não raro, em constituições emotivas, ou entre descendentes de pessoas mórbidas (psicopatas, neuróticas, histéricas, sífilíticas), encontram-se manifestações de terror noturno, de confusão mental, de fobias aparentemente incausadas, mas na verdade conseqüentes aos fatores educacionais supra-referidos. As crianças vivem numa diluída ansiedade, em que têm medo não sabem de que, caminhando para mais graves situações.

O pior é que os pais, em geral tão cuidadosos quando se trata de enfermidades do corpo, não tomam aqui medidas adequadas. E lá se vão os filhos, inquietos, angustiados, definhando, limitando interesses e possibilidades, inferiorizando-se.

Alguns procuram reagir, mas, não o conseguindo, derivam para a fanfarronada, que é, no fundo, o medo da própria fraqueza, como os que cantam para espantar a solidão que os apavora, ou os que bebem para exibir-se em público.

Evitemos o medo

Não pretendemos extirpar da criança todos os medos. Não creio que seja isto possível aos adultos normais. Por mais fortes que sejamos, temos sempre algum medo, embora não o confessemos com facilidade, pois não é lá muito honroso... Procuremos, contudo, evitá-lo nas crianças.

Dar segurança

Um ambiente de segurança, em que os adultos não falem de medos e não os tenham desnecessariamente, é

condição essencial. *Mêdo gera mêdo*; segurança estabelece segurança. Amadas, felizes, sentir-se-ão em garantia as crianças.

Mesmo em face de perigos, portem-se os pais com moderação e tranqüilidade, sem espantos, porque espanto produz mêdo.

Ambiente normal

Dê-se aos pequeninos um *ambiente normal*, habituando-os aos rumores comuns da casa (sem exagerados silêncios para dormirem), à meia luz do quarto para o repouso diurno, à escuridão para a noite (e assim se elimina o mêdo à escuridão).

A criança forte

É necessário dar à criança confiança em si: sono suficiente, alimento, exercício físico, jogos de bola, corrida, exercícios de bicicleta, atletismo infantil... Isso lhe dá segurança. Arranhou? mercúrio-cromo... Quebrou? engessa... (Mas é muito raro).

Se os companheiros fazem isto tudo, e ela não o faz, por mêdo, sentir-se-á inferiorizada. O essencial é educar uma criança sadia de corpo e espírito.

Com as mais sensíveis

Se a criança é mais sensível, dêem-lhe cuidados especiais de saúde e educação. Mais ar livre, mais iniciativa e encorajamento. Não lhe falem de sua fraqueza: em casa de enforcado... Nem lhe façam grandes restrições, de modo a separá-las das outras: se sòmente ela não vê certo programa de televisão ou certo filme, por que será? Assistindo-os em companhia do pai ou da mãe, os comentários podem desfazer as impressões apavorantes, ou, pelo menos, a presença do adulto lhe dá segurança.

Não meter medo

Vigiar para não se falar do que mete medo às crianças; nem a família, nem as empregadas. E quando elas o ouvirem de estranhos, reduzir as coisas a suas verdadeiras dimensões, apontando o ridículo dos que temem o inofensivo.

Não ridicularizar

Quando a criança tem medo (é impossível não o ter), *evite-se ridicularizá-la*. Mesmo que não haja motivo *real*, há o *subjetivo*: ela *vê* o perigo, porque *crê* nêle! Ridicularizar outros medrosos está certo; a própria criança não, porque isso a inibe e a inferioriza.

Infundir coragem

É também errado obrigá-la a arrostar o perigo, para provar que êste não existe. Mesmo porque, repitamos, êle “existe”... para ela. Acompanhem a criança, e vão com ela verificar que nada havia a temer. Mas não esperem que uma só dose cure...

● Se o desconhecido é grande produtor de medo, *informe-se a criança a respeito do que pode amedrontá-la*. Quais os animais que são perigosos. O que é o trovão. Onde estão os mortos, etc. Restritas as causas, restringem-se os efeitos.

● Quando vier a criança contar as histórias de seus medos, ouçam-nas sem lhes dar importância, para não fixar as impressões negativas. Deixem-na falar, contudo; assim ela joga fora o seu pavor.

Confiança em Deus

Nós, que não compreendemos educação sem o fator religioso, devemos valorizar, com a criança, a confiança em Deus: Êle nos protege. Pense a criança em Deus, invoque-o, e fique tranqüila.

Consultar o médico

Se, apesar dos cuidados, a criança se mostra ainda medrosa, consulte-se o psicopediatra. Mêdo também é doença, muito mais grave do que a catapora e a tuberculose.

Temores benéficos

Sempre que haja um *perigo real*, a criança deve saber *temê-lo, a fim de evitá-lo*. O melhor será saber como evitá-lo.

Como, porém, não é a prudência apanágio da infância, que ao menos o temor lhe ensine a precaver-se. Do contrário, quererá ela imitar os péssimos exemplos de temeridade e indisciplina que lhe oferecem, a cada instante, os que atravessam mal as ruas, viajam nos estribos dos bondes e nas plataformas dos trens. E não saberá defender-se dos que tosse perigosamente a sua gripe, ou a sua cachumba, e espirram os seus sarampos e escarlatinas.

A boa educação requer que não apenas se conheçam os perigos, mas se saiba evitá-los — preparando a criança para isto.

O temor de Deus

O grande temor de que o educador deve impregnar seus pupilos é aquêle a que o Espírito Santo chama “o princípio da sabedoria” (Prov 1,7). Quem tem n’alma, firme e profundo, o temor de Deus, está em condições de resistir a todos os perigos e vencer todos os temores.

Uma pedagogia esclarecida lança-o, desde cedo, no coração das crianças, infundindo-o de modo *positivo*, isto é, fazendo que êle se traduza mais em atos de amor, em cuidados de fidelidade, em preocupações de virtude, na suprema decisão de não se separar do Senhor e não desagrada-lo. É *temor filial*, e não servil: é do filho que

teme desgostar ao pai, e não do escravo que foge ao chicote.

Teme-se o pecado, porque é *ofensa ao Pai*, muito mais do que pela consequência de levar ao inferno. Teme-se o *perigo de pecar*, porque as fragilidades da natureza não precisam mais de experiências para prová-las. *Temem-se as más companhias*, porque são elementos de perdição mais perniciosos que o próprio demônio.

Educar para o temor de Deus é educar para a sabedoria, porque o “temor do Senhor é a própria sabedoria” (Jo 28,28). É educar para o horror ao mal e o amor ao bem. É *educar para a coragem*, a fortaleza, a energia, a coerência — virtudes que estão faltando assustadoramente a nossos contemporâneos. É preparar homens que, *em face do dever, saberão cumpri-lo sem olhar conveniências* subalternas, porque desconhecem o mêdo da opinião alheia e não se apavoram dos instáveis julgamentos humanos.

É para esta educação que nos devemos orientar.

O QUE FALTA À VERDADE

Mentir é falar contra o que se pensa, com intenção de enganar. Quem falta à verdade por não conhecê-la, erra; mas não mente. Quem mistura os fatos com cenas da imaginação, por falta de idade (ou por excesso...), não mente: alterna a verdade.

O teor prático do nosso estudo não discutirá se as crianças são naturalmente verdadeiras ou mentirosas. Se umas vêzes elas nos vexam com suas franquezas, outras são incapazes de repetir o que vêem e ouvem sem misturá-lo a seus desvaneios.

Ao educador o que mais importa é distinguir dos naturais enganos infantis as verdadeiras mentiras, conhecer-lhes as causas, saber como haver-se em face de uns e das outras.

Mentiras infantis

Ante a inverdade duma criança, nosso primeiro cuidado é indagar-lhe a causa, para nos inteirarmos da verdadeira situação da criança, avaliar a sua condição psíquica ou moral, e proporcionar-lhe os meios de cura. Quem não se sentir capaz, apele para o psicólogo e o pedagogo, como apela para o médico, nos casos da saúde física.

Vejamos por que mentem as crianças e como acudi-las.

Mêdo

A) Eis a mais abundante fonte da mentira infantil. O Dr. Gilbert Robin ("*L'enfant sans défauts*") cita o resultado de um inquérito entre escolares na França: o medo figura com 72,9%, enquanto o interesse apenas com 7,6%, a ficção com 3,5%, e a maldade (como o altruísmo) com 2,6%. Afora outras causas.

Já de si é a criança insegura; muitas vezes, tímida ou intimidável. Quando os pais são inclinados a castigar com freqüência e severidade, ela, numa justificada atitude de defesa, nega as faltas cometidas. Desenganam-se os que apelam para a dureza, na ilusão de corrigir os filhos: conseguem apenas multiplicar os males. Da criança que desobedeceu, bateu num colega, quebrou um vaso, enguiçou a radiola, etc., farão também a mentirosa.

B) Procurem corrigir por meios suaves. Mostrem calma e compreensão. Convivam com os filhos, em relações de respeitoso e terno amor. Isto não significa fraqueza: a criança o compreenderá, se os pais souberem manter-se. Saibam ouvir, ponderar, discernir. Perdoem muita coisa, em vista da franqueza da criança, para que ela veja que vale a pena ser leal.

Suprime-se, assim, a mais freqüente causa da mentira.

Interesse

A) Mesmo tratadas com brandura e compreensão, há crianças que mentem por interesse. Para alcançar dos pais o que de outro modo não alcançariam. Para sair da escola mais cedo. Para manter um bom nome: negam faltas cometidas, mesmo que não sejam usuais castigos fortes. Etc.

Tornam-se, às vezes, irritantes: apanhadas em flagrante, negam o que as vimos fazendo. Dão explicações esfarrapadas, contraditórias,

B) É preciso revestirmo-nos de imensa calma ante casos assim. Não podemos deixar que elas nos julguem cúmplices de suas atitudes; mas não podemos ceder à irritação. A correção acertada exige calma e autodomínio.

● Alarmam-se os pais, pensando em falta de senso moral, irresponsabilidade, cinismo. Não; a criança revela antes, como diz René Allendy, no seu excelente “*L'enfance méconnue*” (Editions du Mont-Blanc, Genève), “a falta de lógica do ato, e, portanto, seu caráter reflexo ou instintivo”.

Compensação

A) Inventam as histórias mais inesperadas. Muitos pais não acreditam que aquilo lhes seja convicção. É *outro mundo* no qual se refugiam, batidas das realidades em que vivem.

● Maus alunos, alardeiam-se os primeiros da classe.

● Gabam-se — pobrezinhos! — de passar a queijo, doces e frutas caras.

● Dizem-se órfãos, sem o serem.

● Sendo já crescidos, “promovem-se” a séries adiantadas, quando estão ainda nas primeiras. E assim por diante.

Sentem-se insatisfeitos com sua realidade exterior ou íntima. Buscam no irreal o apoio que lhes falta. Suas inverídicas histórias de grandeza, riqueza, êxito ou liberdade resolvem-lhes as tensões ou carências psíquicas ou materiais.

B) Um educador avisado, em lugar de dizer: “Um menino dêste tamanho não tem vergonha de mentir assim”, deve perceber que a criança está procurando (o mais das vezes, inconscientemente) *uma compensação* pela “vida infeliz” que leva... Vive de “faz de conta”: faz-de-conta que é a primeira da aula, que se alimenta

bem, etc. Então, vejam os pais como isto é grave: há filhos que desejam ser órfãos...

● Que haverá na base dessas mentiras? São compensações de que? Em face de embustes assim, importa distinguir a *causa* (que é legítima) do *meio* (ilegítimo) a que a criança recorre. E encaminhar o problema por outros rumos, de modo prático e cordial.

Sugestão

A) Desgostam profundamente aos pais as mentiras dos filhos. Dir-se-ia que a mentira é... privilégio de adultos. Sim, porque, censurando tanto as mentirinhas infantis, dão os mais eficazes exemplos de enganos, simulações e descabidas “restrições mentais”.

● Mentem os pais por comodismo, interêsse e esperteza comercial. Mentem as mães diminuindo a idade, exagerando o custo das jóias, encobrindo os mafeitos da família. Impregnam de mentira o ambiente doméstico.

● Ensinam aos filhos como devem mentir: “Diga ao homem que só tem 7 anos”. Ensaíam-nos: “Como é que vai dizer?” Obrigam-nos a mentir: “Diga que eu não estou em casa.” Frequentemente os enganam. “Dê a boneca a ela que eu lhe dou outra”: e nunca deu. “Vamos passear”: e leva a criança ao dentista.

● Censuram-nos, quando falam a verdade. “Para que disse que eu estava? Idiota!” “Dizer a D. Nazinha que ela está velha! Você me mata de vergonha.”

Depois, fingem de indignados, quando os filhos mentem. Ou se desagradam mesmo, esquecidos de que são culpados.

B) Importa dar sempre e em tudo o exemplo da verdade. Ser neste ponto mais que cuidadoso: escrupuloso.

● Eliminar a própria restrição mental, quando as crianças não são capazes de compreendê-la, para que não queiram usar dela também e indiscriminadamente.

● Ensinar que temos o *direito e o dever de calar*, quando se trata de segredos ou questões de honra, ou a pergunta é indiscreta. Também o podemos fazer por motivo de gentileza. Ou responder evasivamente, quando a resposta direta e verdadeira não pode ser dada.

● Educar as crianças para não faltarem à verdade nem ferirem a gentileza, quando a velhota perguntar se está velha (“Velhos ficaremos todos, se Deus nos der muitos anos de vida”). Ou a feiosa quiser saber se é bonita (“A beleza é secundária; o que mais vale é a virtude”)...

● Estabelecer no lar um ambiente de verdade — o que não significa um ambiente de indiscrição e brutalidade.

Fantasia

A) O mundo da criança não é o nosso. Ela tem o seu mundo, no qual as nossas realidades figuram deformadas, acrescidas, enfeitadas pela sua imaginação. Esse seu mundo gira em torno dela (egocentrismo), mesmo porque foi criado por ela...

Falta-lhe objetividade — que falta tantas vezes aos próprios adultos. Contando o que viu ou ouviu (sobretudo quando isso a emociona), mistura o real e o imaginário, sem saber discerni-los. E modifica a narrativa, cada vez que a repete, segundo os caprichos da fantasia, com a maior sem-cerimônia, cedendo às impressões subjetivas com inteira liberdade. As minúcias ou lhe escapam de todo ou tomam mais proporções que superam o principal (1).

(1) É bem semelhante o que ocorre aos adultos em determinadas circunstâncias. Testemunhas de um impressionante desastre ou crime, sem qualquer interesse em seu relato revelam notável falta de objetividade. As minúcias se esbatem ou desaparecem, a iniciativa ora cabe a uma ora a outra parte, a imaginação domina a realidade, os testemunhos são disparatados. Experiências têm sido realizadas: após uma cena rápida e impressionante num

Chamar por isso às crianças de mentirosas é xingar, de uma só vez, todos os romancistas e teatrólogos do mundo. Acusá-las de estarem convencidas, enquanto os outros sabem que inventam, é-lhes mais defesa que acusação. E, às vezes, os adultos, que estranham ou censuram as crianças que tomam o imaginário como real, são os mesmos que choram lendo romances e vendo filmes...

B) Dizem que a diferença entre um louco e uma criança é que o tempo cura à criança e nem sempre ao louco. Aqui é o tempo a melhor terapêutica. Com a idade vai passando a fase fantasiosa, chega aos poucos a objetividade, aumenta paulatinamente a capacidade de perceber e comparar, amplia-se o campo da objetividade, enquanto diminui a defeituosa apreensão dos fatos e das coisas.

● Mas o educador *ajudará suavemente* a idade: ensinando a verdade; fazendo pequenas e freqüentes *chamadas à realidade*.

Sem fixação no real, a criança baralha os acontecimentos, nega o que disse há pouco, inventa novas circunstâncias.

O Jorginho, de 6 anos, contando os passeios que fizera a Paquetá e ao Jardim Zoológico, disse que, neste, viu cavalos. Retificou depois que vira os cavalos em Paquetá, e negou ter dito que os viu no Zoológico. Tínhamos gravado a conversa, que lhe foi dada a ouvir para que se convencesse do seu engano. Pudera! Ele se explicou: "Eu não disse isso, não." E apontando o gravador: Ele se enganou"...

Por isso, alguns pedagogos chamam a essas narrativas "alterações da verdade", porque lhes falta o desejo de enganar, que é o colorido próprio da mentira.

● Outras vezes, estamos em face de poetas e romancistas... Criam histórias maravilhosas e inveros-

palco, pede-se aos expectadores um relato: a visão exata é excepcional.

Em certos estados psíquicos é freqüente essa incapacidade em distinguir o real do imaginário.

símeis. Guardam-lhes os episódios. Explicam o que reputamos difícil. Irritam-se, quando duvidamos de sua narrativa. Inventam novas circunstâncias, quando se vêem em perigo.

O mesmo Jorginho conta como o pai cria uns índios em casa. A tia, que conhece a casa, pergunta em que quarto. Apertado, êle localiza os índios na garage. Disse-lhe o tio que ia ao Recife e queria ver os índios. Mas êle explica que não se pode abrir a porta, senão êles saem. E a imaginação vai trabalhando.

“Papai, estão na sala mais de 100 homens procurando o senhor”, disse a filhinha anunciando uma comissão que chegara. Tranqüilamente, o pai lhe pediu: “Vá contar quantos homens são, e venha me dizer”. Volta a menina, meio sem graça: “São 8 homens, papai”.

Excelente lição. Não se falou em mentira, não se repreendeu nem humilhou a criança, mas se lhe ensinou a dominar as impressões e submeter-se à realidade.

● Esta fase, forte dos 5 aos 6 anos, declina em seguida, extinguindo-se geralmente aos 8, conservando resquício, às vêzes, até os 10 anos.

● O educador ensinará à criança a ver, a observar, a precisar conjunto e minúcias. Educar a atenção e a memória: há exercícios interessantes, fáceis e eficientes para isto. O desenho e os trabalhos manuais são também valiosos nêste particular.

● Foerster (*“Instrucción ética de la juventud”*) observa que o ensino da matemática se pode tornar excelente corretivo desta espécie de “mentira”. As exigências “exatas” dos números irão dando à criança o senso de medida, avaliação e precisão que lhe falta. Mas, para isto é preciso que a escola tenha a preocupação de educar, e não apenas de dar os programas.

Vaidade

A) Há crianças (e adultos...) que gostam de chamar a atenção sôbre si, pôr-se em evidência, fazer-se o

centro de gravitação do mundo. Não o podendo pela força dos fatos, recorrem à inventiva. Não se contentam com a mediocridade da vida: enfeitam-na. Não ouvem uma vantagem alheia, que não tenham outra maior a apresentar. Não é o caso da mentira de *compensação*, porque aqui já agem de *modo consciente*.

São gabolas, mas só contam vantagens onde pensam não poderem ser desmascarados.

- O pequeno que se gabava de saber falar inglês.

- Outro que atira muito bem e feriu um ladrão a tiros; mas o pai lhe tomou o revólver...

- A menina pobre que contava a coleguinhas que a irmã ganhou o primeiro prêmio de fantasias no carnaval.

- Outra prometia chegar qualquer dia à escola, de helicóptero, que o pai ia comprar.

- Outra, de 10 anos já, narrava maravilhas das viagens “que fêz” a Nova Iorque e ao Japão.

Mas todos têm o cuidado de só contar essas vantagens a pessoas que as acreditem... Sabem que estão mentindo!

- Um pequeno de 6 anos contava a um companheiro os sucessivos desastres que sofreu: de uma vez perdeu um braço, doutra uma perna, etc. mas colaram: com esparadrapo e ele sarou. Como a tia (por quem não esperava ser ouvido) lhe dissesse que ignorava tudo aquilo, ele explicou: “É mentira. Mas ele contou uma prá mim, então eu inventei outra maior prá ele.”

B) Além das chamadas à realidade, a esses vaidosos devemos advertir do resultado contraproducente de suas invencionices, que mais os desacreditam que engrandecem. Podem cair no ridículo.

- Estimulá-los a procurar reais situações de prestígios, por meios lícitos: o estudo assegura notas altas, a bondade grangeia amigos, a dextreza nos esportes desperta admirações, etc.

- Como se trata de verdadeiras mentiras, falar-lhes do aspecto moral: Deus quer que falemos a verdade. Recomendar o exame de consciência a respeito, e o cuidado de acusar-se desses pecados na Confissão. Mas proporcionar esses meios, de acordo com o desenvolvimento da criança.

Altruísmo

A) Raríssima entre pequeninos (que mentem antes para desculpar-se), encontra-se entre escolares, e mais entre adolescentes, a mentira generosa ou altruística, dita em defesa de colegas e amigos, para evitar-lhes desgostos e tirá-los de apuros. Numas vêzes, apenas nega a culpa de amigo; noutras, mais raras, toma-a sôbre si.

B) Louve o educador a solidariedade, principalmente nos momentos difíceis; mas saliente que um belo sentimento há de ser servido por uma atitude nobre, e não por um meio ilegítimo e vergonhoso, como é a mentira.

● Não é fácil, em casos de solidariedade de grupo, ficar com a verdade. Então importa proclamar a dignidade de quem não mentirá em caso algum, para não trair deliberadamente a própria consciência.

● Se o adolescente, ao mentir em favor de alguém, pensa em praticar um ato grandioso, que se desengane. Grandiosa é a fidelidade à verdade. Por alto que pareça o seu móvel, a mentira é incompatível com o sentimento de íntima honradez, que é a melhor base e o melhor prêmio do bom caráter.

Bem apresentada, esta doutrina sustenta o ânimo do jovem. Ou, então, êle não é generoso. . .

Maldade

A) Em certas mentiras *o desejo de vingança* se manifesta com clareza, embora seus motivos sejam, às vêzes, obscuros. Outras vêzes são claros, e basta têmos olhos para vê-los. A criança escorraçada percebeu quanto a mentira irrita os pais; mente-lhes para aborrecê-los, vingando-se dos sofrimentos que lhe impõem, protestando contra o tratamento que dêles recebe. Tanto é assim que mente sem lógica, afirmando agora o que antes negava, negando fatos notórios, prelibando a indignação que provoca.

● Eu posso não perceber, mas os outros da família facilmente me dirão porque Pedrinho me mente. É para vingar-se de minhas implicâncias e perseguições, das exigências que lhe faço e dos freqüentes ou injustos castigos que lhe imponho.

● A vingança toma, em certos casos, tonalidade curiosa: a criança mente apenas a determinada pessoa, ou sobre determinado assunto. A explicação, quanto aos assuntos, não é tão fácil: o mais das vezes só uma análise profunda a descobre.

● Quando a criança acusa inveridicamente alguém, pode fazê-lo também por vingança ou simplesmente por *fraqueza de caráter*, para se defender, mesmo à custa do próximo.

A psicanálise vê nessas acusações a *projeção* de culpa (real ou imaginária) que o mentiroso (inconscientemente) atira de si sobre outrem, não por maldade ou vingança, mas para punição de sua falta ou por descalque pessoal.

● Quando a criança acusa os professores, sejam os pais muito cautelosos em dar-lhe crédito. A facilidade com que é acreditada estimula essas mentiras de vingança. Menina de 13 anos tirou sangue do nariz e sujou com êle a blusa, para acusar em casa a professora. Era de ver a satisfação com que mostrava a notícia que o pobre pai levou ao jornal e as palavras de censura com que o jornalista, leviano ou sensacionalista, se referia à mestra caluniada!

B) Mais do que alhures, falharão aqui as tentativas de cura superficiais, diretas ou violentas. Mais que nunca, devemos *ir às causas* e eliminá-las, para cessarem os efeitos. Afastada a causa da vingança, esta desaparece, levando consigo a mentira que lhe era o instrumento.

● A fraqueza de caráter demanda tratamento cuidadoso, de larga base e duração. *Pede mais paciência* que rigor. Muito mais assistência que castigos.

● Nos casos mais rebeldes os especialistas serão chamados para diagnóstico e orientação.

Doença

Normalmente, aos 7 anos começa a declinar a discriminação entre o real e o imaginário. Vamos, porém, que ela persista, sem respeito à idade; que a fantasia continue envolvendo tôda a vida, submetendo ou misturando o objetivo ao sonhado. É provavelmente sintoma patológico.

● Quando, além da fase citada, a memória é tão falha que confunde os vários acontecimentos e suas circunstâncias, e a criança não é capaz de repetir de modo idêntico a mesma narrativa; ou quando, mais crescida, não oferece a devida resistência às sugestões, não se trata, infelizmente, de casos normais.

● Se a criança diz coisas abertamente inverídicas com desembaraço, e não percebe que fala inverdades, revela debilidade mental. Nêsses caso pode acontecer (graças a Deus, raramente) a mitomania. Os casos de surtos de mentira, mais ou menos agressiva, aparentemente sem motivo, serão provável epilepsia que se manifesta.

● Certas mentiras que revelam dissociações esquizofrênicas nunca aparecem sem outros sintomas de igual natureza.

B) Em todos êsses casos da histeria à esquizofrenia, o melhor é não protelar o exame médico. Não são para o tratamento do educador comum. Os pais bastam para a educação normal, como bastam para a saúde física normal. Quando os sintomas são mais graves, assim para os males do corpo como para os da mente, vai-se ao médico. E quanto mais cedo, melhor.

De modo geral

De muitos meios pode o educador lançar mão para corrigir a criança que falta à verdade. Vejamos os principais.

Ir às causas.

Em qualquer circunstância, o principal cuidado é indagar as causas. Por que mente esta criança? Conhecer a causa, se não é apenas a idade da fantasia, cuidar de removê-la. E como freqüentemente ela está mais em nós que nas crianças, lembremo-nos da água de S. Felipe de Néri: tomam-na os pais, saram os filhos... Isto é mais fácil de dizer que de fazer, pois supõe quase sempre a modificação do sistema de educação e do próprio ambiente doméstico ou social. Este último há de ser trocado, quando não podemos higienizá-lo.

Fazer amar a verdade.

O fim da educação da sinceridade é infundir amor à verdade, horror à mentira e à deslealdade, quaisquer que elas sejam, ainda pelos motivos aparentemente mais belos. Dar ao educando a coragem de manifestar (prudente e discretamente) as suas convicções, e de assumir a responsabilidade de seus atos.

Isto supõe processos educacionais capazes de *dar o gosto da verdade e o seu amor*.

Só o alcançaremos *atingindo a vontade do educando*, movendo-o no desejado sentido. Enquanto não o conseguirmos, estaremos apenas bordejando sem esperança de realizar a verdadeira educação.

Confiar na criança.

Um dos meios mais indicados para a cura da criança que mente (mentiras, não fabulação própria da idade) é confiar nela. “Fazer do ladrão fiel”, diz o brocardo. A

mentira revela quase sempre um êrro de conduta: quem procede bem não precisa mentir. Por sentir-se insegura, recorre à mentira, na esperança de firmar-se. A atitude do educador influirá decisivamente sôbre a criança faltosa:

- 1) com rigor e dureza, precipitá-la-á em novas e mais apuradas mentiras, a fim de escapar aos castigos;
- 2) com compreensão e bondade, desfará o mêdo, estabelecerá a confiança, abrirá caminho à verdade.

Mesmo apanhando-a em mentira, devemos dizer-lhe que confiamos nela e esperamos que nos corresponda. Não sômente dizer, mas agir assim:

- dando-lhe incumbências de confiança: a princípio pequenas, mas crescentes à medida em que ela corresponder;
- vigiando-a discretamente, para que a espionagem não a irrite;
- pedindo-lhe contas das tarefas, mas de modo amplo e generoso, que não denuncie suspeita nossa;
- renovando-lhe a confiança, mesmo que ela às vezes recaia (por fôrça do hábito ou da natural fraqueza);
- esquecendo (e calando para sempre) as faltas perdoadas.

Ainda quando um relato não nos satisfaz, devemos admitir que fala a verdade, até que o possamos esclarecer. Então, voltaremos ao assunto, com tranqüilidade e firmeza.

A experiência ensina que nas famílias em que as *crianças convivem intimamente com os pais*, em que êstes “perdem tempo” com educação e se interessam pela vida dos filhos, informando-se normalmente das suas atividades quotidianas, *a mentira é inexistente ou muito rara.*

Estimular.

Se os estímulos — prêmios, elogios, cumprimentos — impulsionam aos próprios adultos, quanto mais às crianças. A mentira lhes traz freqüentes vantagens na

ordem prática: escapam a castigos, conseguem dinheiro para guloseimas, etc. Decididas a falar a verdade, é preciso não se sentirem fraudadas. O educador deve compensá-las com vantagens reais, tantas e mais do que as conseguidas pela mentira. Assim, elas verão que vale a pena falar a verdade.

A autocrítica.

A consciência do homem normal é luz que não se apaga, é voz que não se cala, é verdade que não o engana. Eu minto aos outros; a mim mesmo, não.

O verdadeiro educador não pode esquecer a formação da consciência do educando. E deve interessá-lo profundamente e freqüentemente nesse trabalho fundamental de interrogar-se em face de Deus e de si mesmo. É pena que mesmo católicos só usem habitualmente do exame de consciência para a Confissão. Pagãos, como Sêneca, o queriam quotidiano. Eficaz sempre, êle o é, de modo especial, na correção do mentiroso. Pergunta êste a si mesmo: “Falei a verdade? Disse o que devia dizer? Corresponderam à verdade minhas palavras e atitudes? Fui honesto e leal nas minhas intenções? Sinto-me tranqüilo diante de Deus?” Respondendo a outrem, poderei enganá-lo; respondendo a mim mesmo, a consciência não permite enganar, ainda que eu os deseje. Levemos a criança a êsse exame, certos de que grandes êxitos êle nos proporcionará.

Princípios para a vida.

São os princípios que dirigem a vida moral. Inculcá-los é obrigação de todo educador. As bases religiosas, morais e sociais da sinceridade serão lançadas, com segurança, ao longo da educação, quer de modo direto (quando oportuno), quer como caindo por acaso.

As indicações do valor ético da franqueza e da lealdade, da confiança que merece o homem veraz, da cora-

gem moral que a verdade exige, ou, por outro lado, a repulsa à mentira, a lástima de não podermos crer no mentiroso, mesmo quando diz a verdade, a pena de quem assim compromete a própria honra, etc.. etc., podem sair-nos nas conversas, quando as circunstâncias o comportem. Isto vale mais do que os “sermões”, cujos efeitos são sempre menores do que a eloquência, quando não cansativos e contraproducentes.

E os castigos?

Ditoso educador, o que realizasse a missão sem recorrer a castigos. A maioria, porém, ainda não compreende que é possível corrigir sem punir. Sentem-se enfraquecidos, se não castigarem... Aplicando castigos (quanto mais severamente, melhor!) sentem-se realizados, mesmo que assim mais tenham feito pela perdição que pela emenda do filho! Triste, essa mentalidade.

A essência da educação da sinceridade está, como dissemos, em infundir na criança o amor à verdade. Castigos jamais o conseguirão. Os meios para consegui-lo ficaram apontados.

Concedo que sejam castigados os realmente mentirosos. E que o sejam mais pela mentira que pela falta conexa. Marina quebrou a jarra de estimação, e negou-o. Seja corrigida porque mentiu: seria poupada, se o tivesse confessado. Afinal, um acidente acontece a todos nós.

Convenho que quem está habituado a castigos estranhará se não o receber pelas mentiras. Julgará que os pais não as reputam mal.

Como, porém, os castigos, quanto mais severos mais aumentam e refinam as mentiras, aconselho aos que ainda não sabem desfazer-se dêles que os apliquem poucos e suaves. É a questão da insegurança: quanto mais ameaçadas, mais mentem as pobres crianças. O amor e o perdão conseguem mais. As crianças que mentem precisam mais de amparo que de punições.

Mentiriam menos, ou não mentiriam, se fôsem mais felizes.

A reparação dos danos acusados pela mentira (quando previstos pelos mentirosos) *não é castigo, é dever*. Assim, quem calunia tem obrigação de retratar-se, para repor o bom nome da sua vítima.

O pecado da mentira

Claro que mentir é pecado, muitas vezes indicado na Bíblia. Contrário a Deus, suma verdade, que nos deu a palavra para a sinceridade: “Seja o teu sim, sim; e o teu não, não”, disse Jesus. Anti-social, pois as relações humanas só oferecem segurança, se fundadas na verdade.

● No adulto, pode constituir pecado mortal, conforme a intenção e o dano previsto. Na Bíblia, as mentiras danosas foram castigadas com grande severidade. (1) Em crianças, a inconsideração escusa, em geral, de culpa grave, mesmo quando haja o desejo de vingança ou a preocupação clara de fazer mal a outrem.

● Na mentira em causa própria devemos distinguir:

— a fria e calculada, para auferir vantagens;

— a proferida por medo, esta de muito menor malícia. Quando Sara ouviu que ia ter um filho, riu, pois já não tinha idade. O Senhor a argüiu, e ela o negou: “Eu não ri”. O Senhor se satisfez em apontar-lhe a mentira: “Tu riste, sim.” (Gên 18,10-15).

● Para a mentira generosa, a Bíblia chega a ser... generosa também. Quando o faraó ordenou às parteiras dos hebreus que matassem os filhos-homens das mulheres que assistissem, elas não o fizeram, alegando que as hebréias eram tão fortes que davam à luz sòzinhas. A Bíblia realça o temor de Deus que as

(1) Os dois velhos que caluniaram Susana foram condenados à morte: Daniel, cap. 13.

parteiras revelaram, e cala a mentira que pregaram. (Ex 1,15-21).

● Não exageremos o pecado que possam cometer as crianças ao mentirem. Podemos infundir-lhes o arrependimento sobrenatural, pedir-lhes sinceridade por amor a Deus, ensinar-lhes que peçam auxílio divino para praticarem a sinceridade, e até falar-lhes do pecado, sem contudo sobrecarregar-lhes a consciência com uma culpabilidade acima de sua mente.

Na confissão, acusar-se-ão disto, como se acusam dos demais pecados.

O ORGULHOSO

Essa criança constantemente preocupada em mostrar as suas qualidades, inclinada a exagerar o seu valor e a fingi-lo quando não existe, a chamar atenções sobre si, sempre disposta a aparecer e ser notada, e que chega a tomar atitudes singulares no andar, na fala, nos gestos, é, sem dúvida alguma, uma criança orgulhosa.

Seu grande cuidado é impor-se à consideração alheia, salientar-se onde se encontre, estadear suas “altas qualidades”, da inteligência privilegiada aos cabelos bem penteados, da bonita voz aos vestidos, dos “variados” conhecimentos às habilidades esportivas.

Seu orgulho pode tomar variadas formas, mas ao termo refere tudo a si, e a si o atribui consciente ou inconscientemente, merecida ou imerecidamente. Na sua sêde de louvor, louva-se quando ninguém a louva; e até de defeitos se gaba, quando já não há qualidades e virtudes a realçar.

Outras vezes, conforme as circunstâncias, finge qualidades que não tem, jacta-se do que não fêz, excede-se nas medidas e nos modos, sem perceber o descrédito a que se lança, e o ridículo que se avizinha.

Ainda bem quando, para engrandecer-se, não desmerece a outrem nem o despreza.

O paranóide

Não é o orgulho simples, a vaidade infantil (mais tangida por adultos), a bobice da menina que exhibe os

cachos de cabelo ou do menino que mostra a fôrça física.

É o ensimesmado, permanentemente voltado para si, supervalorizando-se em tudo, egoísta profundo, centro do mundo, convencido de sua superioridade, que êle procura manter, exagerando seus merecimentos e diminuindo os alheios.

Presunçoso, sabe tudo, nada precisa que lhe ensinem, profere sentenças, reputa ignorantes os que não o aplaudem, quer sempre dar a última palavra nas discussões, porque não admite que contra êle possa alguém ter razão. Discute até com os professôres, e, como não os pode calar, gritar-lhes ou ridicularizá-los (como faz aos colegas), explica depois aos companheiros que “o professor se enganou”. E para sempre ter ocasião de exhibir-se, cultiva a mania de opposição, atacando o que outros louvam, ou louvando o que atacam, sem qualquer preocupação de coerência.

Para sustentar a falsa posição em que se coloca, amplia insignificantes vantagens reais, deforma os fatos em seu favor, completa-os com a imaginação, ou simplesmente entra na fabulação em que figura como herói, predestinado, necessário.

Inadaptado, hipersensível, não estabelece duradoura harmonia senão com os que se lhe sujeitam e reconhecem sua superioridade. Brigão, desobediente, insubordinado em casa e na escola, faz praça de sua indisciplina, reputando fracos os que obedecem (“porque não têm fôrça de vontade”). É freqüentemente também terror da vizinhança.

Insatisfeito quando não é o primeiro, taxa de injustas as notas escolares, acusa os mestres de parciais, reputa-se perseguido quando não vence, gosta de dominar nos jogos, sempre pronto a agravar as faltas alheias e desculpar as suas, embora mais graves e mais freqüentes.

O retrato é severo, mas fiel. Mercê de Deus, pouco freqüente com todos os característicos apontados. Mais encontradiços são os tipos atenuados, com alguns dêesses sinais, notando-se sempre a tendência à dominação, a mania de grandeza, a preocupação de transformar em escravos os que o rodeiam, e a facilidade de explodir à mínima contrariedade.

Trazendo do bêrço a constituição, manifesta-a desde pequenino, mas é na idade escolar e na adolescência que ela se pronuncia com mais clareza.

Fontes do orgulho

- Procede o orgulho do amor-próprio, que, sendo tão necessário e valioso em nossa vida, pode degenerar nesses excessos.

- Manifesta-se em pessoas medíocres e inteligentes; mas nestas revela falta de reflexão: pensando melhor no valor das coisas, mais se encontram razões para a humildade que para o orgulho.

- Bem analisado, o orgulhoso denuncia sentimento de inferioridade. De fato, quem tem real valor não precisa trombeteá-lo: depressa êle será reconhecido; e quem tem valor, não há por que fingi-lo; se é grande, não precisa exagerar; quem está certo de sua superioridade, até se vexa de alegá-la; e aquêle que se gaba, é que não confia em si.

- Revela também o orgulhoso grande ignorância do real valor das coisas, prezando o que pouco ou nada vale e cedo fenece, o que lhe foi gratuitamente dado por Deus, e de que nenhum merecimento tem, ou aquilo que nada representa de valor humano.

Os motivos

Os mais freqüentes motivos do orgulho são.

- dotes físicos, que variam segundo a idade e o sexo

- a inteligência, com a qual confundem também a memória e mesmo simples habilidades manuais.

- a riqueza, com as facilidades que proporciona à criança e que a separam das menos afortunadas

- a posição social, que enche de empáfia sobretudo os filhos dos figurões que perguntam aos “plebeus” se “sabem com quem estão falando”

- a família, cujo renome tradicional se cultiva através de sucessivos “varões assinalados”

- finalmente os êxitos pessoais, únicos que na verdade revelam às vêzes algum esforço e valor.

O ambiente

A natureza da criança orgulhosa é freqüentemente ajudada pelo meio em que vive. Os pais — a mãe especialmente — não se cansam de louvar-lhe a beleza e a inteligência. Compreende-se e aplaude-se que sejam encantados com os filhos; mas também se exige que sejam discretos, para não prejudicá-los. Quando a criança é realmente encantadora, padece maiores perigos: ninguém resiste ao gôsto de provar-lhe e elogiar-lhe as graças. Que Deus as proteja!

Os pais fomentam

- Há pais que não sabem pôr termo à sua vaidade: vão das gracinhas dos pequeninos às exibições de inteligência dos escolares. “Vá buscar o seu boletim para mostrar”. “Diga as capitais dos Estados do Brasil”. “Vamos fazer uma viagem de navio em redor da Terra”. “Quais são os presidentes da República, com as suas datas”. E as visitas se desfazem em louvores, mesmo avaliando a quanto custo foi aquilo estereotipado.

- Outros compram, a pêsso de elogios, a magra obediência dos filhos. “Vá, meu bem; uma menina bonita como você não desobedece ao papai.” Ou: “um menino inteligente como você”...

Subversão de valores

Parte freqüentemente o orgulho de errada noção de valores. A mãe, excessivamente preocupada com vestes, o pai a gabar-se de que foi convidado para jantar com o ministro tal, dão aos filhos eficazes lições de... vaidades. A pobre senhora que vive em cafés “soçaites”, exibindo futilidades, fruindo os sucessos de que jornais e revistas estampam os clichês, só por milagre pode ver a filha em caminhos de modéstia e bom senso.

● Na enxurria de concursos de beleza, rainhas de fancaria e desfiles de modas, vão as meninas perdendo a hierarquia dos valores e sendo arrastadas nas exhibições em que as mães, insensatas, as precipitam sem perceberem o mal que lhes fazem. E fazem também a si, porque, mais tarde, serão elas mesmas as vítimas da desobediência, da arrogância, da falta de senso dessas filhas “educadas” assim. Em vão procurarão fazer valer a sua autoridade: ela está enfraquecida, senão anulada; e no espírito dos filhos não há condições para a desejada ressonância.

Orientar o orgulhoso

O intuito do educador não é destruir o orgulho: como tôdas as paixões, êle é uma fôrça necessária, restando-nos moderá-lo e orientá-lo no sentido do bem. O brio, a estima de si, o cuidado do bom nome (1), o aprêço à dignidade pessoal, o sentimento de honra, as tradições da família encontram forte estímulo num comedido orgulho. Êste será para crianças e adolescentes fácil apoio, de que se libertarão aos poucos, na medida em que o espírito amadurecer e se firmar em valores mais altos e definitivos.

● Há mesmo um *nobre orgulho* a cultivar nas crianças, como o de uma família bem constituída e feliz,

(1) “Cuida de teu bom nome, pois êsse bem te será mais estável que mil tesouros grandes e preciosos”. (Ecl 31, 16)

da felicidade da fé católica, dos heróis nacionais — sem qualquer desprezo aos que, sem culpa, não nasceram de uniões legítimas ou não participam de nossa Religião.

● Bem orientado, o orgulhoso será um líder — e a formação de líderes é premente necessidade da pátria. Pôr a serviço do próximo êsses pequenos ambiciosos de glória será expediente valioso. As obras sociais de realização imediata, as organizações religiosas, a ajuda às Missões etc., ser-lhe-ão agradáveis. Os esportes são derivativo.

Hierarquizar os valores

Dar às crianças o *justo valor das coisas* é cuidado perene na educação: — beleza, força, habilidades são demasiado perecíveis; roupas e dinheiro nem sequer fazem parte de nossa pessoa; posição social e riqueza mais nos dão responsabilidade que honras: mais nos obrigam a ajudar o próximo; boa família aumenta-nos os compromissos, pois temos de mostrar-nos à altura dela (2).

● Devemos também ensinar a criança a *agradecer a Deus os dons* que Ele nos fez gratuitamente, sem qualquer merecimento nosso, e que nos podia ter negado sem nenhum direito nosso a reclamação: “Porventura não pode o oleiro fazer do mesmo barro um vaso de honra e outro para uso vulgar? (Rm 9,21). “Que tens que não recebeste? E se recebeste, por que te glorias, como se não o tivesses recebido? (1 Cor 4,7)

Não fomentar o orgulho

● Evitem os pais os elogios aos dotes físicos das crianças; e quando estranhos os fizerem, ponderem que

(2) “Somos filhos de santos e não devemos viver como pagãos que não conhecem a Deus”. (Tob 8, 5)

mais valem as qualidades morais, pois as pessoas valem não pela beleza, pela força ou pela inteligência, mas por suas virtudes;

- elogiem o *uso das faculdades*, o *esfôrço* feito, mas o façam com discrição, sem lisonja, emulando para o dever, porque pequenos e discretos elogios são por vezes proveitosos ou mesmo necessários;

- ensinem a prelibar a *alegria da consciência* que fez o bem, cumprindo o dever, ajudando o próximo, praticando a virtude: não há elogios nem prêmios que valham essa íntima satisfação;

- mostrem-lhes sobretudo que *nós valemos o que somos aos olhos de Deus*, e não nos modificam os juízos humanos: “Pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano. Meu juiz é o Senhor”. (1 Cor 4,3-4).

Assim, aos poucos, irão corrigindo as crianças orgulhosas.

Falar ao bom-senso

É preciso chamar a atenção do orgulhoso:

- mostrar-lhe a sem-razão da vaidade, o ridículo a que conduz, a humilhação que pode produzir;

- ponderar que mais se preza a pessoa modesta e simples que a emproada e soberba;

- falar-lhe a sós, bondosamente, apontando-lhe os erros que comete, tratando-o com mansidão mas com firmeza, sem humilhá-lo porque então se revolta, mas sem escusá-lo (êle se defende muito bem).

A sanção natural

Quando a criança vaidosa se vir nalgum embaraço, por suas gabolices ou exhibições, convém deixar que amargue, sem socorrê-la por muito que isto custe: aí está uma punição forte e natural. Depois o educador lhe falará a respeito.

Recursos sobrenaturais

Nós, cristãos, temos os elementos sobrenaturais da educação, e não podemos esquecê-los:

- as numerosas lições de humildade que nos deu Cristo (1)

- os perigos espirituais que nos acarreta o orgulho, porque “Deus resiste aos soberbos, e dá sua graça aos humildes. (Tg 4,6), e a soberba é uma fonte de numerosos pecados;

- o cuidado de fazer tôdas as coisas para glória de Deus, e não para nossa glória, porque o Senhor é o princípio e o fim de tôdas as criaturas (reta intenção);

- o exame de consciência até diário (e não apenas para as Confissões), procurando não sòmente as faltas mas *também suas causas*, encerrando-o com a detestação dos pecados e o propósito de evitá-los;

- a freqüente oração, para pedir a Deus a graça de resistir às tentações e de praticar uma sincera humildade;

- a *prática dos Sacramentos* da Penitência, que nos purifica, e da Eucaristia, que nos dá fôrças.

(1) “Aprende de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29).

“Quem se tornar humilde como esta criança, êste é o maior no reino dos céus” (Mt 18, 4).

“Quem se exalta será humilhado; quem se humilha será exaltado” (Lc 14, 14).

O elogio ao centurião que se humilhou, dizendo: “Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa” (Mt 8, 8).

E, em confronto com o fariseu orgulhoso e gabola, o elogio do publicano humilde: “Eu vos digo que êste voltou para sua casa justificado; e o outro, não” (Lc 18, 14).

E o da síro-fenícia:

“Em verdade, vos digo: Não encontrei tanta fé em Israel” (Mt 8, 10).

O PREGUIÇOSO

Agir é necessidade biológica da criança. Corpo e mente não se lhe desenvolvem sem movimento. Sua vitalidade é sinônimo de atividade, se é criança normal. Sendo exuberante, chega a *parecer-nos excessiva* sua movimentação.

O trabalho é natural e agradável a todo homem sadio, especialmente à criança sadia. A ociosidade lhe é insuportável. Para a criança não há maior castigo que a imobilidade.

O trabalho é necessário em todos os domínios — físico, intelectual ou moral — sem falarmos da luta pela subsistência. A própria vida é incessante atividade: no corpo, a respiração, a circulação do sangue e a digestão, sem as quais morreremos; na mente, sentir, comparar e julgar.

O que torna os homens infelizes é a fadiga excessiva, a ausência de êxito, a falta de correspondência entre o esforço e o indispensável à vida, a obrigação de realizar tarefas por que não sentimos gosto, a impossibilidade de realizar o que nos agrada, a associação da obra a idéias odiosas. Só por isto o vulgo execra o trabalho e faz do ócio um ideal... Mas o trabalho em si é fonte de alegria, pois realiza o homem, que, como diz Jó, “foi feito para trabalhar como a ave para voar” (5,7).

Haverá criança preguiçosa?

A criança “parada” dá logo idéia de doente. Ociosidade e infância normalmente se excluem. Tamanha

é a necessidade de ação da criança que médicos e pedagogos perguntam se as haverá preguiçosas — ou se não serão doentes (físicas, mentais ou psicológicas) as assim chamadas.

É precipitação acusar de preguiça a que não foi devidamente examinada pelo médico e pelo psicólogo.

Aliás, julgamos as crianças mais pelo que desejávamos que elas fôssem do que pelo que realmente são. Assim, chamamos preguiçoso o menino que *não quer fazer o que lhe impomos*, medindo-o pelos nossos gostos, e não pelos seus. Se êle não trabalha:

- não faz o que lhe mandamos;
- “não cumpre os seus deveres”;
- “só quer brincar e comer” (*sic*);
- fica com o livro na mão, mas com o pensamento

longe;

- só faz alguma coisa em nossa presença mas folga quando damos as costas;

- fica remanchando;

- irrita-se tão logo se lhe fala em trabalhar;

- é de tal moleza que dorme em pé;

- brinca o dia todo e, mal pega no trabalho, se queixa de cansado ou de dor de cabeça;

- só trabalha quando lhe “dá na veneta”...

É ou não preguiçoso? Pode ser que seja, mas também pode ser que não seja... Mais fàcilmente o chamarei doente, pois são de doença todos os seus sintomas. Nada, contudo, direi com certeza antes que o médico e o pedagogo tenham procurado *as causas* de suas atitudes. Essa criança procederá por defeitos de saúde física, distúrbios psicopáticos, desajustamento social, muito mais freqüentemente do que por preguiça.

É o que iremos ver.

Saúde física

Sendo a preguiça anti-natural, se a criança recusa trabalhar há de ser por causa muito séria.

● Aquela criança mole, que dorme em pé, é talvez *hipotirodiana*. Esta insuficiência glandular explica também as dores de cabeça e o cansaço de que ela se queixa.

● Ainda mias sérios se tornam êsses sintomas, quando provocados por mau funcionamento da *suprarrenal*; as fadigas são mais profundas, e a criança, perdendo a vivacidade, se torna astênica.

● Pergunte ao médico que transtornos podem causar as vegetações adenóides, as amígdalas inflamadas, o desvio do septo, as deformações torácicas... Ouça o homem da ciência, e então zombará menos das dores de cabeça e do cansaço de que se queixa o “preguiçoso”.

● Tôda mãe de família sabe de que é capaz o mau funcionamento do aparelho digestivo. Sendo habitual, causará enormes transtornos na sua vítima.

● Se, em lugar de médico e remédio, cuidados e carinhos, dermos a essas crianças castigos e xingações, só lhes faremos aumentar os males, agravando com desgostos e humilhações as suas deficiências.

● Pais que se negam a reconhecer as fáceis fadigas dos filhos são muitas vêzes responsáveis por elas. Deixam-nos a brincar até 9 e 10 horas da noite, ou — muito pior — nos excitantes programas de rádio e TV até mais tarde ainda. As crianças não repousam suficientemente, entram em *déficit* nervoso, tornando-se forçosamente “preguiçosas”, isto é, incapazes para o trabalho, agitadas, irritadas, instáveis, sem ânimo para levar a têrmo as tarefas escolares. Em vez de descontentar-se com o filho, devem êsses pais desgostar-se de si mesmos e procurar emendar-se.

Saúde mental

Numerosas perturbações psíquicas e psicológicas determinam também atitudes errôneamente denominadas de preguiça. Mais graves em si e por suas conse-

quências, são essas perturbações mais perigosas que as somáticas, pois não ficam tão facilmente à vista e se ocultam à maioria dos pais.

Apontemos algumas delas.

Protesto

A. Sentindo-se maltratadas pelos pais (com razão? tanto pior; sem razão? antes assim, mas a causa existe subjetivamente), as crianças reagem de maneiras muito diversas.

Contra exigências demasiadas, abusos de autoridade, métodos errados de educação, modos impróprios de tratá-los, trabalhos excessivos, imposições indébitas, repreensões injustas na essência ou na forma, elas manifestam o seu protesto, às vezes, sob a forma de “preguiça”.

- Umas, extrovertidas, gritam as suas razões.

- Outras cruzam os braços silenciosamente e gozam os efeitos de sua greve.

- Às vezes, umas e outras agem inconscientemente, e, tanto não é preguiça que, com outras pessoas e noutro ambiente, trabalham bem.

Mas, na verdade, não fazem o que lhes mandamos; ou escolhem os trabalhos que lhes agradam e deixam os outros; ou não fazem como queremos. Acontece baixarem repentinamente o rendimento, que era antes satisfatório.

Essa inércia ou *resistência passiva* é tão natural que os simples animais a manifestam. Cansado ou maltratado, o cavalo estaca e ninguém o demove. Alguns insetos, sentindo-se bloqueados, fingem de mortos!

Incapaz de resistir de outra maneira, a criança, inconsciente ou voluntariamente, procede assim. É a defesa dos mais fracos. A sua atitude, conforme a força dos motivos, pode ser de mera *defesa*, de claro *protesto* ou de aberta *vingança*. Irritados ou desconhecendo o sutil mecanismo interior, taxam-na muitos

de preguiça. A criança sabe que é defesa, protesto ou vingança. Os psicólogos, conciliatórios, dizem: “*preguiça*” de defesa, ou de protesto, ou de vingança.

B. Em qualquer de seus graus e manifestações, o primeiro cuidado é *descernir as causas*.

● Não são os educadores daquelas crianças os mais indicados para isto. O mais das vezes, é inconsciente o seu procedimento para com o educando. Por temperamento, formação ou sistema, são duros, e não percebem seus excessos. A própria família pode apontar-lhes o que devem corrigir.

● Nem sempre será tão fácil o tratamento: não se atinou com as causas. Ou não se descobriu se o protesto é ou não inconsciente. Como proceder? Só o exame do caso pelo psicólogo o poderá dizer.

● Descobertas as causas do conflito interior da criança, resta *removê-las*, modificando o adulto culpado o seu procedimento, — o que basta para modificar a criança — ou retirando da mente desta a causa subjetiva, para que se restabeleça a harmonia e funcionem calmamente os instintos sociais.

Retardamento afetivo

A. A psicologia profunda faz pasmar quem a desconhece, e chega a irritar os mais primários. Foi o que aconteceu a certo amigo meu, bom advogado, mas retrógrado em pedagogia. O filho, escolar relapso aos 11 anos, guloso como um bebê de 2, amigo do sono, comodista a valer, com horror a tudo que o tire de seus hábitos, que vive a criticar o trabalho alheio, e nada no entanto procura fazer, é, para êle, habituado a citar Lombroso nas tiradas oratórias do fôro, o tipo do *preguiçoso-nato*...

Riu, sincero e descrente, quando eu lhe disse que considerava o menor um *retardado afetivo*. Expliquei-lhe que essa demasiada afeição à mesa era infantilismo,

como também o eram o gôsto ao sono, o mêdo a novidades (a insegurança pueril prefere o que é habitual) a tendência a criticar sem propor soluções (por incapacidade) e a ausência de ação retificadora — porque o infantilizado tem horror a dar de si (esgotismo) e tudo quer receber dos outros.

Achou a explicação “muito engenhosa” e lhe admirou ver como era possível eu “passar a mão pela cabeça de um preguiçoso daquela marca”, e quantos outros desacertos!

● Já outros pequenos fingem de doentes para fugir ao trabalho. E sabem ser maneirinhos e amáveis para despertar penas, receber carinhos e ser tratados como bebês.

B. Verificada a diferença entre êstes casos e o retardamento glandular ou mental, o educador procurará:

- levantar o nível afetivo de seu pupilo;
- remover o que lhe detém o desenvolvimento normal;
- encorajá-lo por tarefas gradativamente ascendentes;
- despertar-lhe o gôsto do esforço, a satisfação do êxito do seu trabalho;
- estugar-lhe o passo para que vença o atrazo e se ponha em tudo na linha da sua idade.

Desinterêsse

A. Sendo o trabalho atividade tão natural, impressionam desagradavelmente as pessoas que “*não gostam de trabalhar*”. Tão estranhas realmente, antes deveriam merecer-nos penas, *como doentes*, do que deprêzo, como preguiçosos. De fato, essa *inércia psíquica* que não encontra prazer no trabalho, nem quando êste alcança o seu fim, só pode ser mórbida, pois não é normal.

● Outro é o caso da chamada “*preguiça*” *eletiva*, que escolhe as atividades que lhe agradam, e das outras foge.

● Em ambos os casos, o adulto reagirá por amor de Deus, por cumprimento do dever, por brio ou necessidade; mas quem está ainda em formação, compreende-se que fuja do que não lhe apraz.

B. Ao educador, contudo, cabe curar o inerte e corrigir o outro. Não comece, porém, apelando para os altos motivos acima indicados, porque *para os pequenos um motivo é tanto menos eficiente quanto mais elevado*. Ele compreende melhor os mais *imediatos*, e se deixa mais facilmente atrair por êles.

● Não o podemos deixar só com o que lhe agrada, mas não devemos privá-lo de suas ocupações favoritas. A estas *misturaremos gradativamente as outras*, ao mesmo passo em que, por meios adequados, lhe *infundiremos o gosto do trabalho e o amor ao dever*. Obrigá-lo por força esgota a vigilância do educador (em cuja ausência o trabalho cessa), e não move a vontade nem a atenção. Impor-lhe o que lhe desagrada é fixar a idiosincrasia, antes agravando que corrigindo o mal.

Adiante indicarei os meios a empregarmos.

Lentidão

A. Se há crianças (e adultos...) que remancham propositamente, há também as que são *naturalmente lentas*. As vezes, em tudo; outras, só nas atividades físicas, pois são vivazes e rápidas nas mentais.

● Pais e mestres (mal aparelhados) se irritam com elas e *lhes dificultam a vida* com exigências, prazos marcados para o término das tarefas, comparações odiosas com irmãos ou colegas rápidos, complexando as que assim procedem sem culpa.

● Quando, além disto, os pais são vaidosos, ai dos filhos lentos! Enquanto uns, medíocres de inteli-

gência, mas vivazes, são elogiados como “brilhantes” e “de futuro”, outros, na verdade mais inteligentes, refletidos, e realmente de futuro (como os fatos mostrarão) são postergados ou mesmo injuriados. O menos que lhes chamam é de lesmas...

B. Se a lentidão é propositada, enquadrar-se-á nas causas já expostas, e receberá o tratamento indicado.

Se é natural, pouco conseguirão os pais que desejarem quantidade, mas conseguirão muito quanto à qualidade. Dou a dois datilógrafos o mesmo trabalho: o primeiro o faz em 40 minutos, cheio de imperfeições que obrigam a reescrevê-lo; o outro gasta 1 hora, e o serviço é irrepreensível. Qual é o lento? Qual o preferível? Claro que o ideal será o rápido e perfeito; mas é também muito mais raro...

Mau exemplo

Muitas coisas, portanto, parecem, mas não são preguiça. Mas há crianças preguiçosas... por causa dos pais! A intenção não era esta, mas foi êste o resultado.

É “por amor” para com o “filhinho do papai” que

- lhe dão tudo à mão;

- mandam a empregada arrumar tudo quanto êle desarruma;

- criam-no sem o menor hábito de trabalho;

- deixam-no até os 8 e 10 anos sem saber atar os sapatos, ou pentear os cabelos, etc., etc., etc.

— e se admiram de que a “belezinha da mamãe” seja um dos “dez mais” preguiçosos do bairro ou da cidade.

Escusam-se certas mães que assim procedem, alegando que “felizmente estão em condições de pagar empregadas para o filho” — como vêzes sem conta, com profundo desgosto, tenho ouvido.

Quem assim “educa” não se deve espantar de que ao filho, crescido na ociosidade, repugne qualquer espé-

cie de trabalho. Também ao novilho indômito repugna o jugo e a charrua, e ninguém o chamará de preguiçoso.

Se a atitude dos adultos que cercam a criança não é de dedicação, mas de fuga ao trabalho, se as suas máximas são de elogio ao “dolce farniente”, se o ideal é enriquecer para não trabalhar; se invejam os que nada fazem — por que estranham se os filhos pensam e... agem assim? “Filho de gato é gatinho”: filho de preguiçoso... É a hereditariedade... pelo exemplo!

E não se castiga?

Relembro a distinção entre castigo e correção. Ao educador (como ao educando) não é o castigo que interessa, é a correção. O que importa é conseguir *que o menor alcance disposição para o trabalho*. Não é por castigos que o conseguiremos.

Quem já não sente atrativo para o trabalho ainda menos o sentirá se associar sua idéia à de castigo.

Quanto mais me impuserem tarefas desagradáveis, mais repugnâncias lhes votarei.

Há, no entanto, “castigos” que podem e devem ser impostos, em vista de seu caráter natural. Passeio, cinema, festa, certas guloseimas (refrigerantes, balas, etc.) são regalos que se negarão a quem não fêz por merecê-los.

É tão arraigada na maioria dos pais a tendência a punir que repito: só os preguiçosos, e em último recurso, receberão êsses castigos; os doentes precisam de remédios.

Atitudes gerais

O verdadeiro educador verá no *trabalho o mais importante meio educativo* natural. O educador cristão, que dá tão alto lugar aos meios sobrenaturais (oração, sacramentos, amor de Deus, estado de graça, cuidados de santificação), sabe que não há santidade sem sólidos funda-

mentos humanos, como não há construção duradoura sem alicerces seguros.

Do ponto de vista da higiene física e mental, *o trabalho condiciona o desenvolvimento harmônico das faculdades e energias necessárias à vida*, sem falar da situação econômica, à qual também é êle indispensável, trate-se de pobres ou de biliardários.

Que devem fazer os pais?

Educar para o trabalho

Nunca é cedo demais para começar. Muitos trabalhos pode a criança fazer desde pequenina:

- guardar os brinquedos e apanhá-los para jogar;
- deixar nos lugares próprios roupas e calçados que tirar;

- cuidar dos seus livros, etc.

A medida em que cresce, irá aprendendo a bastar-se, atendendo no que lhe é possível às próprias necessidades, como limpar os sapatos etc.

As meninas se encarregarão oportunamente de:

- fazer suas camas;
- arrumar suas roupas;
- varrer o quarto de dormir;
- ajudar na copa e cozinha;
- iniciar-se nas costuras domésticas;
- ajudar a cuidar dos irmãos menores, etc.

Os meninos vão a compras, ajudam no jardim, dedicam-se a trabalhos manuais.

Fazer amar o trabalho

Não com preleções, que as crianças desadoram. Mas com meios eficientes, que não faltam.

- Os pequeninos podem *associar o trabalho ao jogo*, de maneira que farão o que devem, sem distinguir os limites entre a brincadeira e o dever. Assim êste lhes irá deixando no espírito reflexos agradáveis.

● Proporcionar *condições favoráveis*: local apropriado à tarefa, duração compatível com as condições do sujeito, trabalhos agradáveis (aos quais se irão juntando pouco a pouco os menos aceites) e de acôrdo com o temperamento, as circunstâncias de saúde ou de educação.

Despertar interesse

Quando a criança não oferece boa disposição para o trabalho, é preciso despertá-la. Oferecer ocasião para vitórias fáceis, com resultados tangíveis: isto encoraja.

● Estabelecer discretas emulações, descobrindo o que mais a estimule: há quem se anime por motivos ideais, quem pelo amor-próprio e quem por vantagens extrínsecas — cabendo ao educador descobrir o ponto sensível e aproveitá-lo pedagógicamente.

● Colocar os menos dispostos entre companheiros laboriosos é de bom efeito, desde que não se estabeleça comparação, que tornaria odiosa a companhia. A própria criança perceberá a diferença, e reagirá, por brio. Ou os colegas a apontarão, com melhor resultado e mais autoridade que os adultos.

● Nada mais justo do que a recompensa ao esforço. Dêem-na, quando as crianças a merecerem. Não a prometam, ou só o façam em casos raros. Não transformemos em “suborno” tão valiosa medida pedagógica. Que ela venha como espontâneamente: “Muito bem. Você fez um excelente esforço. Quero dar-lhe uma recompensa *extraordinária*” — e diga o que é, mas sublinhe bem o “extraordinário”, mesmo sem chamar diretamente a atenção para isto.

● Outra maneira de estimular é apresentar o trabalho realizado aos amigos e visitas: um discreto louvor é ótimo reconfortante.

Pedir mais

Como a vida, a educação sobe ou declina. Iremos sempre pedindo mais esforços à criança: a idade aumenta, as possibilidades se desenvolvem, a capacidade se amplia — e é preciso que ela *produza mais e melhor*.

A suma preocupação do educador é formar o caráter: domínio de si, noção de responsabilidade, amor ao dever, busca da perfeição. O trabalho dos menores visa antes à formação moral que ao rendimento econômico.

● No comêço, contentar-nos-emos com a limpeza, a constância, o respeito ao tempo previsto.

● Mas apelaremos para *esforços gradualmente mais sérios*, que produzam mais em quantidade e sobretudo em qualidade.

Motivar bem

Vários são os motivos pelos quais devemos trabalhar:

- Deus o quer;
- Cristo nos deu o exemplo;
- o que fizeram os Santos e os sábios;
- as exigências sociais, a necessidade, os reclamos da saúde física ou mental, etc.

— ou, pelo avesso, a vergonha da preguiça, a inutilidade do preguiçoso, as tristes conseqüências da ociosidade, e quantas outras misérias.

Anotamos que as crianças aceitam mais os motivos menos perfeitos: êles são mais tangíveis, mais próximos, mais compreensíveis. Os mais elevados servem a mentalidades mais altas. Entre uma preleção sôbre o Filho de Deus simples operário em Nazaré, e o risco de perder o cinema — a criança “compreende” melhor o risco de perder o cinema...

Isto não significa que não motivemos elevadamente o trabalho. Devemos fazê-lo, sim, mas sem insistências

demasiadas. Não faltarão oportunidades para dizermos *de passagem* uma palavra sôbre o assunto:

- uma estampa de Jesus ou São José na oficina;
 - uma obra bem acabada;
 - a dedicação de um bombeiro, de um médico ou enfermeiro;
 - a descoberta de um sábio em favor da saúde ou do bem-estar dos homens;
 - a vitória de um homem que se fez por si;
- ou, também pelo avêssô, a decadência de um negligente, a ruína do môço que dilapidou a rica herança, a diferença que entre dois irmãos se estabeleceu pelo amor ou negação do trabalho.

Não esqueçamos que a melhor motivação é o exemplo e o ambiente de trabalho que o próprio lar oferece.



ESTE LIVRO FOI CONFECCIONADO NAS
OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" S. A., NA RUA
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,

PARA

EDIÇÕES R U M O S. A.,
1110 DE JANEIRO.

